

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

EDUARDO PINTO MACHADO

De aprendiz a *coach*:

O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física.

Porto Alegre

2015

EDUARDO PINTO MACHADO

De aprendiz a *coach*:

O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientador: Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2015

EDUARDO PINTO MACHADO

De aprendiz a *coach*:

O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física.

Conceito final: A

Aprovado em 31 de Agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Daniela Ripoll – ULBRA

Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Silvana Vilodre Goellner - UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Alex Branco Fraga - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Eduardo Pinto

De aprendiz a coach: O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de Educação Física. / Eduardo Pinto Machado. -- 2015.

115 f.

Orientador: Alex Branco Fraga.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. anabolizantes. 2. política da própria vida. 3. enhancement corporal. 4. experts. 5. musculação. I. Branco Fraga, Alex, orient. II. Título.

*Dedico este estudo à Natacha, por sua
infinita dedicação, paciência e amor.*

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que fizeram (e fazem) parte deste percurso. Primeiramente, agradeço a Deus, que colocou diversas pessoas iluminadas em meu caminho. Pessoas com características particulares e que foram fundamentais para minha chegada “até aqui”. Agradeço à Natacha (o amor da minha vida), a pessoa que me acompanha em todos os meus momentos; aos meus pais, minha irmã e meus avós, que, por meio de simples gestos, me incentivaram ao estudo desde pequeno. Ao meu sobrinho Maurício, que, com certeza, alçará voos tão altos quanto os meus. Ao meu cunhado Jacques que há anos me incentiva a estudar sempre mais. Aos meus demais cunhados, sogros e outros parentes, por compreenderem o quanto o ato de estudar mobiliza minha existência. Dedico, também, ao Pequeno, à Beatriz (Bia) e à Diana que, apesar das travessuras diárias, alegram a minha vida e são exemplos de amor incondicional.

A todos os meus professores, desde aqueles que ensinaram meus primeiros passos e palavras (família), aos do Ensino Fundamental, Médio, Graduação e Pós-Graduação. Prefiro não citar nomes, para não me esquecer de alguém. Todos foram, à sua maneira, importantes.

Aos colegas do tempo de graduação, que me instigaram a investigar sobre o tema dos anabolizantes, em especial ao meu grande amigo Carlos Figueiredo Alves, que foi um dos responsáveis por fazer este tema “correr em minhas veias”. Também agradeço ao Professor Waldemar Guimarães, que, por meio de seus livros, acendeu em mim uma paixão pelo “mundo anabólico”.

Aos colegas de Polifes, em especial ao meu orientador (ou melhor, meu *coach*) Alex Branco Fraga e ao meu “esfoliador” Humberto Cesaro. Tem um pouco de cada um de vocês nesta dissertação.

Aos colegas de trabalho, em especial, ao amigo e professor Fabiano Bossle, pelo apoio, convivência, reconhecimento e ensinamentos diários.

Aos colegas e professores do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, que sempre contribuíram e levantaram inquietações sobre o meu fazer científico. Se eu for citar nomes, com certeza iria esquecer-me de alguém.

Aos participantes deste estudo, que disponibilizaram seu tempo para conceder a entrevista e, portanto, são elementos fundamentais nesta dissertação. E aos que não colaboraram com a entrevista, mas deram ideias, dicas e direcionamentos.

Aos professores da banca de avaliação que, desde o processo de qualificação, foram fundamentais no direcionamento do estudo.

Meu profundo agradecimento a todos que, de alguma forma, incitaram em mim o desejo pela busca contínua do aprendizado e que me fizeram amar a educação e, sobretudo, a Educação Física.

Muito Obrigado!

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. **Natureza do Estudo:** Dissertação de Mestrado
2. **Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul
3. **Departamento:** Escola de Educação Física
4. **Programa:** Ciências do Movimento Humano
5. **Delimitação do Tema de Pesquisa:** Aprendizado sobre o uso de anabolizantes pelos estudantes de graduação em Educação Física.
6. **Problema de Pesquisa:** De que forma ocorre o aprendizado, a construção e o compartilhamento dos conhecimentos sobre a utilização de anabolizantes pelos estudantes de graduação em Educação Física?
7. **Objetivo:** Compreender como ocorre o aprendizado, a construção e o compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes pelos estudantes de graduação em Educação Física.

RESUMO

A utilização não-terapêutica de drogas anabolizantes está documentada na literatura médica como prejudicial à saúde e, na legislação brasileira, como infração penal ante à Lei das Drogas. Apesar dos alertas em diferentes recantos da mídia, cresce o uso destes medicamentos em meio à população brasileira. Entre os usuários, a maioria deles jovens praticantes de musculação, é possível perceber que muitos não apenas usam tais drogas com o propósito de obter ganho muscular, mas também desenvolvem conhecimentos cada vez mais sofisticados, e de várias ordens, sobre os diferentes efeitos dos anabolizantes no corpo humano visando seu melhor uso. Dada à relevância social deste tema e da relação direta com o campo da Educação Física, o presente relatório de pesquisa versa acerca do empreendimento de uma investigação *strito sensu* que buscou compreender o processo de aquisição, elaboração e compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre estudantes de graduação em Educação Física. O marco teórico que subsidiou este estudo contempla, principalmente, as discussões sobre as formulações de Nikolas Rose acerca das biopolíticas contemporâneas (políticas da própria vida), em articulação com os conceitos de *enhancement* corporal e *expertise*, além de também versar acerca da teoria da biossociabilidade de Paul Rabinow e da bioascese de Francisco Ortega. A parte mais densa do material empírico foi obtida a partir de entrevistas episódicas, entretanto, *sites* da Internet também serviram como fontes de informação complementar no processo de identificação sobre como ocorre a organização e sistematização do aprendizado em ambiente virtual. Os entrevistados descreveram o aprendizado sobre a utilização de medicamentos anabolizantes como algo considerado “proibido” frente aos elementos éticos e jurídicos e envolto em um clima de clandestinidade na formação inicial. A partir das entrevistas foi possível identificar que o aprendizado sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes é uma temática que apenas tangencia o percurso curricular formal dos acadêmicos de um curso de Educação Física. Também foi possível identificar, a partir do material empírico, que além da dimensão formal de aprendizagem na Educação Física, estes estudantes encontram, fora da graduação, as seguintes dimensões de aprendizagem sobre o tema: as academias de musculação, os fóruns virtuais da Internet e os *coaches*, considerados os guias da construção corporal por meio do uso do anabolizante. Há também uma última dimensão de aprendizagem que consiste no momento em que os sujeitos têm sua *expertise* reconhecida pelos pares do grupo quando, então, tornam-se *coaches*, passando a aplicar os conhecimentos sobre as modificações corporais não apenas em si mesmos, mas também em outras pessoas.

Palavras-chave: anabolizantes; política da própria vida; *enhancement* corporal; *experts*; musculação.

ABSTRACT

The non-therapeutic use of anabolic drugs is documented in the medical literature as harmful to health and, in Brazilian legislation, as a criminal offense. In spite of warnings in different media spaces, there is an increased use of these drugs among the Brazilian population. Among the users, most of them young bodybuilders, we observed that many not only use these drugs in order to develop muscle hypertrophy, but also acquire increasingly sophisticated knowledge, from several orders, about the different effects of anabolic drugs on the human body aiming at a safer use. Taking into account the social importance of this theme and its direct relation with the Physical Education area, this study aimed to understand the process of acquisition, development and sharing of knowledge about the use of anabolic steroids among undergraduate students of Physical Education. The theoretical framework that supports this study includes mainly discussions on the formulation by Nikolas Rose about contemporary biopolitics of life, in conjunction with the concepts of body enhancement and expertise, and also discusses about the biosociality theory by Paul Rabinow and the bioasceticism by Francisco Ortega. The densest element of the empirical material was obtained from episodic interviews; however, websites also served as data sources in order to identify how learning is organized on the internet. Interview participants described learning about the use of anabolic drugs as something considered "forbidden" in face of ethical and legal elements, and surrounded by a clandestine environment in initial training. From the interviews, we could identify that learning about the use of anabolic steroids is an issue that only touches the formative trajectory of the undergraduate students of Physical Education. We also identified, from the empirical data, that, besides the formal dimension of learning in Physical Education, these students find, outside the undergraduate course, the following learning dimensions about the theme: gyms, virtual forums, and the coaches. The coaches are the last level of learning about the use of anabolic steroids. In this stage, the subjects have their expertise recognized by their peers.

Keywords: anabolic steroids; body enhancement; bodybuilding; politics of life; experts.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MARCO TEÓRICO	19
2.1	MAPA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA: ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O USO DE ANABOLIZANTES.....	19
2.2	REPERTÓRIO CONCEITUAL: A CENTRALIDADE DO <i>ENHANCEMENT</i> E DA <i>EXPERTISE</i> NA MOVIMENTAÇÃO ANALÍTICA.....	25
3	DECISÕES METODOLÓGICAS: <i>EVERYTHING IS DATA</i> NA PESQUISA QUALITATIVA.....	34
3.1	DO ARTESANATO À “COZINHA”: A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO.....	35
3.2	ENTREVISTA EPISÓDICA COMO TÉCNICA DE PESQUISA	38
3.3	OPERACIONALIZANDO AS ENTREVISTAS: AFINAL “ <i>EVERYTHING IS DATA</i> ”, MAS NEM TODOS SÃO INFORMANTES.....	43
4	ROTAS DA APRENDIZAGEM: ENTRE A FORMALIDADE DO “AQUI DENTRO” E A CLANDESTINIDADE DO “LÁ FORA”.....	48
4.1	A FORMALIDADE DO “AQUI DENTRO”: O APRENDIZADO SOBRE OS ANABOLIZANTES NA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	48
4.2	O APRENDIZADO “LÁ FORA”: AS DIMENSÕES NO ÂMBITO DA CLANDESTINIDADE	55
4.2.1	Dimensão 1: o aprendizado na academia de musculação	56
4.2.2	Dimensão 2: o aprendizado na Internet.....	61
4.2.3	Dimensão 3: o aprendizado a partir dos <i>coaches</i>	68
4.2.4	Dimensão 4: o reconhecimento da <i>expertise</i>	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
	APÊNDICE A.....	97
	APÊNDICE B.....	105
	APÊNDICE C	107
	APÊNDICE D	108
	ANEXO A	109
	ANEXO B	110
	ANEXO C	112
	ANEXO D	113

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em um estudo sobre o aprendizado acerca da utilização de medicamentos anabolizantes com fins de *enhancement*¹ corporal pelos estudantes de graduação em Educação Física. O presente estudo opera ante a interface das temáticas *formação em Educação Física e Saúde*, e faz parte de um conjunto de estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisas ao qual sou filiado: Políticas de Formação em Educação e Saúde (Polifes), vinculado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF UFRGS).

Mas como cheguei até aqui? Como o estudo sobre o anabolizante entrou em minha vida? Considero que eu fui “escolhido pelo tema”. Estudar o “mundo dos anabolizantes” sob a perspectiva da formação em Educação Física é discorrer sobre um assunto que me interessa e afeta não apenas pelo viés intelectual, mas também pelo meu interesse nas questões referentes à formação em nível superior, à saúde e às representações sociais relacionadas à cultura corporal do movimento humano.

A “pergunta-embrião” que me motivou a estudar o tema no TCC, e a pôr em movimento o projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado, foi a seguinte: na medida em que muitas pessoas utilizam os anabolizantes na tentativa de obter um corpo (ainda mais) potencializado pela prática da musculação, como estes usuários aprendem a utilizar tais drogas com fins de hipertrofia muscular?

Quando ingressei na graduação em Educação Física já tinha vontade de compreender de que forma as pessoas aprendiam sobre o uso de anabolizantes. Ingressei na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF UFRGS), em 2006, aos 18 anos. A prática da musculação foi, sem dúvida, o maior motivo que me fez optar por este curso de graduação, já que desde os 15 anos de idade “puxava ferro” em academias, no intuito de conseguir uma musculatura hipertrofiada.

Logo no primeiro semestre do curso, deparei-me com colegas que possuíam motivações muito semelhantes às minhas, principalmente em relação à busca do corpo hipertrofiado pela prática da musculação. Com o convívio, percebi que a busca por este corpo era um tema que nos mobilizava a estudar, permeava nossos debates e nos induzia à construção em nossos próprios corpos de características

¹ Na literatura acadêmica, o termo inglês *enhancement* é traduzido para a língua portuguesa de diversas maneiras, como, por exemplo: aprimoramento, potencialização, desenvolvimento. Preferi por utilizar, nesta dissertação, o termo em inglês (idioma original).

físicas demarcadas pela hipertrofia. De certo modo, formávamos um grupo baseado em preceitos corporais. Mesmo que àquela época eu não tivesse conhecimento para tal, hoje posso afirmar que estávamos irmanados por um tipo específico de biossociabilidade (RABINOW, 1999; ORTEGA, 2008): uma segregação de acordo com nossos corpos, relacionada, principalmente aos critérios estéticos do grupo no qual nos inserimos, no caso, a hipertrofia muscular.

Com o envolvimento cada vez mais profundo com a prática de musculação, não demorou muito para o mundo dos anabolizantes se “descortinar” para mim. Primeiramente, comecei a ler as produções de Waldemar Guimarães (principalmente os livros *Musculação: Anabolismo Total*², *Musculação: Além do Anabolismo*³ e *Guerra Metabólica*⁴) buscando, inicialmente, informações sobre metodologias avançadas de treinamento. Todavia, percebi que o autor abordava de maneira bastante peculiar e sistemática sobre o uso “consciente” dos anabolizantes. Em nenhum momento ele fazia apologia ao uso de tais drogas em seus livros, pelo contrário, neles o autor mostra como os fisiculturistas profissionais administram estas drogas de forma racional, com o máximo de cuidado e planejamento. Quando me dei conta, tornei-me – como brincávamos entre os amigos na época de faculdade – um “autodidata em farmacologia”, pois já sabia o tempo de vida das drogas anabólicas no organismo, as combinações ideais entre os fármacos, o que deveria ser utilizado como “proteção” contra os efeitos colaterais e outras informações – que apesar de não serem discutidas abertamente nas disciplinas do curso de Educação Física – as “dominava”.

O corpo de quem está imerso neste modo de vida anabolizante, torna-se um laboratório de pesquisas ambulante. Dietas, suplementos, rotinas de treinamento, uso de drogas anabólicas: tudo que seja “rejeitado” pelos procedimentos éticos da ciência e venha a colaborar com a hipertrofia muscular parece estar apto a ser utilizado por alguns destes sujeitos. Waldemar Guimarães aborda em seu livro *Musculação: Além do Anabolismo* (GUIMARÃES NETO, 2006) que as experiências científicas com o uso de anabolizantes em humanos para fins de hipertrofia muscular só estariam ocorrendo se o nazismo tivesse vencido a segunda Guerra Mundial. Ele faz tal afirmação levando em consideração as experiências – promovidas pelo Dr.

² GUIMARÃES NETO, W. M. **Musculação: Anabolismo Total**. 6 ed. Guarulhos, SP, Phorte, 2002.

³ GUIMARÃES NETO, W. M. **Musculação: Além do Anabolismo**. 2 ed. Guarulhos. SP, Phorte, 2003.

⁴ GUIMARÃES NETO, W. M. **Guerra Metabólica: Manual de Sobrevivência**. 2 ed. Guarulhos. SP, Phorte, 2005.

Mengele (médico do III Reich da Alemanha durante a Segunda Guerra) – utilizando os humanos que estavam nos campos de concentração.

Naquela época, sentia-me como um discípulo de Waldemar Guimarães e, dentre as incumbências que me autoimpunha, estava a “pregação do anabolismo consciente” entre as pessoas. Uma experiência que vai ao encontro desta “pregação” é a aula que ministrei na disciplina de Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio, no ano de 2009. Por coincidência, meu atual orientador de Mestrado era também meu orientador de estágio na época. Na ocasião, por solicitação das professoras e dos alunos da Escola de Ensino Médio em que era realizada a prática de estágio, ministramos uma aula integrada entre as disciplinas de Educação Física, Biologia e Química. Meu colega na ocasião também era praticante da musculação e pertencente ao grupo dos marombeiros da ESEF UFRGS. Nesta aula, buscamos esclarecer as dúvidas dos alunos sobre a utilização dos anabolizantes, mostramos os efeitos negativos e positivos decorrentes da utilização destes recursos e, principalmente, o “preço que se paga” em meio à busca de um corpo hipertrofiado.

Na graduação em Educação Física a temática dos anabolizantes permeou meus estudos e foi o “fio condutor” de minhas leituras. Diferentemente de muitos colegas, eu não estudava o anabolizante sob o viés da farmacologia ou dos princípios biodinâmicos, fisiológicos e bioquímicos. Eu estudava sob de outra perspectiva, a partir da análise de relatos constantes em um fórum virtual da Internet, a qual culminou no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação (MACHADO, 2009).

Atualmente, como Técnico em Assuntos Educacionais lotado na Comissão de Graduação do Curso de Educação Física da ESEF UFRGS, deparo-me diariamente com diferentes perfis de alunos. Nessa nova posição, mais uma vez me chama a atenção um perfil muito particular: aquele aluno que inicia a graduação em Educação Física já “seduzido” pela prática avançada de musculação. Mas como é possível identificar alunos que ingressam no curso de Educação Física motivados por esta prática? Para quem já pertenceu à tribo de praticantes de musculação não é difícil “ler” os códigos estampados nos corpos destes alunos. São corpos que, como diz Courtine (1995), “pesam ao olhar alheio”.

Até me efetivar como servidor público federal lotado na ESEF UFRGS, e em meio ao desenvolvimento do anteprojeto de mestrado, necessitei ficar um período

afastado da musculação e dedicar-me mais intensamente aos estudos e ao trabalho. Comecei, então, a olhar as questões que envolviam a utilização dos anabolizantes sob uma lente mais crítica. Percebi a existência de um “dilema sanitário”: alunos buscavam (e ainda hoje parece que seguem buscando) em um curso da área da saúde conhecimentos catalogados na literatura científica como um atentado sanitário. Conseqüentemente, uma das inquietações que mobilizou minha atenção logo no início da produção desta pesquisa foi a seguinte: o que leva os estudantes a acreditarem que na graduação em Educação Física encontrarão conhecimentos desta ordem?

Diante destas circunstâncias, justifico a realização deste estudo junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano por dois aspectos. O primeiro seria a relevância acadêmica: já que, por um lado, a literatura científica (principalmente a biomédica) atesta a existência de danos à saúde proveniente do uso não terapêutico de esteroides anabolizantes, por outro, não pesquisar sobre a utilização dos anabolizantes para fins não terapêuticos impossibilita a compreensão sobre a magnitude deste uso (CECCHETTO; MORAES; FARIAS, 2012). Logo, passa a ser importante entender de que forma seria este “uso não médico”⁵. Onde se aprendem conhecimentos sobre os modos de usar e administrar estes fármacos? Como se constitui este sujeito que utiliza os anabolizantes e como ele aprimora (se é que aprimora) estes conhecimentos na graduação em Educação Física?

O segundo aspecto é o que denomino de relevância social: constantemente os grandes veículos de comunicação (televisão, Internet e jornais) apresentam reportagens sobre prisões de vendedores e fabricantes de anabolizantes como se estes fossem, à luz da lei, traficantes de drogas. Até mesmo o Conselho Regional de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul (CREF/RS) promove campanhas que relacionam a utilização de anabolizantes a um “risco mortal”⁶. Estas campanhas são decorrentes da Lei nº 12542 de 29 de Junho de 2006, promulgada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2006), que obriga as academias de ginástica, clubes desportivos e estabelecimentos similares a exibirem placa advertindo sobre as conseqüências do uso de anabolizantes. Nestas placas deve constar a frase: “o

⁵ O uso não médico é aquele que utiliza tais remédios sem fins terapêuticos. Os medicamentos anabolizantes são drogas utilizadas nas terapias de reposição hormonal, tratamento de doenças como o câncer e a anemia.

⁶ É possível visualizar uma das imagens que devem constar obrigatoriamente nas academias no link http://www.crefrs.org.br/image/placa_advertencia.jpg (Anexo A)

uso de anabolizantes prejudica o sistema cardiovascular, causa lesões nos rins e no fígado, degrada a atividade cerebral e aumenta o risco de câncer”. Como forma de divulgação, o CREF/RS encaminha às academias cartazes (disponibilizo um deles no Anexo A) nos quais há a imagem de uma seringa saindo pelo cano de um revólver. Uma campanha repressiva calcada em uma “pedagogia do terror”⁷ (GUIZZO; KRZIMINSKI; SANTOS; 2002). Mas então, se faz tanto mal à saúde, por que tantas pessoas continuam insistindo em utilizar anabolizantes na busca de um corpo hipertrofiado pela prática da musculação? Uma pedagogia do terror tão ostensiva não estaria induzindo ao aprendizado “clandestino” sobre o uso de anabolizantes?

As polícias investigativas brasileiras como, por exemplo, a Polícia Civil do Estado do Rio Grande do Sul – (PCRS), frequentemente realizam apreensões de drogas anabolizantes. No dia 20 de fevereiro de 2014, a PCRS efetuou a maior apreensão de anabolizantes já realizada no estado do Rio Grande do Sul⁸. Um laboratório que funcionava em uma sala comercial alugada foi descoberto pela polícia, que na ocasião prendeu dois homens em flagrante. Os fármacos anabolizantes eram enviados pelos correios para compradores de todo o Brasil. O próximo passo da investigação – conforme o relato dos policiais na reportagem – seria descobrir qual a origem destas drogas, provenientes de outros laboratórios clandestinos e de indústrias veterinárias.

No decorrer do ano de 2015, duas notícias repercutiram a mídia nacional e regional, respectivamente: a operação da Polícia Federal intitulada “Ciclo Final” fechou três laboratórios que produziam fármacos anabolizantes em diversas regiões do Brasil⁹; e o fechamento de uma farmácia que vendia – sem exigir receita – medicamentos aprovados pela vigilância sanitária. Esta farmácia era um local no qual os anabolizantes (ditos *pharma grade*¹⁰) eram vendidos de forma irregular em Porto Alegre, a qual também abastecia diversas cidades do Rio Grande do Sul.

⁷ Utilizo esta expressão em menção a Guizzo, Krziminski e Santos, que apresentaram no Salão de Iniciação Científica da UFRGS do ano de 2002 estudo sobre os discursos presentes nas campanhas de prevenção ao HIV/AIDS, nos quais foram identificadas representações sobre este discurso intimidador, que tem como objetivo “chocar o público alvo”.

⁸ Reportagem completa disponível em <http://globoTV.globo.com/rbs-rs/rbs-noticias/v/policia-civil-realiza-maior-apreensao-de-anabolizantes-ja-feita-no-rs/3162942/>

⁹ A operação “Ciclo Final” não levou esse nome à toa. Ciclo é o protocolo de administração dos anabolizantes. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/04/operacao-contracomercio-ilegal-de-anabolizantes-prende-15-pessoas.html> (Anexo B)

¹⁰ *Pharma Grade* são os anabolizantes de maior “confiança” quanto à procedência, pois são os medicamentos fabricados pelos laboratórios de renome, para utilização em humanos no tratamento de doenças e vendidos em

Já que não há uma legislação específica para enquadrar o tráfico de anabolizantes, as polícias investigativas enquadram tais práticas na “Lei de Drogas”¹¹. De acordo com o artigo 66 da Lei das Drogas “denominam-se drogas substâncias entorpecentes, psicotrópicas, precursoras e outras sob controle especial, da Portaria SVS/MS nº344, de 12 de maio de 1998.”¹² (BRASIL, 2006).

Afinal, o quão ilícito é o comércio de anabolizantes sem receita médica? A Lei nº 9965, de 27 de abril de 2000¹³, identifica o que são os medicamentos anabolizantes, entretanto, ela é sucinta e apenas tem força para restringir a venda destes fármacos. Além disso, esta lei é subordinada à Legislação das Infrações Sanitárias (Lei nº 6.437/1977)¹⁴, estando o infrator sujeito aos processos e penalidades¹⁵ previstos nesta última. Cabe frisar que as penalidades decorrentes às infrações sanitárias não atingem nas esferas civis ou penais o sujeito envolvido na irregularidade (BRASIL, 2000). Logo, se o vendedor de anabolizantes for enquadrado na Lei nº 6.437/1977, não estará cometendo um ilícito penal, mas, sim, apenas uma infração sanitária.

Levando em consideração este hiato penal entre a Lei das Drogas e Lei nº 6.437/1977, das Infrações Sanitárias, não há como tipificar a venda dos anabolizantes como tráfico de drogas (com sanção penal), pois estes medicamentos não se enquadram no conceito de substância entorpecente nem determinam dependência física ou psíquica como tipificado na Lei das Drogas. Já houve uma proposta de alteração na Lei das Infrações Sanitárias, mais especificamente no segundo artigo, no intuito de tipificar a venda de tais drogas como crime passível de punição com penas equivalentes às de tráfico de entorpecentes, sob a seguinte justificativa:

A dispensação e a venda de anabolizantes sem receita médica são, atualmente, tipificadas como infrações à legislação sanitária federal, sujeitando o infrator a penas de advertência, interdição, cancelamento da licença e multa. Os recentes episódios de uso dessas substâncias por adolescentes em Goiás, Distrito Federal e

farmácias. Reportagem disponível em <http://www.radioguaiba.com.br/noticia/farmacia-que-vendia-anabolizantes-e-medicamentos-sem-apresentacao-de-receita-e-interditada-na-capital/> (Anexo C)

¹¹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm

¹² Disponível em <http://www.anvisa.gov.br/scriptsweb/anvisa/legis/VisualizaDocumento.asp?ID=939&Versao=2>

¹³ Disponível em http://www.planalto.gov.br/Ccivl_03/LEIS/L9965.htm

¹⁴ Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L6437.htm

¹⁵ Dentre estas sanções, constam: advertência; multa; apreensão e inutilização do produto; interdição do estabelecimento em que ocorre a fabricação e/ou a venda; além de uma multa, que varia de acordo com a gravidade da infração.

Minas Gerais, resultando em várias internações hospitalares e pelo menos três mortes, estão para demonstrar que é preciso fazer alguma coisa a respeito. A proposição que ofereço à consideração dos nobres colegas senadores objetiva tipificar a venda de anabolizantes como crime – e não como infração à legislação sanitária – e aumentar as penas para quem os comercializa sem prescrição médica. É nosso entendimento que essa alteração na lei que trata da matéria terá caráter dissuasivo sobre as pessoas que se dedicam a esse negócio, contribuindo para inibir sua prática nefasta e reduzir a ocorrência de acidentes como os citados.

Sala das Sessões, 19 de abril de 2005. – Papaléo Paes¹⁶.

Entretanto, após longa tramitação, o Projeto de Lei que buscava alterar o segundo artigo da Lei nº 6.437/1977, que versa sobre as sanções e penalidades aos infratores, foi arquivado¹⁷ com o término do mandato do Senador proponente, conforme prevê o regimento interno do Senado Federal.

Levando em conta estas indagações, motivações e justificativas, emerge o problema que passou a ser o fio condutor da pesquisa que originou esta dissertação: de que forma ocorre o aprendizado, a construção, e o compartilhamento dos conhecimentos sobre os anabolizantes entre os estudantes de graduação em Educação Física?

A partir desta problematização desenvolvi o objetivo central desta dissertação: compreender como ocorre o aprendizado, a construção e o compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre os estudantes de graduação em Educação Física.

Para dar conta desta temática sob a forma de relatório de dissertação de mestrado, estruturei o texto da seguinte forma: os elementos pré-textuais (capa, folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, dados de identificação, resumo, *abstract* e sumário); os elementos textuais, divididos em cinco capítulos, incluindo a presente introdução e as considerações finais, sete seções e quatro subseções; e os elementos pós-textuais (referências, quatro apêndices e três anexos).

O Capítulo 2 tem como intuito apresentar os marcos teóricos que guiam esta dissertação. Primeiramente, desenvolvo o marco teórico referencial, no qual

¹⁶ Disponível em

<http://legis.senado.gov.br/diarios/BuscaPaginasDiario?codDiario=3065&seqPaginaInicial=16&seqPaginaFinal=16>

¹⁷ É possível observar a tramitação, da criação ao arquivamento, deste Projeto de Lei no link:

http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=73213

apresento o que já foi publicado até maio de 2015 na comunidade acadêmica, a partir de buscas que realizei em portais que abrigam a produção científica nacional e internacional. Esta varredura sistematizada teve como função não só analisar o que vem sendo produzido nesta temática e nas temáticas afins, mas também evidenciar o grau de originalidade¹⁸ desta dissertação. Posteriormente, apresento o marco teórico conceitual, no qual discorro sobre as teorizações que subsidiaram a análise e discussão do material empírico.

O Capítulo 3 consiste na descrição da metodologia utilizada para a produção do material empírico deste estudo, que consistiu, principalmente, na realização de entrevistas episódicas. Também utilizei a internet como fonte de informações, principalmente no que se refere à identificação da organização das formas de aprendizagem no ambiente virtual. Além da fundamentação metodológica, também apresento os procedimentos adotados na análise do material prospectado.

O Capítulo 4 trata da discussão a partir da análise do material empírico. Desenvolvi este capítulo a partir de dois movimentos analíticos. No primeiro movimento abordo a temática da graduação em Educação Física (uma dimensão formal de aprendizagem) e relaciono o ingresso de estudantes neste curso com a busca pelo aprendizado sobre a utilização de anabolizantes. No segundo discorro sobre quais foram as demais dimensões de aprendizagem que os participantes da pesquisa relacionaram à formação de um *expert* na utilização de anabolizantes. Dentre estas dimensões de aprendizagem sobre a utilização dos anabolizantes, discorro sobre o aprendizado na academia de musculação, nos fóruns virtuais, e com os *coaches*. Também destaco, neste segundo movimento analítico, o que considero o último estágio do aprendizado sobre a utilização dos anabolizantes: quando a *expertise* é reconhecida e o aprendiz se torna mestre; começando a modificar não apenas o próprio corpo, mas também o corpo das outras pessoas.

Por fim, no Capítulo 5, referente às considerações finais, retomo as questões centrais do trabalho de pesquisa desenvolvido e apresento possíveis desdobramentos para o desenvolvimento de futuros projetos investigativos sobre este tema.

¹⁸ É importante, conforme indica Cesaro (2012), distinguir originalidade de ineditismo. “Um trabalho de pesquisa pode ser original mesmo que seu tema seja compartilhado com outros trabalhos e até mesmo quando os problemas de pesquisa e objetivos são semelhantes. A originalidade está na abordagem de cada pesquisador, nas escolhas metodológicas que faz, na forma como olha e escuta seus/suas colaboradores” (CESARO, 2012, p. 40).

2 MARCO TEÓRICO

Para Tobar e Yalour (2001), o desenvolvimento de um marco teórico proporciona ao pesquisador subsídios importantes na sistematização do processo de investigação científica. O marco teórico funciona como uma memória escrita que proporciona uma gama de direcionamentos e conceitos aos quais o pesquisador pode recorrer para dar um sentido aos fatos que pretende estudar (TOBAR; YALOUR, 2001).

Este capítulo está dividido em duas seções: na Seção 2.1 desenvolvo um mapa da produção acadêmica, a partir das publicações que já circulam dentro do escopo desta dissertação; na Seção 2.2 apresento o repertório conceitual que sustenta esta dissertação, no intuito de mostrar quais são as teorias as quais me filio e que serviram como subsídio para a operacionalização dos movimentos analíticos do capítulo de discussão.

2.1 MAPA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA: ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O USO DE ANABOLIZANTES.

Construí o marco teórico referencial neste estudo a partir de uma revisão de literatura que versasse sobre as questões referentes à utilização dos esteroides anabolizantes entre os estudantes de graduação em Educação Física. Não foi uma tarefa simples, principalmente pela inexistência de produções científicas que abordassem, simultaneamente, temas como anabolizantes, estudantes de educação física, *enhancement* corporal e biossociabilidade. Entretanto, a seguir, apresento os métodos e procedimentos utilizados na busca que fiz nos bancos de dados digitais que abrigam a produção científica contemporânea nacional e internacional.

A escolha das bases de dados foi o primeiro passo dado em direção à revisão na produção científica sobre os anabolizantes produzida até o momento. Os locais escolhidos foram o Portal de Periódicos da CAPES¹⁹; o Repositório Institucional da UFRGS (LUME)²⁰; o Google Acadêmico²¹; e o Banco de Teses da Capes.²²

¹⁹ Periódicos da CAPES: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> foi escolhido por ser uma base de dados com produções nacionais e internacionais de acesso livre aos vinculados à UFRGS, e com mais de 31 mil publicações, de forma a cobrir as mais variadas áreas do conhecimento.

²⁰ Repositório Institucional da UFRGS (LUME): <http://www.lume.ufrgs.br/> foi escolhido por abrigar as teses e dissertações produzidas na Instituição a qual sou vinculado.

O segundo passo, após escolha dos locais em que ocorreriam as buscas, foi elencar os termos chave e o modo como os utilizaria nestes buscadores (se faria uma busca restrita ou uma varredura mais geral). Os termos escolhidos foram aqueles que se mostraram fundamentais na pesquisa e se repetiram frequentemente em minhas leituras de embasamento teórico durante boa parte do processo de produção desta dissertação. São eles: anabolizantes, biossociabilidade, bioidentidade, e *enhancement*. Como decidi por uma busca mais ampla nas bases de dados, principalmente por considerá-los termos não específicos apenas à Educação Física, fiz uma análise dos títulos e resumos de cada estudo na tentativa de direcionar minha análise àqueles que, de alguma forma, convergem com minha perspectiva teórica de estudo e com o perfil de sujeito participante traçado para esta pesquisa (estudantes de Educação Física).

Realizei a primeira varredura nas bases de dados supracitadas no mês de maio de 2014. Em meados de abril de 2015, realizei uma última busca em tais bases no intuito de verificar se foi publicada alguma produção nova relacionada a tais temáticas. Além disso, sistematizei a organização dos achados da seguinte forma: quando localizava muitas produções sobre aquele termo, elaborava tabelas para facilitar a disposição dos registros, conforme disponibilizo no Apêndice A.

No Portal de Periódicos da CAPES, ao inserir, em meados de março de 2014, o termo “anabolizantes” encontrei 224 artigos, sendo que detive atenção a 112 deles, publicados em periódicos revisados por pares. Ao realizar novamente a busca em meados de maio de 2015, encontrei mais 26 publicações relacionadas ao tema “anabolizantes” além daquelas já encontradas na busca anterior. Para organizar minha análise, dividi esta gama de produções em três categorias:

1) que poderiam contribuir de forma direta ao meu tema de pesquisa e, por isso, mereceram uma análise especial (Apêndice A - Tabela 1). Dos 26 artigos publicados entre março de 2014 e 13 de maio de 2015²³, destaco na tabela seis artigos, os quais eu considere importantes, direta e indiretamente, para a discussão dos capítulos posteriores e, sobretudo, para saber como operacionalizar meu fazer científico;

²¹ Google Acadêmico: <http://scholar.google.com.br/> por ser uma ferramenta de fácil acesso, aos acadêmicos e à população em geral.

²² Banco de Teses e Dissertações da CAPES: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>: local onde está abrigada a produção dos programas de pós-graduação do cenário nacional.

²³ Data em que encerrei a varredura para a elaboração deste relatório final.

2) que tangenciavam o meu tema de pesquisa com assuntos referentes ao *doping* no esporte²⁴; aos aspectos psicológicos da busca pelo corpo hipertrofiado²⁵; à utilização de drogas recreativas por universitários²⁶; à produção o comércio e a falsificação de medicamentos no Brasil²⁷; à dependência da prática de exercícios físicos²⁸; a efeitos colaterais hepáticos relacionados ao uso de esteroides anabolizantes²⁹.

3) a terceira categoria foi construída com os artigos que não possuíam relação direta nem tangenciavam de alguma forma o tema: a maioria deles tratava da utilização de anabolizantes na produção de carne de corte ou sobre análises dos anabolizantes sob a perspectiva biodinâmica (fisiológica, bioquímica, cineantropométrica).

O Google Acadêmico também foi um local onde busquei as produções atuais acerca do tema de pesquisa. Em março de 2014, quando realizei a primeira busca neste site pelo termo “anabolizantes”, foram localizados 5860 artigos e outras formas de produção (livros, textos, etc.), sendo que muitos destes também haviam sido encontrados na busca realizada no Portal de Periódicos da Capes. Em função disso, fiz uma varredura a fim de comparar e descartar desta lista aqueles que já estavam contemplados pela anterior (Apêndice A - Tabela 2). No interstício entre março de 2014 e maio de 2015, foram disponibilizados no Google Acadêmico 616 novas publicações que versam direta ou indiretamente sobre a temática anabolizantes. A fim de não acrescentar artigos desnecessários nesta listagem, realizei a leitura dos títulos, resumos e bibliografias destas publicações e descartei aquelas que já haviam sido analisadas no momento em que realizei a busca no Portal de Periódicos da Capes. Estes seis artigos encontrados na segunda varredura constam na Tabela 2 do Apêndice A desta dissertação.

No Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME UFRGS)³⁰, ao pesquisar as produções em teses e dissertações, em março de 2014, utilizando o termo “anabolizantes”, foi possível localizar 83 estudos disponibilizados para acesso público nesta base. Àquela época, após análise dos

²⁴ (AQUINO NETO, 2001; DA SILVA, DANIELSKI e CZEPIELEWSKI, 2002)

²⁵ (AZEVEDO *et al.*, 2012).

²⁶ (DE ANDRADE *et al.* 2012)

²⁷ (DINIZ e CASTRO, 2011; AMES e SOUZA, 2012).

²⁸ (VIEIRA; DA ROCHA; FERRAREZZI, 2010)

²⁹ (MARCACUZCO QUINTO; MANRIQUE MUNÍCIO; LOINAZ SEGUROLA; JIMÉNEZ ROMERO, 2014)

³⁰ Repositório Institucional da UFRGS: <http://www.lume.ufrgs.br/>

títulos e resumos elenquei três produções que acrescentaram ao estudo desta dissertação (Apêndice A - Tabela 3). Destaco, também, nesta tabela, três novas produções relacionadas diretamente ou que tangenciavam o tema, inclusas no LUME após março de 2014.

No Banco de Teses e Dissertações da CAPES³¹, ao realizar a busca para o em março de 2014, encontrei 17 teses que mencionavam de alguma forma o termo “anabolizantes” no título ou no decorrer do texto. Realizei esta busca, novamente, em maio de 2015 a fim de verificar se havia alguma nova publicação, entretanto, as mesmas 17 produções foram encontradas. Destaco, desta lista, duas produções que convergem com a temática deste Projeto (Apêndice A - Tabela 4). Dentre os demais trabalhos localizados no Banco de Teses da Capes, há ainda produções que versam de forma tangencial à temática dos anabolizantes. Por exemplo, a tese de Santos (2011), intitulada “Sensor eletroquímico para determinação de esteroides anabolizantes: uso em controle de dopagem no esporte”; a dissertação de Salvador (2012), intitulada “Efeito da associação entre decanoato de testosterona e decanoato de nandrolona no músculo cardíaco de ratos wistar submetidos à natação”; e a tese de Schwingel (2012), intitulada “Espectro de alterações hepáticas em usuários de esteroides anabolizantes”. Apresento os títulos destas produções aqui apenas para demarcar o quão densa e diversificada é a gama de pesquisas envolvendo os esteroides anabolizantes na Pós-Graduação brasileira e o quão difícil foi fazer uma revisão de literatura condizente com a perspectiva teórico-metodológica utilizada nesta dissertação. Destaco, também, nesta tabela, que não surgiu, após março de 2014, no Banco de Teses da Capes produção com a temática anabolizantes.

Com a revisão sistemática de literatura “criando corpo” tive a oportunidade de conhecer a produção de Trabal (2013), professor francês que esteve visitando à ESEF UFRGS em 15 de abril de 2014, coincidindo com o período em que publicou um artigo na Revista Movimento, editada nesta Escola.

Neste artigo, no que tange a utilização do *doping*, Trabal (2013), versa sobre uma questão importante: e se os esportistas que se dopam quisessem “fazer direito”? Para o autor, este “fazer direito” seria uma utilização consciente do anabolizante, com o máximo de resultados aliados ao mínimo de efeitos colaterais. Trabal (2013) apresenta os debates de frequentadores de fóruns virtuais franceses

³¹ Banco de Teses e Dissertações da CAPES: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

que abordam o tema *doping*, esporte e exercício físico. Nestes debates é notório o conhecimento destes frequentadores sobre tais drogas, especialmente no que se refere à posologia e aos modos de usar, visando o maior e o melhor efeito destas drogas³² nos corpos.

A fim de refinar a revisão de literatura e, como forma de colocá-la no “eixo” da teorização que utilizo nesta dissertação, incluí outros termos à expressão “anabolizantes” de modo a refinar a minha busca e ir ao encontro de produções que estivessem teoricamente mais alinhadas com esta pesquisa.

Para tanto, retornei ao Portal de Periódicos da CAPES na busca de artigos relacionados ao termo “biossociabilidade”. Encontrei um total de oito resultados, sendo que sete eram publicados em periódicos revisados por pares. Na busca de um termo equivalente em inglês, o próprio Portal da Capes me apresentou a palavra “*biosociality*”, a qual constava como assunto em 36 publicações, sendo que 30 destas publicações eram revisadas por pares. A produção ainda estava muito distante da teorização sobre a biossociabilidade no que tange às práticas corporais. Busquei, também, pelos termos em língua inglesa, os quais originaram uma quantidade maior de produções encontradas. Procurando exatamente por “*biosociality*” e “*anabolic steroyds*”, localizei uma resenha intitulada “*Enhancement Technologies and the body*”.

A resenha de Linda Hogle (2005) merece destaque pelo fato de ter sido a responsável pela emergência da teorização acerca do *enhancement* corporal nesta dissertação. Hogle (2005) relata as variadas formas de *enhancement* do corpo. Logo no início, ela explica o que seriam estas tecnologias de aperfeiçoamento e levanta a seguinte questão: *o que seria necessário – biotecnologicamente falando – para manter a saúde do indivíduo?* Com este questionamento, ela começa a exemplificar a linha tênue que separa os processos biotecnológicos desenvolvidos em resposta às doenças, daqueles procedimentos relacionados à criação de super-humanos. Para esta autora, seria difícil definir quais seriam as fronteiras entre o *enhancement* com fins terapêuticos e o *enhancement* que almeja um aprimoramento corporal (HOGLE, 2005).

No Portal de Periódicos da CAPES, também localizei o artigo de Helen Gremillion (2005), uma revisão de literatura intitulada “*The Cultural Politics of Body*”

³² Ao ler este artigo, fiquei impressionado com a semelhança ao meu trabalho de conclusão de curso, que versa sobre questões semelhantes, porém em um fórum de musculação brasileiro (MACHADO, 2009).

Size”. Neste artigo de revisão, Gremillion (2005) faz uma comparação entre as concepções relativas ao tamanho de corpo para diferentes culturas. Neste trabalho há uma interessante seção a qual é intitulada “*Fracturing Corporeal Norms*”, na qual a autora aborda a “quebra das normas (regras) corporais”. “Quebrar as regras”, no que se refere ao corpo, é uma expressão frequentemente relacionada aos fisiculturistas. Gremillion (2005) menciona que o fisiculturismo feminino, por si só, já é uma “quebra de regra”, pois, apesar de corpos musculosos, estas mulheres fazem plásticas, implantes de silicone e cirurgias reconstrutoras de mamas a fim de obter traços de feminilidade em meio ao “peso do anabolismo”.

Como mencionei anteriormente, tanto anabolizantes quanto biossociabilidade são termos muito amplos no que tange às produções científicas. Neste último, em uma rápida pesquisa no Portal da Capes, podemos encontrar uma gama de títulos e temáticas sobre a biossociabilidade. A análise da biossociabilidade gay, desenvolvida por Zago (2013a) no artigo intitulado “‘Armários de vidro’ e ‘corpos-sem-cabeça’ na biossociabilidade *gay online*”; a biossociabilidade virtual proposta por Sandra Montardo (2010) no artigo intitulado “Redes temáticas na *web* e biossociabilidade *online*”; a análise da teorização original de Paul Rabinow acerca da biossociabilidade, desenvolvida por Basques (2007) no ensaio intitulado “O DNA francês: biossociabilidade e politização da vida” e o ensaio de Vilaça e Palma (2011) intitulado “A nova genética para além da gestão de riscos e promoção da saúde: prolegômenos ao conceito de *Biodesign*”.

Ao buscar “biossociabilidade” no LUME UFRGS encontrei dezenove teses e dissertações desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação desta instituição³³. Ao efetuar a busca no Google Acadêmico, encontrei 311 produções (sendo que destas, apenas 21 mantinham relação com o escopo desta dissertação) e no Banco de Teses da CAPES encontrei apenas um trabalho, mas sem uma relação direta com o escopo do meu estudo.

A partir da leitura do conjunto de trabalhos encontrados nas bases de dados, foi possível identificar diferentes temáticas que abordam a biossociabilidade: produções relativas às questões de gênero (AMARAL, 2012; CARVALHO, 2009; MACHADO, 2008; PERES, 2008; ZAGO, 2013a, 2013b, 2013c); produções relativas

³³ Nesta busca, realizada em maio de 2015, encontrei uma publicação a mais do que foi encontrado na varredura realizada no período anterior à qualificação. A publicação é a de Manske (2014), já inclusa na tabela das publicações que versam sobre “anabolizantes”.

ao corpo e às questões sanitárias relativas a este (BARBIANI, 2008; CAMARGO, 2012; FRANCO FERRAZ, 2009; FRANCO FERRAZ, 2013; LUDORF, 2012; PAIVA, 2004).

Para encontrar algum trabalho que fizesse uma interseção mais direta entre anabolizantes, biossociabilidade e graduação em Educação Física, retornei ao Portal de Periódicos da CAPES e coloquei na ferramenta de busca os termos: anabolizantes, biossociabilidade, estudantes, educação física. Não obtive nenhum resultado. Tentei, então, em língua inglesa: *anabolic steroids*, *biosociality*, *students*, *physical education*. Nenhum achado, apenas os resultados já citados anteriormente nas análises.

Depois desta intensa varredura, realizada em dois momentos distintos, a primeira em março de 2014 e a segunda em maio de 2015, pude afirmar que esta dissertação de mestrado trata de uma correlação temática ainda não explorada na literatura. Desta forma, a seguir desenvolvo o marco teórico conceitual, no intuito de apresentar alguns conceitos que irei mobilizar durante para a análise e discussão do material empírico.

2.2 REPERTÓRIO CONCEITUAL: A CENTRALIDADE DO *ENHANCEMENT* E DA *EXPERTISE* NA MOVIMENTAÇÃO ANALÍTICA.

Nesta seção apresento o repertório conceitual que embasou os movimentos analíticos explicitados mais detalhadamente no Capítulo IV. Destaco como conceitos-chave as formulações sobre biopolíticas contemporâneas da própria vida (ROSE, 2013), principalmente no que se refere às questões de *enhancement* corporal (HOGLE, 2005; ROSE, 2013), *expertise* (ROSE, 2013) e bioascese (ORTEGA, 2008). Além destes, também discorro acerca da temática sobre biossociabilidade e bioidentidade (RABINOW, 1999; ORTEGA, 2008), pelo fato destes conceitos dialogarem³⁴ com as teorizações de *enhancement* corporal e *expertise* de Rose (2013).

A princípio, vale destacar que as teorias sobre a biopolítica contemporânea (ROSE, 2013) consistem em desdobramentos das teorizações sobre biopolítica “clássica” e biopoder desenvolvidas por Michel Foucault. A biopolítica clássica

³⁴ Estes conceitos “dialogam” no momento em que os *experts* se reúnem em grupos no objetivo de compartilhar o aprendizado sobre a utilização de medicamentos anabolizantes com fins de *enhancement* corporal.

foucaultiana consiste no conjunto de estratégias específicas e de contestações sobre as problematizações da vida humana coletiva, bem como da morte e da mortalidade das pessoas, principalmente ante os regimes de autoridade e ante as práticas (políticas) de intervenção sobre o corpo (FOUCAULT, 1999). Os elementos biopolíticos em Foucault (2003; 2008) remetem a uma ideia de um controle da vida biológica coletiva baseada na promoção de saúde na população. O estado controlaria os nascimentos, as mortes, os níveis de saúde e doença e a qualidade da vida da população. A biopolítica consistiria, em suma, a toda uma série de intervenções e controles reguladores do estado sobre o corpo (FOUCAULT, 2003). Para Michel Foucault, os processos vitais possuíam uma mecânica própria, uma rotina quase fabril. Dever-se-ia manter a harmonia destes gestos a fim de que fosse promovida uma vida saudável (FOUCAULT, 2008).

Michel Foucault (1999) lança o conceito de biopoder como sendo o conjunto de processos racionais na tentativa de intervir sobre a existência e também sobre as características vitais dos humanos, pois esse biopoder é situado e exercido ao nível da vida. Humanos estes que são detentores de corpos que podem ser disciplinados (FOUCAULT, 1999), “treinados e aumentados” (RABINOW; ROSE, 2006).

Rose (2013) intitula como *políticas da própria vida* as formulações que tomam a dimensão somática como o centro das ações biopolíticas contemporâneas, elemento que diferencia esta abordagem da clássica biopolítica foucaultiana. Nikolas Rose (2013) desenvolve cinco temas que dimensionam esta “repaginação” do conceito de biopolítica: molecularização, *enhancement*³⁵, subjetificação, expertise e bioeconomia. Um traço constitutivo desta biopolítica contemporânea, que atravessa estes cinco temas, seria a “administração da própria saúde e do próprio corpo para a automodelação” (ROSE, 2013, p.65).

Levando em consideração essas cinco temáticas presentes nas teorizações de Rose (2013), destaco dois conceitos que fundamentaram a movimentação analítica desta dissertação: *enhancement* e *expertise*.

O processo de *enhancement* corporal consiste na utilização de tecnologias que objetivam a melhora do desempenho deste corpo (ROSE, 2013). Diante da biologia contemporânea, o corpo é considerado um circuito aberto sobre o qual

³⁵ Na tradução do livro “A Política da Própria Vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI” (ROSE, 2013) há momentos em que se utilizam os termos ‘desenvolvimento’, ‘otimização’ e ‘aprimoramento’ para expressar o significado de *enhancement*. Desta forma, prefiro, manter o termo em seu idioma original.

podem ser aplicadas tecnologias de otimização e aprimoramento, que vão desde os níveis moleculares até níveis biológicos “maiores”³⁶. O processo de *enhancement* corporal pode se dar em nível molecular a partir da escolha, por exemplo, de genes com determinadas características pré-selecionadas a fim de atingir um objetivo. A busca do *enhancement* corporal em níveis biologicamente “maiores” pode ser identificada nas dietas que manipulam as quantidades de macronutrientes específicos (proteínas, carboidratos, gorduras) e terapias medicamentosas. A finalidade das tecnologias contemporâneas de *enhancement* corporal está no replanejamento biológico da vitalidade (ROSE, 2013).

A antropóloga Linda Hogle (2005) chama a atenção para uma questão em relação ao *enhancement* corporal: a definição de metas (e limites) adequados entre o viés médico e o viés social deste aprimoramento. Linda Hogle (2005) toma como exemplo a cultura americana, baseada, sobretudo, nos valores fundamentais da igualdade de oportunidades. Será que uma criança com uma estatura muito inferior à média teria as mesmas chances, em termos democráticos, que aquelas que têm uma altura correspondente à “curva normal” da população? Shapiro (2002, p.774) também argumenta que diferentes noções de igualdade podem afetar as formas com que o *enhancement* corporal é valorizado e avaliado pelas pessoas da sociedade. Para Hogle (2005), as melhorias utilizadas especificamente para as atividades desportivas são vistas, sob a luz da lei, de forma diferenciada das drogas de déficit de atenção ou redutoras de ansiedade. Estes medicamentos que potencializam o desempenho desportivo muitas vezes são os mesmos que as pessoas acometidas por doenças utilizam em seus tratamentos, logo, devem estar sempre acessíveis à população, fato que dificulta o policiamento e o controle sobre a venda destes (HOGLE, 2005).

Nikolas Rose (2013), da mesma forma que Linda Hogle (2005), destaca que assim como os educadores se preocupam com as implicações éticas relativas ao mau uso dos medicamentos que promovem um *enhancement* da cognição, os que trabalham no campo dos esportes ficam apreensivos quanto ao uso destas tecnologias de aprimoramento, com fins de estimular o desempenho, ou então, de servir como um catalisador das modificações corporais.

³⁶ A estes níveis, Rose (2013) denomina de molecular (nível de manipulação genética), e molar, níveis maiores, como o funcionamento das células, órgãos e tecidos (ROSE, 2013).

Os julgamentos sociais, baseados em uma série de critérios e valores históricos e culturalmente definidos, têm força de mostrar quando determinadas características corporais são tidas como desejáveis ou indesejáveis. Estes julgamentos têm como consequência a busca pela constante correção do corpo na tentativa de, ou enquadrá-lo à “normalidade”, ou destoá-lo propositadamente, do padrão tido como “normal”. A resistência a algo é entendida como um dos traços fundantes deste poder, logo, a busca por destoar acaba por reforçar o poder de normalização inscrito neste padrão definido histórico-culturalmente (FOUCAULT, 1999).

Como Linda Hogle (2005) afirma, a crença sobre o que é considerado deficiente, natural ou normal está baseada em pressupostos histórico-culturais. As técnicas contemporâneas de *enhancement* corporal não se restringem a tratamentos com vistas a substituir funções doentes, mas também um patamar de estratégias de melhorar – ainda mais – o desempenho e a funcionalidade deste corpo.

Primeiramente, devemos tentar estabelecer uma fronteira entre o que é *enhancement* corporal terapêutico e o que é *enhancement* corporal acessório na visão de Hogle (2005). O que pode ser terapêutico em uma circunstância e para alguns sujeitos, pode não vir a ser para outros. Ou então, o que é terapêutico para uns pode ser, simultaneamente, acessório para outros. Por exemplo, um tratamento hormonal antienvelhecimento – que vem se popularizando entre os homens que estão entrando na andropausa e que possuem recursos financeiros para tal investimento – tendo como base injeções de testosterona e de hormônio do crescimento: vai acarretar, em um primeiro momento, por exemplo, uma melhora na performance sexual do consumidor³⁷ e, concomitantemente, um desenvolvimento dos caracteres masculinizantes da testosterona, bem como o desenvolvimento da musculatura. Da mesma forma, um tratamento na terceira idade com o Hormônio do Crescimento irá promover uma diminuição do tecido adiposo corporal, ou, como os fisiculturistas dizem “colar a pele no músculo”. Isso é *enhancement* terapêutico ou *enhancement* acessório? Penso que eles não são autoexclusivos.

O “prazo de validade” para utilizar o *enhancement* corporal no intuito de melhorar nossa biologia depende muito das expectativas culturais de como o corpo deve se apresentar em um determinado contexto histórico-social (HOGLE, 2005). O

³⁷ O “consumidor ativo”(ROSE, 2013) toma lugar do “paciente”. Nestes casos, por exemplo, muitos já chegam ao médico com o interesse de fazer uma reposição hormonal.

desenvolvimento das biotecnociências e o desejo dos sujeitos também influenciam na tentativa de identificar qual seria o limite superior deste aprimoramento.

Estas expectativas culturais sobre “o que se espera do corpo”, foram exemplificadas por Strathern (1992, p.39), tomando como o exemplo o processo de seleção para a compra de uma maçã: “Para selecionar uma maçã por sua *appleness* é necessário discriminar entre aquelas que estejam em conformidade com as expectativas culturais sobre o que uma maçã naturalmente deve ser [...]”.

Como consumidores, utilizamos as concepções culturais do “ser maçã” para ver se um produto está dentro de nossas expectativas. Há, de forma semelhante à que ocorre no processo de escolha da maçã, um comportamento típico da sociedade no momento de discernir entre o normal ou anormal, o esteticamente agradável ou desagradável, o desejável e o indesejável no que se refere ao corpo. Neste sentido, como Hogle (2005) afirma, o *enhancement* deixa de ser algo apenas remetido à natureza e passa a fazer parte da cultura. Neste caso o corpo atinge status de um produto na contemporaneidade (ROSE, 2013) e o *enhancement* corporal pode ser uma forma de agregar valor a este produto, não apenas valorizá-lo para consumo próprio, mas também para o consumo do olhar.

Baumam (2001), em suas teorizações sobre a sociedade líquido-moderna, nos traz à tona uma questão importante para as análises sobre o *enhancement* corporal: o que ocorreu foi a transição de uma sociedade de “produtores” para uma sociedade de “consumidores”. Na primeira, os sujeitos buscavam o patamar normal, ou seja, no máximo se submetiam a um *enhancement* corporal com fins terapêuticos, a fim de atingir a “normalidade”. Entretanto, na segunda, os sujeitos buscam destoar positivamente da normalidade: o indivíduo é orientado pela lógica consumista do mercado, o novo logo se torna descartável, há uma urgência por resultados³⁸; há uma urgência por destoar, a partir, por exemplo, de um corpo aprimorado (BAUMAN, 2001; HOGLE, 2005).

Àqueles que detêm um conhecimento mais sofisticado sobre as variáveis envolvidas no processo de *enhancement* corporal, Nikolas Rose (2013) denomina *experts*: peritos da vida em si mesma. “Os seres humanos experimentam a si mesmos de novas maneiras como criaturas biológicas, como si-mesmos biológicos, sua existência vital torna-se foco de governo, alvo de novas formas de autoridade e

³⁸ Bem como cita Goldenberg (2002), há uma “urgência do músculo” que tem como consequência a necessidade de ficar hipermusculoso de forma rápida.

de *expertise*” (ROSE, 2013, p.17). Tal *expertise* pode se dar, por exemplo, no controle das variáveis envolvidas nesta capacidade (autônoma) de modificação do “envelope corporal”³⁹.

No nível da *expertise* que se materializam as novas formas de autoridade do biopoder contemporâneo. Uma *expertise* que vai muito além do diagnóstico e do tratamento de doenças e chega a atingir a peritagem sobre o modo de governar a biologia do corpo⁴⁰ vivente orgânico (ROSE, 2013). Os peritos somáticos não se restringem simplesmente aos profissionais da medicina, há os “conselheiros” nos diversos ambientes. Estes são reconhecidos frente aos pares por serem detentores de determinada *expertise*.

O nível de controle e peritagem sobre si mesmo torna-se uma marca bioidentitária e, conseqüentemente, formadora de biossociabilidades. Esta identidade somática baseada em preceitos corporais, denominada por Francisco Ortega (2003; 2008) de bioidentidade e também desenvolvida por Paul Rabinow (1999) ao desenvolver o conceito de biossociabilidade, levam em consideração o ser humano como dotado de um corpo genético, morfológico e social.

O conceito de biossociabilidade desenvolvido por Rabinow (1999) toma o conceito de biopoder foucaultiano como elemento central de sua discussão. Paul Rabinow insiste, também, na necessidade de repensar como caracterizar este conceito *bios* na sociedade contemporânea. A teorização de Paul Rabinow (1999) versa, principalmente, acerca da biossociabilidade em um nível genético, “alélico e cromossômico”. Paul Rabinow (1999) desenvolve uma intersecção entre perspectivas heterogêneas, nas quais os estudos sobre o genoma, a bioética (ambas oriundas da biotecnologia), o capital de risco e o poder das nações e do estado dialogam (BASQUES, 2007). Esta necessidade de uma releitura acerca do biopoder na contemporaneidade é proposta por Rabinow, pois, para ele, a biossociabilidade estaria subjetivada aos conhecimentos sobre a genômica, os quais implicariam em mudanças sociopolíticas radicais (BASQUES, 2007).

A bioidentidade consiste na identidade somática deste sujeito, nas características identitárias decorrentes dos diversos procedimentos de cuidados corporais, baseadas sobremaneira, nas sujeições bioascéticas que passou este

³⁹ O termo “envelope corporal” foi utilizado por Villaça e Góes (1998).

⁴⁰ Rose (2013, p.47) menciona “do *próprio* corpo vivente orgânico” Retirei o “próprio”, pois, a meu ver, a peritagem se dá, também, sobre o corpo do outro, como discorro no Capítulo IV.

sujeito e que acabam por reinventar este corpo (ORTEGA, 2003; 2008). A teorização sobre bioascese em Ortega (2003; 2008) é decorrente de um desdobramento analítico da ascese clássica (FOUCAULT, 1984). Nas práticas ascéticas, o ato de conhecimento encontrava-se, de certa forma, sobrecarregado de uma atitude prática aliada a um ato espiritual.

Estas práticas bioascéticas consistem em processos de subjetivação nos quais a formação da identidade do submetido à prática está estritamente ligada às decisões sobre o estilo de vida desta pessoa, sobre o disciplinamento de seu corpo e acerca do governo sobre si mesmo. Esta identidade a ser constituída é o que Ortega (2008) denomina como bioidentidade, ou uma identidade somática. O próprio processo bioascético é, em si, um processo somático, do corpo pelo corpo. Desta forma, o bioasceta pode conviver diretamente com os riscos sobre a manipulação do próprio corpo. Em suma, o bioasceta é aquele que faz sacrifícios físicos com um fim único: o próprio corpo. Exemplo disso são os sujeitos que se submetem a dietas rígidas (como a moda do frango com batata doce em todas as refeições), rotinas de treinamento ininterruptas, sessões de treino duas ou três vezes ao dia. Tal qual o asceta clássico poderia se autoflagelar buscando uma ascensão espiritual, o bioasceta tem sua própria forma de buscar uma ascensão corporal (um corpo “melhorado” sob o julgo deste).

Passar fome, passar sede, saturar a alimentação. Francisco Ortega em suas discussões intitula isso como uma forma de ascese contemporânea, ou bioascese (ORTEGA. 2003; 2008). Para Ortega, a dieta e o *fitness* seriam dois elementos básicos deste processo chamado “reflexividade corporal”, no qual os alimentos consumidos implicam no reflexo de um “estilo de vida”, de forma que eles também refletem nas modificações do próprio corpo. A ascese clássica consistia nos “exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto por conhecer as práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser”, visando a singularização e a demarcação (FOUCAULT, 1984), como, por exemplo, os eremitas que passavam dias jejuando no deserto na busca de uma “elevação espiritual”, ou mesmo, o celibato sacerdotal da Igreja Católica. De forma diferente, a bioascese não se baseia no “sacrifício na busca da elevação espiritual” como a ascese clássica, mas no “sacrifício pela modificação corporal”. O corpo é o fim, e não se busca mais – apenas – a elevação espiritual.

Diferentemente de Francisco Ortega, prefiro não utilizar em tal situação o termo de “ascese contemporânea”, mas sim “bioascese”, pelos motivos que descreverei a seguir:

Primeiramente, por considerar que o prefixo *bio* tem a capacidade de mostrar, de forma direta, que o corpo é o centro desta teorização e também torna possível de relacioná-la como sendo um desdobramento das teorizações sobre biopolítica, as quais foram fundamentadas por Michel Foucault.

Em segunda instância, por não considerar as práticas de sofrimento com fins estéticos como exclusivas da contemporaneidade. Um exemplo disto foi a prática dos “pés de lótus” na China antiga, que teve início em meados do século X, no final da dinastia dos Cinco Períodos. À época, as meninas eram obrigadas a enrolar os pés com o propósito de impossibilitar o seu crescimento, caso contrário, poderiam não ser aceitas como esposas pelos futuros maridos. Logo, o tamanho do pé influenciaria a vida inteira dessas mulheres, de forma que os chineses cultuavam o “pé de lótus” e tal deformidade era envolvida em uma aura de erotismo. Mesmo que alguns chineses achassem cruel esse costume, tal formato de pé era considerado aristocrático e infantil. Por incrível que pareça, este pé “infantilizado”, também era considerado erótico, pois remetia à imagem do órgão genital masculino (VALENTE, 2007).

Ter este “pé de lótus”, por mais sofrimento que causasse às meninas chinesas, era considerado um padrão de beleza naquela sociedade feudal do século X. E, da mesma forma que nos dias atuais, na China àquela época, a beleza também “custava saúde”. Depois de muito tempo enfaixados (as amarrações começavam, em média aos quatro anos de idade), os pés de muitas jovens gangrenavam e vinham a apodrecer, e, aqueles que não apodreciam, causavam um sofrimento vitalício para a mulher (VALENTE, 2007).

Entretanto, a prática dos “pés de lótus” se difere dos procedimentos bioascéticos utilizados pelos da comunidade hipermusculosa. O enfaixamento dos pés era *imposto* às meninas chinesas, já o estilo de vida regrado é uma bioascese *autoimposta* pelos membros deste grupo a partir de uma crença de que este modo de se conduzir na vida é o verdadeiro. A finalidade principal de submeter o corpo a rotinas ininterruptas de treinamento, dietas restritas e utilização de medicamentos anabolizantes está intimamente conectada à possibilidade de se obter um *enhancement* corporal: um corpo hipertrofiado, simétrico e definido.

Levando em considerações o marco conceitual apresentado anteriormente, no Capítulo 4 realizo os movimentos analíticos com a intenção de discutir o material empírico à luz destas teorizações.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS: *EVERYTHING IS DATA*⁴¹ NA PESQUISA QUALITATIVA

Rubem Alves (1984) afirma que todo ato de pesquisa é um ato político. Ludke e André (1986) ratificam esta proposição ao afirmarem que um dos maiores papéis do pesquisador é servir como veículo inteligente e ativo entre o conhecimento de uma área e os novos achados que são estabelecidos a partir de sua pesquisa. Logo, se fazer pesquisa é também fazer política, não há como estabelecer uma separação nítida entre o pesquisador, o que ele estuda e os resultados deste estudo (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Levando em consideração esta fronteira pouco nítida entre o pesquisador qualitativo, o objeto e os resultados do estudo, ressalto a importância de “olhar com estranheza” as situações advindas do processo de construção do conhecimento na pesquisa qualitativa (MORAES; JUNCA; SANTOS, 2010). Também enfatizo a importância deste estranhamento, tendo em vista minha “intimidade” com o tema “práticas corporais e anabolizantes”, os quais perpassam minha trajetória acadêmica desde a graduação.

Molina Neto (2010) apresenta a pesquisa de corte qualitativo como sendo um conjunto de pressupostos e procedimentos que tem como principal preocupação a descrição, a explicação e a interpretação das representações e dos significados que um grupo específico atribui as suas relações e vivências. Da mesma forma, Silva (1996), destaca que a abordagem qualitativa é uma perspectiva que enfatiza a compreensão do caráter singular dos eventos e o contexto em que os fatos ocorrem.

No intuito de aprimorar o rigor metodológico da pesquisa, reaproximei-me ao tema estudado, tendo em vista que estava distante da prática da musculação e, se eu chegasse em um estilo “frango”⁴² para fazer uma entrevista sobre anabolizantes, o participante poderia pensar que eu era apenas um curioso querendo saber “como se faz para tomar bomba”⁴³. Desta forma, minha primeira investida rumo à empiria

⁴¹ A socióloga Pauline Bart, na década de 1970, desenhou uma camiseta com a escrita *Everything is data* na frente, e, nas costas constava a escrita, *But data isn't everything*. Desta forma que eu vejo o fazer pesquisa qualitativa: todos os materiais que obtenho podem vir a ser utilizados como informação (*Everything is data*), mas estes dados não são tudo, pois devemos saber discuti-los e contextualizados no processo de pesquisa (*But data isn't everything*).

⁴² “Frango” é aquele praticante de musculação iniciante, com musculatura pouco hipertrofiada. Pode ser que o desenvolvimento da pesquisa tenha sido apenas uma desculpa para eu retornar às rotinas de treinamento.

⁴³ “Bomba” pode ser sinônimo de qualquer medicamento que acelere os resultados fisiológicos que podem vir a ser obtidos com a prática da musculação: hipertrofia muscular, aumento de força, resistência ou de perda de gordura.

foi a participação em um *workshop* sobre a utilização de recursos ergogênicos e nutrição para fisiculturistas.

No evento em questão uma das situações que me deteve a atenção foi o número de pessoas com identificações (em camisetas e moletons) de diversos cursos de graduação: nutrição, neurociências, química, menos Educação Física. Naquele momento cheguei a pensar em, de alguma forma, divulgar minha pesquisa projetando um futuro "recrutamento", caso tivesse alguém da graduação em Educação Física no lugar, mas como ainda não estava aprovada pelo Comitê de Ética, preferi só observar o cenário.

O curso foi um momento não só de grande aprendizado, mas também de aproximação acadêmica – sob o viés do pesquisador – ao problema de estudo: o aprendizado sobre a utilização dos anabolizantes. O palestrante abordou o tema de forma aberta e tirou dúvidas de maneira direta sobre dosagens, terapias pós-ciclo, riscos na utilização e nos procedimentos etc. A presença neste evento contribuiu na construção do roteiro de entrevistas desta pesquisa, principalmente no que tange à construção do “fio condutor” existente entre as perguntas⁴⁴ que foram fundamentais para a posterior categorização do material empírico.

3.1 DO ARTESANATO À “COZINHA”: A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO METODOLÓGICO.

Levando em consideração o que discorri anteriormente, posso dizer que assumir uma decisão metodológica, para mim, consistiu em oscilar entre momentos de certezas e de dúvidas. Certezas quando me refiro à abordagem qualitativa, pois em minha trajetória acadêmica, sempre tive afinidade com as características deste recorte, principalmente por ser um “fazer científico” com mais “agilidade e liberdade para reflexão” (MOLINA NETO, 2010, p. 118). Strauss (1970) considera o pesquisador qualitativo um artesão, um artista que desenvolve um fazer científico com agilidade e liberdade para reflexão. Levi-Strauss (1970) utiliza o termo *bricoleur* para aquele que trabalha “com as próprias mãos”, “coletando e ressignificando objetos”.

⁴⁴ Vale destacar que, se formos analisar a evolução das perguntas realizadas entre a primeira e a última entrevista, é perceptível uma evolução pessoal como entrevistador-pesquisador. O reflexo disso se dá no fato de que utilizo nesta dissertação poucas falas da primeira entrevista, na qual estava mais imaturo na operacionalização da técnica.

Também tomo a liberdade para elaborar uma metáfora acerca desta minha experiência como pesquisador qualitativo: colhi informações em entrevistas, em sites da Internet, em imagens, em observações (e em outras fontes, muitas vezes, inimagináveis aos pesquisadores das vertentes da ciência positivista) tal como fazem os *chefs*⁴⁵ em laboratórios clandestinos de anabolizantes. Uma espécie de boticário⁴⁶ contemporâneo que mistura ingredientes (fármacos) que levem ao ponto de mutação corporal. Não o *chef* de cozinhas de restaurante, e sim o *chef* dos laboratórios clandestinos, uma figura corriqueira nos fóruns virtuais de musculação. Neste processo, de certo modo, acabei me constituindo no boticário da operacionalização de um método de fazer pesquisa qualitativa. Misturei os ingredientes (empírias) em minha panela procedimental no intuito de chegar a um produto final: o relatório final sob a forma de texto dissertativo.

Com intuito de acrescentar ingredientes nesta minha “panela metodológica”, também me inseri nas Redes Sociais e fóruns virtuais da Internet que falavam principalmente sobre a prática da musculação e a utilização de anabolizantes. Entretanto, saliento que esta inserção ocorreu de forma diferente da que realizei em meu TCC (MACHADO, 2009). Desta vez, não me propus fazer uma pesquisa de cunho netnográfico (DIAS, 2011), mas busquei utilizar este “mundo anabólico virtual” como fonte de informações complementares para o meu fazer científico. Para tanto, realizei dois procedimentos básicos: o primeiro consistiu em vincular (curtir⁴⁷) meu perfil do *Facebook* às personalidades que se intitulam adeptos do uso de anabolizantes, o segundo consistiu em ingressar em grupos do *Facebook* cujos debates versam sobre a prática da musculação e a utilização de recursos ergogênicos, tais como suplementos e anabolizantes. É perceptível, neste caso, a “banalidade” e a “trivialidade dos debates on-line”, ao passo que esta forma de comunicação empresta aspectos informais a temas, que em outros espaços, seriam considerados sérios (DIAS, 2011).

A gradativa reaproximação ao tema nos momentos que antecederam a realização das entrevistas foram importantes principalmente no que se refere às questões acerca da minha posicionalidade e de meu potencial de reflexividade.

⁴⁵ Este site mostra como o *Chef* (ou também chamado de “cozinheiro”) pode fazer o anabolizante em casa. <http://basskilleronlinebr.blogspot.com.br/2014/08/home-brewhb-fazendo-esteroides.html>

⁴⁶ Neste caso, boticário é a pessoa que fabrica e vende os remédios próprios, unguentos e misturas contra as pestes que assolavam as populações na Idade Média. Uma mistura de bruxo (medieval) e pajé (tupiniquim).

⁴⁷ “Curtir” é o verbo utilizado na Rede Social *Facebook* que caracteriza quando seguimos as postagens publicadas por algum perfil.

Em relação à posicionalidade, ressalto a importância destes procedimentos de reaproximação à temática do estudo, principalmente levando em consideração as afirmações de Fernando Lefèvre (1993). Em um texto intitulado “Debate sobre o artigo de Minayo e Sánchez”, Lefèvre (1993) afirma que no momento da interpretação dos dados, a formação, a experiência (acadêmica e de vida) e as bases teóricas pregressas do pesquisador são de suma importância. A interpretação do material empírico pode “ressonar” de forma diferenciada e ser significativa para um pesquisador, mas, para outro, pode não significar nada. E esta diferença não advém, necessariamente, de um pesquisador ser mais bem formado em metodologia científica do que outro. Na pesquisa qualitativa, um pesquisador não apenas pode, como deve ser diferente do outro. Não se busca uma verdade única em um depoimento, mas sim uma “verdade específica”, “metabolizada” pela história de vida deste pesquisador (LEFÈVRE, 1993).

Já em relação à importância do potencial reflexivo da relação entre pesquisador e pesquisado, valho-me da consideração de Doyle (2012), ao afirmar que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador é o principal instrumento de geração (construção) dos dados informativos. O potencial de reflexividade deste pesquisador emerge como um importante meio para responder à complexidade da pesquisa, principalmente, levando em consideração que, muitas vezes, ao coletar informações, o pesquisador obtém relatos de situações nas quais se percebe a “aflição sentimental” dos entrevistados (DOYLE, 2012). Desta forma, esta reaproximação ao tema de estudo não possuiu apenas uma perspectiva empírica – já que houve, sem dúvida, um “retorno ao campo” –, mas também possui uma perspectiva metodológica. Doyle (2012) considera que os valores e as experiências dos pesquisadores têm um potencial de influenciar a visão e o entendimento deles acerca da questão estudada. Apesar desta afirmação, pouca atenção ainda é dada aos detalhes de como as experiências prévias deste pesquisador podem moldar sua opinião e potencial de reflexividade sobre o tema em questão (DOYLE, 2012). Também foi importante minha capacidade reflexiva no momento em que ocorreram as interações com os sujeitos da pesquisa. Da mesma forma que, como pesquisador, pude empregar minha capacidade de problematizar e refletir sobre as questões da pesquisa, também permiti certa liberdade reflexiva aos sujeitos participantes da pesquisa. Apesar de esta ser uma prática menos comum, a

utilização da capacidade reflexiva por parte dos participantes da entrevista contribui com a validade e com o rigor do estudo (DOYLE, 2012).

Na prática, tal capacidade de "colocar o entrevistado a refletir sobre os episódios de sua vida", como Sarah Doyle (2012) propõe, potencializou as entrevistas episódicas. Da mesma forma, Joy (*et al.*, 2006) considera que o potencial de reflexividade é um critério de confiabilidade atribuído à pesquisa qualitativa. Neste processo reflexivo, o sujeito – historicamente proponente da ação social – contribui para significar o universo pesquisado, de forma a exigir um constante questionamento do pesquisador. Saliento que as decisões metodológicas adotadas neste estudo se justificam, principalmente, à importância de um novo olhar sobre a pesquisa qualitativa, que seria o *pesquisar com*, que toma o espaço do *pesquisar sobre*. No *pesquisar com*, o sujeito que antes apenas servia como fonte de informações, também – por meio de seu potencial reflexivo – contribui de fato com a pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

3.2 ENTREVISTA EPISÓDICA COMO TÉCNICA DE PESQUISA

A fase densa de obtenção de informações nesta Dissertação consistiu na utilização das entrevistas episódicas como técnica de coleta de informações. As informações obtidas por meio das entrevistas vão ao encontro do que Flick (2013, p.129) indicou ao se debruçar nas afirmações de Merton e Kendall (1946): os episódios narrados em tais entrevistas devem possuir uma contextualização profunda e pessoal, de forma que a entrevista episódica deve ter o potencial de trazer à tona as implicações afetivas (carregadas de valor) presentes nas respostas dos sujeitos, a fim de determinar se a experiência destes com o tema em questão possui significado central ou periférico.

A aproximação ao tema constante na fase anterior às entrevistas episódicas teve como objetivo servir de substrato conceitual e empírico. O livro de Bauer e Gaskell (2013) serviu, literalmente, como um “manual prático”, tendo em vista que nele encontrei, de forma simples e direta, a descrição do “como fazer” as questões do roteiro de entrevista episódica.

Desta forma, no decorrer do desenvolvimento das entrevistas, pude relacionar os critérios específicos da entrevista episódica, propostos pelos autores, às peculiaridades de minha Dissertação. A utilização de um roteiro de entrevistas

semiestruturado proporcionou-me convidar os entrevistados à narração de acontecimentos concretos (claro que relevantes ao tema do estudo), com perguntas mais gerais que buscavam respostas amplas (como pedir para o entrevistado definir algum conceito sob seu ponto de vista). Como entrevistador, pude mencionar antes e no decorrer das entrevistas, situações concretas, pressupondo que o entrevistado possuía determinada experiência com o tema em questão. Além disso, também tive a possibilidade de me colocar “ao lado” do entrevistado, mostrando que também passei por experiência semelhante, fato que deixava o entrevistado mais confortável para narrar os episódios. Seguindo as orientações de Flick (2013, p. 117) as perguntas foram suficientemente abertas, de forma que havia, implicitamente, um “convite” ao entrevistado a fim de que este pudesse selecionar os episódios ou situações que gostaria contar e, também, proporcionando que este decidisse de que forma ele gostaria de contar aquela situação (FLICK, 2013, p.117).

Na elaboração do roteiro da entrevista episódica, segui o “passo a passo” indicado por Flick (2013, p.118-125). Para o autor são nove as fases que devem ser enfatizadas no desenvolvimento deste. Em suma, as fases de desenvolvimento da entrevista episódica são as seguintes: introdução à lógica da entrevista ao entrevistado (*pré-entrevista*); abordagem da concepção do entrevistado sobre o tema e sua biografia em relação a este; abordagem do sentido que o assunto tem na vida cotidiana do entrevistado; enfoque nas partes centrais do estudo; enfoque nos tópicos gerais mais relevantes; avaliar, junto ao entrevistado, desenvolver uma conversa informal. Por fim, são propostas fases *pós-entrevista*, como a fase de documentação e análise das entrevistas (FLICK, 2013, p.118-125).

A primeira fase consistiu na preparação da entrevista. Nesta fase, elaborei um guia cujo principal objetivo deve ser a convergência das questões norteadoras da entrevista aos objetivos do estudo, de forma que estas abordassem não somente o referencial teórico, mas também outras formas de conhecimento deste pesquisador, como o conhecimento experiencial.

No que compete a esta primeira fase, os seguintes itens nortearam a elaboração do roteiro de entrevista desta dissertação (Apêndice B): o conceito (e relações) ao termo ‘anabolizantes’; biossociabilidade; episódio: primeiro contato com anabolizantes; episódio: experiência mais significativa com anabolizantes; episódio: primeiros conhecimentos adquiridos sobre os anabolizantes; importância dos anabolizantes na vida do entrevistado; experiências antes de usar anabolizantes;

episódio: família/pessoas próximas e os anabolizantes; risco à saúde e medos; origem/procedência dos anabolizantes; episódio: aprendizado sobre anabolizantes na Universidade; julgamento sobre o uso dos anabolizantes; construção do corpo; futuro pessoal e futuro dos anabolizantes.

Apesar de ser notório o potencial das entrevistas episódicas, estas também apresentaram limitações. A principal limitação desta técnica foi que a sua aplicação se limitou à análise do conhecimento cotidiano de determinados objetos e tópicos, e da própria história do entrevistado em relação a eles. Da mesma forma que ocorre em outras formas de entrevistas, a entrevista episódica não permite o acesso às atividades nem às interações cotidianas, mas às reconstruções destas a partir da narração dos participantes (FLICK, 2013). Outra questão que me ficou clara, a partir da utilização das entrevistas episódicas, é que alguns entrevistados tiveram dificuldades em narrar episódios de vida, imagino que pelas mais variadas questões, como, por exemplo, não me conhecer muito bem a ponto de se sentir à vontade para contar situações de sua vida.

Uma boa maneira de saber como proceder no desenvolvimento das entrevistas episódicas é analisar quem já utilizou este instrumento em dissertações e teses e traçar paralelos entre estas produções e o estudo em tela. Para tanto, no período anterior à qualificação do Projeto de Dissertação realizei uma varredura no LUME (Repositório Institucional da UFRGS) utilizando o termo “entrevista episódica” e consegui localizar 12 trabalhos (entre teses e dissertações) produzidos na UFRGS, sendo que, após a leitura destes, destaco sete (Apêndice A - Tabela 5). Essas sete produções me ajudaram na operacionalização da realização da entrevista episódica, com destaque o de Bastos (2011), que foi desenvolvido dentro do grupo de pesquisas ao qual faço parte, o Polifes.

Ressalto que realizei a varredura inicial em abril de 2014, e novamente em maio de 2015, sendo que neste período nenhuma tese ou Dissertação acrescida ao LUME utilizou a entrevista episódica como instrumento de obtenção de material empírico.

Ao fazer a busca no Portal de Periódicos da CAPES, também pude localizar artigos que versavam sobre a utilização da entrevista episódica como ferramenta para coleta de dados. Nesta busca, utilizei o termo “entrevistas episódicas”, em um primeiro momento e, posteriormente, o mesmo termo na língua inglesa (*episodic interviews*). Utilizei os termos no plural, pois, desta forma, foi possível localizar um

número maior de artigos e também filtrar, excluindo, artigos que versassem sobre “entrevistas” feitas acerca do tema “memória episódica” (na primeira busca grande parte das produções versavam sobre esta temática, mesmo quando incluí filtros de “busca exata”). Em um primeiro momento, li o resumo de cada um dos 32 artigos que utilizaram entrevistas episódicas, dos quais destaco abaixo cinco que foram importantes, principalmente, no desenvolvimento das perguntas que compuseram o roteiro de entrevistas episódicas, três em momento anterior à qualificação (CASTRO-CARRASCO *et al.*, 2012; FLICK; GARMS-HOMOLOVA; ROHNSCH, 2010; SANTOS; SILVA, 2011) e dois que foram inseridos nas bases de dados posteriormente (KUHN, 2003; VALADÃO; DE ALMEIDA; MEDEIROS, 2014).

Castro-Carrasco e colegas (2012), em seu estudo sobre a autoeficácia docente para a gestão de conflitos pelos professores, aplicaram entrevistas episódicas no intuito de compreender o quanto os docentes do ensino básico se sentiam preparados para a resolução de conflitos nas escolas. Deste artigo destaco, principalmente, a importância que é dada ao momento de familiarização entre o entrevistador e o entrevistado, que consiste no momento descrito por Flick (2013) como sendo a pré-entrevista. Além disso, destaco que, neste estudo, cada sujeito foi entrevistado em três ocasiões, com distância temporal de três meses. Os autores, entretanto, não justificam o motivo de tal segmentação, nem informam se nestes três momentos as temáticas das entrevistas eram as mesmas.

O segundo artigo que destaco é de autoria de Flick, Garms-Homolova e Rohnsch (2010), intitulado “*When They Sleep, They Sleep’ Daytime Activities and Sleep Disorders in Nursing Homes*”. O que me moveu a ler este artigo foi o interesse em analisar como Uwe Flick – o autor mais citado nos textos que tive acesso sobre entrevista episódica usou, de fato, tal ferramenta em um dos seus estudos. Os pesquisadores buscaram identificar, por meio de entrevistas episódicas realizadas com enfermeiros de um asilo para idosos, como as atividades diárias dos internos afetam as rotinas de sono dos idosos moradores do local. Vale salientar que este estudo consistiu na análise secundária de dados recolhidos em um período anterior. Este fato me incentivou ainda mais a desenvolver – e investir – nesta técnica de pesquisa, devido ao potencial dos dados empíricos gerados por ela, que é uma das interessantes particularidades desta técnica.

O terceiro artigo, que destaco do levantamento realizado no Portal de Periódicos da CAPES envolvendo a entrevista episódica, é de autoria de Santos e

Silva (2011) intitulado “*Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza*”. O artigo utiliza a entrevista episódica com trabalhadores de uma usina de triagem de lixo localizada na cidade de Fortaleza (Ceará). Neste caso, as entrevistas tiveram uma duração menor (cerca de 15 minutos) e buscou a narração de episódios, por parte dos garis, em que fosse perceptível que o lixo – para eles – consiste em algo com um significado diferente: como sendo algo que se pode aproveitar, fonte de dinheiro. Dentre os significados, há aqueles que mencionam o “lixo como perigo”, e o “lixo como sustento”, situações – para muitos – antagônicas, todavia, que podem fazer parte das narrativas de um único entrevistado.

O quarto e quinto artigos foram localizados junto ao Portal de Periódicos da CAPES em varredura realizada em meados de maio de 2015. Tal busca foi realizada pelos mesmos termos utilizados na busca inicial.

O quarto artigo, de Peter Kuhn, publicado no periódico *Forum Qualitative Social Research*, com temática à pesquisa qualitativa, aborda, de fato, sobre métodos qualitativos e, dentre eles a entrevista episódica, a partir das entrevistas realizadas com crianças no intuito de compreender os desejos e ideias delas acerca do movimento, do jogo e das atividades esportivas na escola, entre meninos e meninas (KUHN, 2003).

O quinto artigo, de Valadão, Almeida e Medeiros (2014), utiliza a entrevista episódica na busca de compreender o espaço de uma “Empresa Junior” como um local de construção de competências e preparação para atuação no mercado de trabalho, para tanto, por meio de um estudo de caso, realizaram entrevistas episódicas com egressos de Empresas Junior de uma instituição federal. (VALADÃO; DE ALMEIDA; MEDEIROS, 2014).

Enfatizei a leitura das produções supracitadas (dissertações, teses e artigos), principalmente para verificar como eram construídas, na prática, as perguntas do roteiro de entrevistas e como se dava a aproximação entre entrevistador e entrevistado. Desenvolvi, após este procedimento, um protocolo que dividiu cada bloco de perguntas em três momentos: primeiramente, uma pergunta ampla, a partir da qual busquei que o entrevistado discorresse sobre o assunto baseado em sua experiência pessoal. Em seguida, – caso o entrevistado não tivesse investido em respostas mais consistentes – uma pergunta direcionada; e o terceiro – no caso de narração apresentada não ter configurado um episódio – uma pergunta mais provocativa sobre alguma situação referente à temática da pergunta.

3.3 OPERACIONALIZANDO AS ENTREVISTAS: AFINAL “*EVERYTHING IS DATA*”, MAS NEM TODOS SÃO INFORMANTES.

Nesta seção trato de apresentar as delimitações do estudo, principalmente os critérios que foram utilizados na seleção dos sujeitos entrevistados e que compuseram o universo da investigação.

A delimitação da população que foi entrevistada, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constitui um problema a ser enfrentado pelo pesquisador (DUARTE, 2002), especialmente porque o trabalho está assentado sob o grupo “estudantes de graduação em Educação Física”, interseccionado com “praticantes de musculação” com alguma “experiência sobre a temática anabolizantes”.

A fase em que estipulei os critérios de delimitação do grupo a ser entrevistado coincidiu com retorno à prática da musculação. Bem nessa época havia encontrado, na academia de musculação, um ex-colega da graduação em Educação Física que já estava quase concluindo o curso, a quem via como uma espécie de “informante privilegiado”, ou seja, uma pessoa que possuía os atributos do perfil traçado para a pesquisa em curso, como, por exemplo, ser praticante da musculação dedicado ao fisiculturismo. Tendo em vista as questões éticas, não estabeleci antes da qualificação qualquer contato acerca da pesquisa com este informante, todavia, verifiquei nele um potencial participante. Ele se mostrou ser um “perfil” muito interessante de entrevistado: um fisiculturista iniciante em competições amadoras e com elevado embasamento científico. Devido aos constantes momentos de formação pessoal sobre o aprendizado dos anabolizantes e da prática da musculação que tive com ele, entendi que este ex-colega deveria ser convidado a colaborar da pesquisa. Uma vez aprovado o projeto no CEP, pude fazer o convite formal, e ele prontamente aceitou (participante Big Randy).

A fim de detalhar os procedimentos metodológicos, dividi os critérios de seleção dos sujeitos em duas situações: critérios de inclusão e critérios de exclusão para a participação na entrevista episódica. Como critérios de inclusão, o principal deles foi a formação inicial em Educação Física (independentemente de ser da modalidade Bacharelado ou Licenciatura); o segundo critério de inclusão foi mais

específico: possuir as características próprias do grupo em questão, especificamente um corpo potencializado pela prática da musculação.

Mas como definir o que é um corpo potencializado pela prática da musculação? Esta é uma característica deveras subjetiva. Basear-me, por exemplo, em Courtine (1995) e dizer que são corpos que se destacam em meio à multidão e pesam ao olhar alheio também é um argumento pouco objetivo, pois um obeso também pode ser caracterizado desta forma. Então, após discussão do projeto no Polifes, um colega sugeriu que eu desenvolvesse um critério de inclusão anterior a todos os demais: o crivo do meu próprio olhar. Uma pessoa que faz (ou já fez) parte da tribo, direta ou indiretamente, saberia reconhecer outro membro apenas com o olhar distintivo sobre os corpos que circulam pelos corredores de uma escola de Educação Física. Eu mesmo, por exemplo, seria um entrevistado em potencial para a minha própria pesquisa, pois ainda compartilho traços destas bioidentidades apesar de não estarem mais tão delineadas em meu próprio corpo.

Durante o processo de escolha dos participantes todos tinham como característica o corpo com a musculatura hipertrofiada. Entretanto, um dos entrevistados destoou. Mesmo não possuindo um corpo hipermusculoso, ele foi selecionado por sua estreita relação com a prática do fisiculturismo: é árbitro da federação deste esporte (participante Johnhy). Decidi incluí-lo porque pretendia potencializar outra perspectiva: a daqueles que convivem com a utilização do anabolizante, mas não o utilizam.

Em meus planos iniciais, estava a utilização da técnica da “bola de neve”, na qual os participantes iniciais do estudo indicam novos participantes e assim sucessivamente até atingir a saturação (TURATO, 2003). Nas primeiras entrevistas, procurei aplicar a técnica, entretanto comecei a perceber uma situação peculiar: os segundos indicados por meio da técnica da “bola de neve” não se mostravam tão à vontade com as perguntas, imagino que, pelo fato de não me conhecerem previamente. Desta forma, preferi seguir outro rumo: entrevistei aqueles que seriam os “iniciantes” da técnica da bola de neve, os que indicariam as outras pessoas. Por sorte, tinha comigo diversos nomes de possíveis entrevistados com estas características para começar a obtenção do material empírico e, com um detalhe importante: pessoas com quem tinha alguma proximidade (mas não tão próximos a ponto de influenciar nas respostas), o que levou os participantes a confiarem um pouco mais na pesquisa por saberem que eu não era um “desconhecido que queria

‘xeretar’ sobre o uso de anabolizantes”, fato que poderia ocorrer com a técnica da bola de neve.

Inicialmente, imaginava ter atingido um nível de saturação na sexta entrevista, pois estava percebendo certa repetição de respostas (DENZIN; LINCOLN, 1994). Entretanto, após reler as transcrições, considero que encerrei as entrevistas não apenas pelo fato das respostas estarem se repetindo, mas, sobretudo, pelo critério temporal. O prazo para a defesa da dissertação estava se aproximando e seria necessário, em algum momento, encerrar a obtenção do material empírico e começar as análises. Como fui realizando as entrevistas e logo as transcrevendo, sabia que, mesmo com somente seis entrevistas, já possuía um rico material a ser analisado. Desta forma, decidi por encerrar as entrevistas após o sexto participante.

Além do mais, estava difícil conseguir encontrar alguns entrevistados, mesmo marcando horário, indo aos locais, disponibilizando-me das mais variadas formas para conseguir entrevistá-los, alguns sempre tinham um “impeditivo” em participar do estudo. Tal comportamento me levou a perceber que talvez já não houvesse mais interesse em dar a entrevista, por algum motivo não explicitado. Para não gerar constrangimentos, nem perder os prazos que dispunha para análise do material levantado, foquei o estudo nas narrativas que eu já dispunha, conforme o quadro a seguir:

Descrição
<p>Entrevistado⁴⁸: Rogério (Idade aproximada: 28 anos) Competidor de <i>powerlifting</i> (levantamento de pesos). Duração da entrevista: 35 minutos</p> <p><i>Comentários do pesquisador:</i> A entrevista ocorreu em uma sala de aula, no intervalo em que o estudante tinha disponibilidade. Como foi a primeira entrevista, eu me baseei muito no roteiro semiestruturado. Foi a entrevista menos utilizada, principalmente, pelo fato dela ter sido a entrevista inicial. Eu estava um pouco imaturo na operacionalização da entrevista.</p>
<p>Entrevistado: Acetrem (Idade aproximada: 22 anos) O “aprendiz de marombeiro”. Duração da entrevista: 40 minutos</p> <p><i>Comentários do pesquisador:</i> A entrevista ocorreu em uma sala de aula. Encontrei o entrevistado nos corredores da faculdade e percebi que ele era mais musculoso que os demais (apesar de não ser hipermusculoso). Fiz perguntas mais abertas e o entrevistado trouxe diversas questões importantes para o desenvolvimento da dissertação, principalmente na elaboração das movimentações analíticas (dentro e fora da Educação Física).</p>
<p>Entrevistada: J.Kiss (Idade aproximada: 26 anos) Competidora de fisiculturismo na categoria <i>body-fitness</i>. Duração da entrevista: 55 minutos</p> <p><i>Comentários do pesquisador:</i> Após diversos agendamentos, a entrevista ocorreu em uma sala de aula. A entrevistada falou bastante, principalmente sobre os procedimentos bioascéticos e as rotinas de dietas pré-competição. Descreveu elementos importantes que pretendo aprofundar em pesquisas posteriores (artigos), como o término da categoria fisiculturismo feminino <i>bodybuilder</i>. Ficou nítido na fala da participante que o anabolizante é apenas um detalhe entre as competidoras e o principal é a dieta e o treinamento. Inclusive, os árbitros estão valorizando mais as meninas com corpo menos masculinizado (ou seja, que utilizam menos hormônios anabólicos). A entrevista de J.Kiss abre espaço para novos estudos na relação entre <i>enhancement</i> corporal e gênero, que não aprofundi nesta dissertação, mas pretendo abordar em projetos futuros.</p>
<p>Entrevistado: João Cézar (Idade aproximada: 35 anos) Competidor de fisiculturismo profissional e <i>coach</i>.</p> <p><i>Comentários do pesquisador:</i> Após diversos agendamentos, a entrevista ocorreu em uma academia de musculação na qual o participante é <i>coach</i>. Apesar de ter sido uma entrevista de curta duração (e que ocorreu em um ambiente conturbado), a fala do entrevistado foi muito importante, pois desde os momentos de aproximação ele lançou a diferença entre ser marombeiro e ser fisiculturista. Além disso, ele traçou a relação entre o mestre (<i>coach</i>) e aprendiz, frisando que o mestre vive em um constante aprendizado. Duração da entrevista: 32 minutos</p>
<p>Entrevistado: Johnhy (Idade aproximada: 25 anos) O ponto fora da curva. Foi escolhido por ser árbitro de fisiculturismo e, por isso, conviver com a temática dos anabolizantes.</p> <p><i>Comentários do pesquisador:</i> Descobri este participante ao analisar os cursos que os estudantes da Educação Física fizeram e ver que ele possuía um certificado de árbitro da federação de fisiculturismo. Ele prontamente se disponibilizou a colaborar com a pesquisa e foi fundamental na descrição do anabolizante como sendo um tabu na graduação. Após sondagem sobre a possibilidade de entrevistá-lo, o próprio participante me procurou para que eu realizasse a entrevista. Duração da entrevista: 35 minutos</p>
<p>Entrevistado: Big Randy (Idade aproximada: 28 anos) Competidor de fisiculturismo amador e <i>coach</i>.</p> <p><i>Comentário do pesquisador:</i> Nunca imaginei conversar com alguém que soubesse tanto sobre a biodinâmica dos anabolizantes. Além de uma entrevista, foi uma aula sobre hormônios. A entrevista transcorreu no laboratório ao qual o entrevistado (e pesquisador) atua em grupo de pesquisa. A meu ver, foi a melhor entrevista, pois eu já estava mais “maduro” como entrevistador. Duração da entrevista: 57 minutos</p>

⁴⁸ Em ordem de realização das entrevistas. Os nomes foram escolhidos pelos próprios entrevistados. Às vezes pode parecer que falta uma descrição maior dos entrevistados, mas caso eu os descrevesse detalhadamente, seria possível identificá-los, já que são poucos estudantes que se enquadram nos critérios de inclusão.

Estruturei a operacionalização das entrevistas da seguinte forma: realizei a seleção dos potenciais entrevistados; realizei um contato de aproximação com eles, por meio das redes sociais, telefone, ou pessoalmente. No primeiro contato pessoal, os participantes foram informados sobre os riscos relativos à entrevista, como possíveis desconfortos ou constrangimentos com alguma pergunta específica. Ficou claro aos entrevistados que, caso se sentissem incomodados em qualquer etapa da entrevista, ou se sentissem ofendidos social, moral, psicológica ou espiritualmente, eles poderiam solicitar a exclusão da parte específica da entrevista ou retirar o consentimento de participação no estudo. Realizei as entrevistas, gravando-as e, posteriormente transcrevendo-as na íntegra em arquivos do Microsoft Word. No arquivo digital do Microsoft Word, realizei a categorização utilizando a ferramenta de comentários do *software* (balões de revisão), nos quais identifiquei a categoria (com letra maiúscula), coloquei pequenos textos, links ou apontando bibliografias que ajudariam a desenvolver a discussão a ser efetivada posteriormente. Os participantes autorizaram a utilização da transcrição sem realizar a leitura desta de forma integral. Após ter todo o material transcrito, procedi com a leitura atenta e a categorização das temáticas que surgiram.

A partir das falas dos participantes, desenvolvi os dois movimentos analíticos do Capítulo 4. O primeiro com uma categoria única, sobre o aprendizado do uso de anabolizantes na graduação em Educação Física e o segundo dividido em quatro categorias analíticas que denominei de 'dimensões de aprendizagem'.

As categorias que fazem parte do segundo movimento analítico da discussão estão assim distribuídas: a categoria que deu origem à seção "Dimensão 1" reuniu as falas que mostram como ocorre o *aprendizado nas academias de musculação*; a categoria que deu origem à seção "Dimensão 2" reuniu as falas que mostram como ocorre o aprendizado na *Internet*; a categoria que deu origem à seção "Dimensão 3" reuniu as falas sobre o *aprendizado com os coaches*; e a quarta categoria, que deu origem à seção "Dimensão 4" reuniu as falas sobre o momento em que o sujeito torna-se um *expert* na utilização dos anabolizantes com fins de *enhancement corporal*.

4 ROTAS DA APRENDIZAGEM: ENTRE A FORMALIDADE DO “AQUI DENTRO” E A CLANDESTINIDADE DO “LÁ FORA”.

Afinal de contas, os estudantes de Educação Física, durante seu percurso acadêmico na graduação, aprendem sobre a utilização dos anabolizantes? No intuito de responder esta questão, desenvolvo a movimentação analítica do material empírico em dois momentos neste capítulo. No primeiro (Seção 4.1), disserto acerca dos relatos dos entrevistados que versam sobre como ocorre o aprendizado sobre os anabolizantes em uma dimensão formal de aprendizagem: o curso de graduação em Educação Física. Num segundo movimento analítico (Seção 4.2), discorro sobre outras possíveis dimensões de aprendizagem sobre a utilização dos anabolizantes, que surgiram a partir das entrevistas com os participantes.

4.1 A FORMALIDADE DO “AQUI DENTRO”: O APRENDIZADO SOBRE OS ANABOLIZANTES NA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

A aprendizagem sobre a utilização dos anabolizantes com fins de *enhancement corporal* é deveras sofisticada. Para um aprendiz transitar dos níveis mais básicos aos mais avançados de *expertise* há necessidade de estar conectado ao ambiente acadêmico-científico. Contudo, as pesquisas que utilizam os anabolizantes com fins de *enhancement corporal* não são desenvolvidas devido, sobretudo, à ilicitude do uso destes medicamentos com fins que não os terapêuticos. O entrevistado Big Randy, ao mencionar como começou a estudar sobre a utilização dos anabolizantes, relatou o seguinte:

[...] queria entender melhor as drogas... [...] tinha bastante literatura, [...] depois de ter essa parte mais aprofundada eu queria saber sobre doses... e aí que entra o problema na literatura científica... tu não tem estudo com dose-efeito... [...] então, fica bem difícil... eu acho que mesmo que tu saiba buscar uma ferramenta científica, na hora da dose tu vai perder [...] tu não vai ter um referencial teórico adequado... daí tu pensa “que que o pessoal toma?”.. “quanto se toma?”... e aí que entram os problemas na minha opinião...[...]
Entrevistado: Big Randy

E era essa a dimensão de aprendizagem que muitos dos participantes procuravam (e ainda procuram) na graduação em Educação Física: uma sistematização de conhecimentos (disciplinas) sobre como utilizar o anabolizante

como ferramenta potencializadora de um *enhancement* corporal. Entretanto, já que não há pesquisa sobre estes medicamentos com fins não terapêuticos (devido, sobretudo, aos elementos éticos que regulam a utilização de humanos em procedimentos científicos), dificilmente haverá ensino sobre os anabolizantes.

Podemos perceber isso no relato do entrevistado Acetrem que, à época da realização da entrevista, estava no quinto semestre da graduação em Educação Física. Acetrem relata que:

[...]“não foi ensinado ainda em alguma cadeira específica sobre o uso e os efeitos fisiológicos e sociais dos anabolizantes... E, como eu disse, eu acho que **se vier a ser abordado, com certeza não vai ser tão a fundo como seria lá fora**”⁴⁹. [...]

Entrevistado: Acetrem

Como é possível perceber, a temática dos anabolizantes não costuma ser ensinada em uma disciplina específica do curso de graduação em Educação Física. Este “ensinamento” que Acetrem se refere seria especificamente sobre as rotas metabólicas e bioquímicas dos esteroides anabolizantes. Na fala de Acetrem é perceptível a importância dada aos elementos biodinâmicos relacionados à utilização destas drogas. Questionei-o sobre o motivo pelo qual os anabolizantes serem pouco abordados na graduação ante a perspectiva biodinâmica, e ele respondeu o seguinte:

Porque é proibido!... Eu fui na palestra do Fernando Sardinha. Ele é educador físico e ele não pode falar muito sobre isso... Ele não pode dar um protocolo de utilização... Então, se vir a ser ensinado aqui, vai ser ensinado “o geralzão”... **Eles não vão ensinar tu a tomar, eles vão ensinar o que o hormônio faz no corpo**... [...]

Entrevistado: Acetrem

Se, com base no relato de Acetrem, debater sobre os anabolizantes em ambiente acadêmico já parece ser difícil, tratar em aula sobre dosagem e administração é impensável. A narrativa de Johnhy, participante que é árbitro de competições de fisiculturismo, vai na mesma linha de Acetrem, e acrescenta:

⁴⁹ Esta dualidade entre o dentro da graduação e o “lá fora” mencionado por Acetrem é o que me fez dividir a discussão em dois movimentos analíticos.

[...] a gente vê muito pouco, inclusive na faculdade, sobre isso. **Parece que é um tabu, um dilema, falar sobre esteroides.** Às vezes, quando o tema é abordado em aula, a professora já tenta cortar... Já diz que é ruim e pronto... Não quer entrar em mais detalhes. Eu acho que seria muito interessante a gente começar a debater isso mais a fundo na faculdade...[...] Entrevistado: Johnhy

Trata-se de um conteúdo “tabu” pela aura de proibição que cerca a temática sobre a utilização de anabolizantes. A resistência dos docentes, especialmente os que trabalham nas áreas biodinâmicas, em tratar deste tema em aula, ao que parece, está intimamente ligada ao processo de criminalização da utilização para fins não terapêuticos dos medicamentos anabolizantes.

Como mencionei na introdução, há um hiato na legislação que tipifica o comércio de medicamentos anabolizantes. Ora a venda deste produto é tratada como tráfico de drogas, e considerada crime sob a legitimação da Lei das Drogas (Lei nº 11.343/2006); ora é tratada como infração sanitária (Lei nº 6.437/1977), não imputando pena civil ou criminal.

Por ser um assunto que transita nas fronteiras da ilicitude, e pelo que pude depreender das falas dos participantes, os docentes preferem não tratar de um assunto que pode ser visto como incitação ao uso de substâncias desautorizadas para fins não terapêuticos. Neste caso, parece que a abordagem do conhecimento sobre os anabolizantes é evitada a fim de não dar subsídios para a consumação de um delito que venha a ser associado com o aprendizado adquirido em aula.

Pude identificar, em alguns momentos, um insipiente tensionamento entre discentes – na busca pelo aprendizado sobre o anabolizante –, e docentes – que, para os discentes, “detêm” o conhecimento e não querem falar sobre o uso do anabolizante devido à ilicitude desta utilização. Haveria pelos discentes entrevistados uma possível pré-concepção de que os conhecimentos sobre os anabolizantes seriam saberes “guardados a sete chaves” pelos professores, que sabem sobre a utilização do anabolizante, mas não discutem isso com os estudantes. É interessante ver que nenhum momento os entrevistados pensaram na possibilidade de os docentes não abordarem o tema dos anabolizantes pelo simples fato de não terem conhecimento sobre tal temática.

No decorrer da entrevista com Johnhy ele reitera a existência deste tabu e menciona a importância de não apenas falar dos perigos, mas também de justificar,

por meio da literatura biomédica, os mecanismos fisiológicos que tornam tal utilização arriscada:

[...] Ele não acontece... não tem! É um tabu falar sobre. No meu ponto de vista, são poucos os professores que falam, e **quando falam só dizem que é ruim, mas não explicam o motivo... Não explicam os mecanismos fisiológicos para a gente tentar entender e tentar dar uma explicação mais científica para as pessoas...** fica muito naquilo que “ah é ruim e deu”. Ponto.

Entrevistado: Johnhy

Os hormônios não são temas totalmente retirados de pauta de algumas disciplinas da graduação. Eles são abordados de forma reservada, principalmente no que se refere à biodinâmica hormonal. O participante Big Randy, competidor de fisiculturismo e estudante, que no período da entrevista estava em vias de concluir a graduação, relata o seguinte:

[...] eu lembro de ser citado em duas ocasiões o uso de esteroides anabolizantes... na disciplina de fisiologia do exercício, rapidamente, numa aula de endocrinologia se falou sobre isso... **o uso de testosterona sintética e os efeitos colaterais em homem e mulher... SÓ...** [...]

Entrevistado: Big Randy

O funcionamento da regulação hormonal no corpo humano é uma competência que pode ser abordada em algumas das disciplinas da graduação em Educação Física. Entretanto, os relatos dos entrevistados nos mostram que, quando a abordagem da temática sobre os hormônios se dá a partir da perspectiva da utilização de medicamentos anabolizantes para fins não terapêuticos, ocorre o que relata João Cezar:

[...]em nenhum momento nós tivemos cadeiras específicas, ou mais dirigidas esclarecendo... mas nós tivemos muitas, algumas cadeiras, como fisiologia e esporte de rendimento falando contra, mas isso não é uma maneira legal de apresentar a questão né... iniciando com o preconceito... a primeira maneira é informar, como funciona, como não funciona, se é bom, se é ruim... e não já diretamente chegar com preconceito né... [...]

Entrevistado: João Cezar

Nesta fala é possível perceber que há posicionamentos docentes que procuram se distanciar ao máximo de qualquer conotação de incentivo ao uso, às

vezes até mesmo aplicando uma “pedagogia do terror”, pautada, principalmente, na exacerbação extrema dos perigos advindo do uso destes recursos catalizadores da hipertrofia muscular (BUCHER, 2007; CARLINI-COTRIM; ROSEMBERG, 1990; GUIZZO; KRZIMINSKI; SANTOS; 2002), tão presentes no cotidiano da musculação e dos esportes de alto rendimento. De certo modo, esta “pedagogia do terror anabólico” empregada nas disciplinas com viés biodinâmico se ancora no fato de que a Educação Física é um curso vinculado à área da saúde. Vejamos, então, como este dilema ético-sanitário é narrado pelos entrevistados:

“[...]fazer musculação todos sabem que faz bem, melhora qualidade de vida, faz bem para as articulações... [...] não o anabolizante... **o anabolizante não é para ser tomado por todo o mundo que pratica musculação...**[...]

Entrevistado: Acetrem

Afirmar que o anabolizante “não é para ser tomado por todo o mundo que pratica musculação” nos leva a pensar que há uma permissão implícita para alguns tomarem. E isso se confirmou na fala de Johnhy:

[...] todo o atleta ele faz o uso de algum ergogênico, de algum esteroide anabolizante. Todos os atletas, principalmente no fisiculturismo. Alguns mais outros menos... agora o que eu acho disso? Eu... **é que quando se fala em atleta, se fala em alto rendimento... e ai tu não vê o lado da saúde... se tu for olhar o alto rendimento... a saúde fica de lado, e ele faz de tudo para alcançar aquele objetivo dele, incluindo o esteroide anabolizante** que é um... porque todo o mundo utiliza... seria mais um recurso para ele alcançar o objetivo dele... **eu, olhando pra saúde, é óbvio que eu nunca indicaria nada para ninguém... agora, pro atleta sim...**[...]

Entrevistado: Johnhy

Neste caso, o anabolizante como ferramenta de *enhancement* corporal é traduzido como o aprimoramento da biológico (ROSE, 2013), que resulta naquele milésimo mais rápido para cruzar a linha de chegada, naquele chute mais potente, naquela rebatida mais distante, e, inclusive, naquele corpo que se recupera mais rápido das disputas e das lesões⁵⁰.

Então, se as narrativas dos estudantes mostram que há uma relação entre esporte de alto rendimento e utilização de anabolizantes como ferramenta de *enhancement* corporal, por que só o fisiculturismo é visto como o “esporte dos bombados” por grande parte da sociedade? Esta pergunta foi feita por mim em algumas entrevistas que se encaminharam nesta direção, e a resposta de João Cezar diz que:

⁵⁰ Este corpo potencializado a partir do doping é desenvolvido com detalhes na tese de George Manske (2014).

[...] esse [o fisiculturismo] já é um esporte [...] que sofre muito preconceito, pois existe uma relação do **volume muscular ser ligado aos anabolizantes**... mas mal sabem as pessoas, que os esportes de resistência são os que mais utilizam esteroides, mais ainda do que o próprio fisiculturismo. Isso já tem evidências, até em grau de utilização de níveis de esteroide. Por exemplo, **o ciclismo fica em primeiro lugar: o esporte que mais utiliza... só que ele utiliza pro aumento de resistência muscular, não pro volume muscular... isso faz com que o coitadinho não tenha tanta indicação como usuário, porque ele não tem muita hipertrofia muscular...**[...]

Entrevistado: João Cezar

O próprio João Cezar é frequentemente convidado a palestrar em aulas de cursos de graduação em Nutrição e Educação Física, locais onde o anabolizante com fins de *enhancement* corporal é uma temática praticamente “proibida”. Questionei a ele, durante a entrevista, tal situação; pois ele havia afirmado que o fisiculturismo é um esporte que sofre preconceito ante a sociedade pela evidente utilização de anabolizantes. João Cezar justificou da seguinte forma o motivo das frequentes palestras em tais cursos:

[...] acredito que por ser um atleta responsável. Por estar tanto tempo nesse meio... isso já é um fator determinante para mostrar que o alto rendimento também pode ser saúde e, por esse motivo, por ter uma aparência saudável e responsável, as pessoas me convidam muito para palestras, workshops... então, esse é um fator que eu sempre digo: é a longevidade! O atleta não é aquela pessoa que compete uma vez só, mas sim a vida inteira... [...]

Entrevistado: João Cezar

Não há garantias de que a utilização segura de anabolizantes no esporte faz de alguém um atleta responsável, assim como a presença de um fisiculturista profissional como palestrante convidado em uma disciplina do curso de graduação da área da saúde não é garantia de que a temática dos anabolizantes será tratada de forma aberta por aquela comunidade acadêmica. O participante Big Randy narrou uma situação em que assistiu à palestra de um fisiculturista na graduação em Educação Física:

[...] e uma ocasião na disciplina de Musculação o professor levou um fisiculturista profissional que não falou NADA sobre a utilização de esteroides... e **alguém perguntou pra ele e ele se recusou a responder...** [...] **infelizmente isso leva a pessoa a buscar informações, hoje principalmente, pela internet... ou com outros usuários...** [...]

Entrevistado: Big Randy

Esta fala do Big Randy remete para uma dimensão do aprendizado sobre o anabolizante que coincide com uma fala do Acetrem: é “lá fora” da graduação em Educação Física que se adquire o conhecimento mais avançado sobre o tema. É possível perceber no relato dos diferentes participantes que “dentro” das disciplinas da graduação em Educação Física os anabolizantes são, na maioria das vezes, tratados com ar de proibição e de clandestinidade. Só o “lado ruim” é apresentado, fazendo com que a discussão acerca do potencial de *enhancement* corporal por meio da administração exógena de hormônios anabolizantes seja deixada de lado.

Inicialmente, antes de ir a campo, imaginava que seria possível a existência de outra dimensão interna ao aprendizado na graduação em Educação Física baseada no intercâmbio de conhecimentos sobre a utilização de anabolizantes entre os próprios estudantes do curso. Em alguns momentos das entrevistas perguntei sobre esta questão aos entrevistados, mas não consegui obter uma resposta sobre existência desta outra dimensão interna, mais baseada na “amizade” entre os usuários de anabolizantes que estudam Educação Física.

A partir da fala dos participantes, e também levando em consideração o teor de clandestinidade que paira sobre o tema, foi possível identificar duas categorias de estudantes que têm em comum o interesse sobre discussão relacionada aos anabolizantes.

A primeira categoria é composta por aqueles que ingressaram na graduação em Educação Física pensando que este seria o lugar propício para “aprender a tomar bomba”. Este perfil de ingressante, com o passar do tempo dentro do curso, acaba se decepcionado com o que aprende (ou com o que não aprende) sobre um tema que o motivou a escolher a graduação em Educação Física. Tal decepção pode ser percebida nas falas de Acetrem, Big Randy e Rogério, que tiveram que buscar em outras dimensões o aprendizado que, inicialmente, achavam que seria obtido na Educação Física. O principal motivo para esta decepção é que a temática não é debatida abertamente e, quando alguma questão sobre a utilização de hormônios anabolizantes como ferramentas de *enhancement* corporal é posta em pauta, há uma espécie de estranhamento docente e, como defesa, uma fuga da temática, muito provavelmente pelo fato de que a utilização dos anabolizantes para fins não terapêuticos passa por um processo de criminalização pela sociedade, ou, quem sabe, pelo fato do docente não dominar o assunto e, por isso, preferir não discutir sobre este tema em aula.

A segunda categoria é composta pelos sujeitos que aprenderam a utilizar o anabolizante “lá fora”, mas vem para “dentro” da Educação Física a fim de buscar uma legitimidade de atuação, um “salvo conduto” ante os órgãos fiscalizadores, como, por exemplo, o Conselho Regional de Educação Física (CREF). Um exemplo disso é o entrevistado João Cezar, que antes de ingressar na Educação Física já era fisiculturista profissional, bem como a entrevistada J.Kiss que optou em primeiramente se formar em Licenciatura em Educação Física para depois ingressar no Bacharelado a fim de ter sua atuação nas academias de musculação autorizada pelo CREF.

A formação de um proficiente na utilização dos anabolizantes não se dá na Educação Física. Como Rosa Fischer (2009) menciona, todo processo de formação é uma escolha da própria existência do sujeito, um estilo de vida, um cuidado consigo. Formação não se restringe apenas a adquirir conhecimentos em sala de aula, ela vai muito além: está expressa na capacidade de provocar, de duvidar, de se dedicar a saber mais sobre quem pretendemos nos tornar. A formação está no desejo de aprender (FISCHER, 2009).

Quem está disposto a aprender vai à busca do assunto de interesse. É assim que ocorre a aquisição dos conhecimentos sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes para fins de *enhancement* corporal. Se a formação inicial em Educação Física não dá subsídios para a aquisição de tais competências, é “lá fora” da graduação que os interessados em aprender sobre a hipertrofia muscular pela via medicamentosa obtêm subsídios teórico-práticos e acesso aos medicamentos.

4.2 O APRENDIZADO “LÁ FORA”: AS DIMENSÕES NO ÂMBITO DA CLANDESTINIDADE

Uma das falas que mais me chamou a atenção nas narrativas dos entrevistados foi a de Big Randy: “estudei muito até tomar a primeira dose”. Se nas disciplinas da graduação este tema não é tratado por ser considerado proibido, então onde os participantes da pesquisa aprenderam sobre a temática do uso dos anabolizantes? Quais caminhos percorreram até chegarem à condição de estudiosos no assunto? Em todas as falas foi possível perceber que estudar muito sobre o assunto só é possível “lá fora”, traçando uma rota independente do ensino

formal oferecido em cursos de graduação. No transcorrer das análises foi possível identificar diferentes fases neste percurso "lá fora", aqui denominadas de 'dimensões de aprendizagem', que emergiram do material empírico e foram apresentadas pelos participantes como etapas constituintes do aprendizado, de modo sequencial, em busca da própria formação sobre o *enhancement* corporal pela via medicamentosa. Estas dimensões são: (1) o aprendizado na academia de musculação; (2) o aprendizado nos fóruns virtuais e redes sociais da Internet; e (3) o aprendizado a partir dos *coaches*.

Há, também, o que eu considero ser uma última instância no nível de aprendizagem sobre a utilização do anabolizante, que consiste no momento em que (4) a *expertise* é reconhecida. O sujeito adquire tamanho conhecimento nas etapas anteriores que ele passa a ser reconhecido como um *coach*, um *expert* no assunto. Nessa condição, passa a estar "autorizado" não apenas a manipular seu próprio corpo, mas também a orientar os seus pares a manipularem seus próprios corpos.

O que ocorre fora da graduação em Educação Física é um aprendizado voltado para a proficiência no uso do anabolizante como ferramenta de *enhancement* corporal. Este aprendizado segue, na maioria das vezes, o fluxo sequencial tal qual apresento nas dimensões (subseções) a seguir.

4.2.1 Dimensão 1: o aprendizado na academia de musculação

O corpo na cultura ocidental vive em constante metamorfose na era pós-moderna e não nos restringimos apenas a aceitá-lo como ele é, mas buscamos constantemente corrigi-lo, transformá-lo, reconstruí-lo, aperfeiçoá-lo (MAROUN; VIEIRA, 2008). Neste processo de reconstrução e aperfeiçoamento corporal, a academia de musculação surge como um espaço no qual o corpo é o centro das ações e das atenções.

Inegavelmente, muitas pessoas praticam musculação pelos benefícios que esta prática traz à saúde. Entretanto, o que me motivou a pesquisar sobre os anabolizantes foram aqueles sujeitos que frequentam as academias de musculação na busca do "um centímetro a mais de braço", do "abdômen tanquinho" e até mesmo a "ficar monstro", no sentido de se dotar de um corpo com uma hipertrofia muscular descomunal. O entrevistado Johnhy se posiciona da seguinte forma diante deste aumento da procura pelas academias de musculação:

[...] eu acho que as pessoas que vão para a academia mentem muito dizendo que querem só saúde, mas na verdade mesmo eles buscam também a questão estética... [...] eles [os praticantes] querem dizer que não é só estética, que tem um lado da saúde sim... mas no meu ponto de vista, cara... a maioria das pessoas buscam sim a questão estética [...]

Entrevistado: Johnhy

Cesar Sabino (2004), em sua tese de doutorado intitulada “O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas”, descreve a academia de musculação como um local em que há uma organização social específica, além de ser um espaço onde ocorrem trocas de experiências sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes. Este universo das academias de musculação como um espaço de intercâmbio de conhecimentos sobre a utilização dos anabolizantes, percebido por Sabino (2004), também emergiu na fala dos entrevistados e é sobre este local que pretendo debruçar a movimentação analítica desta dimensão de aprendizagem que intitulo como “o aprendizado na academia de musculação”.

Por meio das falas dos meus entrevistados foi possível entender a academia de musculação como sendo a primeira dimensão de aprendizagem fora do ambiente formal de ensino, principalmente, baseado na ideia de um percurso cronológico do sujeito que busca modificar o corpo pela prática da musculação. Acetrem, mesmo sendo jovem, diz que “antigamente” o aprendizado funcionava da seguinte forma:

[...] o cara faz do corpo dele um laboratório de pesquisas e começa a ver... Principalmente antigamente, quando não se tinha tanto conhecimento isso acontecia...[...] **antigamente era assim: as pessoas ouviam o que um falou na academia e iam testando em si... e um passando pro outro...**[...]

Entrevistado: Acetrem

O participante João Cezar, que é mais velho que Acetrem, também relatou como ocorriam os aprendizados não só sobre a utilização de anabolizantes com fins de *enhancement* corporal, mas também sobre os diversos procedimentos bioascéticos, principalmente no que tange às dietas pré-competição:

[...] quando eu comecei nem internet tinha. [...] as informações vinham através de livros ou experiências práticas com os caras da academia... como tudo na vida a gente deve montar um case de informações e extrair quais delas tem mais evidências, um grau melhor de evidências...[...]

Entrevistado: João Cezar

A existência das “experiências práticas” relatadas por João Cezar e o “corpo como um laboratório de pesquisas” relatado por Acetrem convergem rumo à relevância da academia de musculação como um local em que há um intercâmbio de saberes e competências dentro de uma biossociabilidade.

O participante Johnhy se mostra preocupado com a disseminação dos anabolizantes entre os praticantes de musculação, a ponto de manifestar seu posicionamento da seguinte maneira:

[...] Isso é um perigo! Eu acho isso muito perigoso, cara... eu acho que falta um rigor... um controle maior nas academias... ou a questão de tentar orientar melhor as pessoas para a utilização de esteroides, os malefícios [...]
Entrevistado: Johnhy

É perceptível a falta de controle sobre a utilização dos anabolizantes nas academias de musculação. Muitas academias de musculação vendem o *enhancement* da mercadoria “corpo” por duas vias: a primeira, “no suor”; a segunda, por meio do “algo mais” que é o medicamento anabolizante. Por meio das academias de musculação, estas substâncias potencializadoras da musculatura podem chegar de forma mais fácil e direta às mãos dos aprendizes que não sabem as formas que tais drogas atuam no organismo e sequer sabem as estratégias de combater os efeitos colaterais.

Os fisiculturistas, que são potenciais detentores dos conhecimentos sobre a utilização dos anabolizantes, não ficam nas academias de musculação falando sobre a utilização de tais hormônios. Pelo contrário, como relata o participante Johnhy:

[...] o fisiculturista é bem mais retraído... ele é um atleta e fica na dele. [...] O marombeiro quer ser o fisiculturista... quer imitar... mas se chamam para uma cervejinha no final de semana ele vai... já o fisiculturista é um atleta mesmo... ele segue a risca aquilo ali... ele tem um amor por aquilo ali... a vida dele é aquilo ali... e são humildes... principalmente os *bodybuilders*, cara... é uma humildade que chega a assustar... tu olha o cara... pô, o cara é “desse tamanho” [abrindo os braços] e com uma humildade... [...]
Entrevistado: Johnhy

Para mim causou certa estranheza este significado de marombeiro empregado pelo Johnhy, pois não via (e ainda não vejo) o termo ‘marombeiro’ com um teor pejorativo. Ao digitarmos ‘marombeiro’ no buscador do *Google*, encontramos

logo de cara a seguinte acepção no *Dicionário inForma*⁵¹ : “aquele que pratica musculação, marombado, malhado. Sarado, musculoso, forte;” e ainda inclui uma frase para exemplificar tal denominação no cotidiano: “Quando a turma dos marombeiros chega, ninguém mexe com eles”. César Sabino (2004) descreve, etimologicamente, a origem da palavra "maromba" como sendo a vara com que o artista que anda sobre a “corda bamba” se equilibra. Comparativamente, o praticante de musculação que empunha a barra com halteres (removíveis ou não) é associado à imagem do equilibrista sobre a corda bamba, que por analogia passou a ser chamado de “marombeiro”.

Acetrem, aponta que a diferença entre o marombeiro e o fisiculturista é, justamente, o anabolizante. Da mesma forma que Sabino (2004; 2005), Acetrem aborda a utilização do anabolizante como um “marco social”, um rito de passagem entre as (sub)biossociabilidades⁵² marombeiro e fisiculturista (*bodybuilders*).

Sabino (2004; 2005) considera que o anabolizante consiste em um rito interno dentro da “categoria” marombeiro. Aquele que utiliza o anabolizante altera seu status na hierarquia de papéis interna ao grupo. Inspirado em Rose (2013), dá para afirmar que o marombeiro passa de um mero “paciente” ativo sobre o próprio corpo a uma categoria de administrador ativo das políticas da própria vida, mesmo que este lado “ativo” seja caracterizado por uma servidão aos ensinamentos de uma outra pessoa.

O início do consumo de anabolizantes pode ser considerado um rito que consagra a diferença, instituindo-a. Este rito ressalta a linha de passagem entre um status - o de indivíduo comum - para a condição de aspirante a outra posição superior. O que deve ser destacado é que a hierarquia de papéis nas academias de musculação se inscreve no corpo através da forma que este gradativamente adota, isto é, a mudança física fabricada significa mudança de status pois esta traduz a aquisição de capital de competência - onde comprar as drogas, como utilizá-las, com quem, quais os efeitos de cada uma, para qual objetivo cada uma delas se presta -, além de capital corporal. (SABINO, 2004, p. 128-129)

⁵¹ Endereço eletrônico: <http://www.dicionarioinformal.com.br/marombeiro/>

⁵² Inseri entre parênteses o prefixo (sub), pois em certos momentos os considero como membros de uma mesma biossociabilidade mais ampla, mas em outras situações percebo diferenças entre tais grupos, principalmente após a realização das entrevistas.

É possível considerar que os marombeiros e fisiculturistas dividem entre si características próprias, que os fazem detentores de bioidentidades semelhantes, mas não idênticas. Esta segregação entre marombeiros e fisiculturistas é perceptível na academia de musculação. Grupos que ora parecem dividir uma mesma biossociabilidade, ora não. Também me apoio na narrativa da participante J.Kiss, para identificar esta segregação interna nesta biossociabilidade:

[...]um fisiculturista é aquele que tem aquela cultura de vida[...] alimentação, a dieta o treino. Só que ele também não tem muita escolha. Ele tem que fazer aquilo. Ele não tem opção de não fazer aquilo, de boicotar a dieta, o treino, para chegar no resultado que... tipo, tudo que ele fez durante aquele período vai dar um resultado no dia da competição, no palco... o marombeiro faz a dieta, só que não tem a obrigação... no momento em que ele quiser tomar uma cerveja com os amigos, comer uma pizza, ele vai... porque ele não tem aquele compromisso... de repente ele até leva à sério, mas a visão ainda é diferente um pouco...[...] **geralmente as pessoas que competem elas são mais resguardadas na academia que os marombeiros... os marombeiros querem se aparecer, eles querem mostrar que fazem aquilo... eles querem mostrar no facebook... o atleta é mais reservado.** [...]

Entrevistada: J.Kiss

O lado “resguardado” dos fisiculturistas é, possivelmente, um potencializador desta *vontade de saber* por parte dos iniciantes-aprendizes que estão na academia de musculação. Esta relação de poder e dominação hierárquica que se manifesta implicitamente na relação entre o fisiculturista e o iniciante tem um ar de um incitamento, uma provocação ao estilo “será que um dia você consegue ficar do meu tamanho? Eu não vou te contar qual o segredo”. Este jogo complexo de vontades que se impõem (fisiculturista resguardado e iniciante em busca do aprendizado), vai ao encontro do que o Big Randy afirma:

[...] o cara que usa, e tem uma boa fonte... ele não passa ela de jeito nenhum (risos)... então, porque tu não quer... tu não quer que a tua fonte seque... e tu acaba não passando... [...]

Entrevistado: Big Randy

A academia de musculação, portanto, é o primeiro passo na formação do aspirante na utilização dos hormônios anabolizantes com fins de *enhancement* corporal. Este não é o “mais seguro” dos passos, pois as pessoas que disseminam

seu conhecimento na academia de musculação aprenderam, sobretudo, na tentativa e no erro. E o erro, nestes casos, pode custar caro.

Nas falas dos participantes sempre ficou nítido o seguinte percurso: o sujeito, primeiramente, vai à academia e após as frustradas tentativas de conseguir um corpo hipertrofiado sem a ajuda de medicamentos, ele começa a arquitetar mecanismos para conseguir esta modificação corporal de forma mais fácil e rápida. É aí que entram os anabolizantes; como facilitadores do processo de hipertrofia muscular, ou ainda, ferramentas catalisadoras de um processo de *enhancement* corporal.

Portanto, há, mesmo que os envolvidos não façam ideia, uma disputa latente entre os fisiculturistas (por meio da detenção de um saber clandestino sobre o anabolizante) e os aprendizes (que buscam ainda mais ferramentas que os possibilitem a obtenção desta *expertise* sobre o próprio corpo).

O próximo passo na busca pela *expertise* sobre os anabolizantes como potencializadores de um *enhancement* corporal se deposita sobre as possibilidades de aprendizado advindas da Internet, conforme veremos na dimensão de aprendizagem a seguir.

4.2.2 Dimensão 2: o aprendizado na Internet

Dentre as dimensões de aprendizagem, a Internet se apresenta como um espaço com elevada concentração de informações sobre os modos de utilizar tais medicamentos. A partir da fala dos entrevistados, e tendo como base pesquisa anterior em que me dediquei exclusivamente à leitura de diversos sites da Internet, compreendo esta gama de saberes disponíveis na rede mundial de computadores como alocada sob duas perspectivas que se complementam em um processo formativo: a primeira baseada nos preceitos científicos e biomédicos, pautada por achados acadêmicos e embasada, sobretudo, em hipóteses e fatos fisiológicos; a segunda baseada na prática, na capacidade de manipular o próprio corpo e na *expertise* sobre o si mesmo biológico.

A questão principal que diferencia a primeira perspectiva, mais acadêmica, da segunda, mais prática, está baseada no que Big Randy relata:

[...] hoje principalmente pela internet... [...] eu enxergo assim... geralmente as pessoas tem preguiça de estudar ou ir atrás da informação na internet [...] ele não vai atrás... [...] esse conhecimento, ele tá disponível... só que ele é de difícil acesso... **exige um conhecimento prévio...** [...]

Entrevistado: Big Randy

Apesar de aparentemente acessível a qualquer pessoa, a perspectiva de aprendizagem com subsídio acadêmico via Internet pode ser bastante restritiva e até mesmo induzir a caminhos sinuosos. As pessoas que dominam os códigos e linguagens próprios do fazer científico, disponíveis em portais de periódicos especializados para tais buscas, são, quase sempre, aquelas que já vivem imersas no ambiente científico-acadêmico.

Talvez seja por isso Big Randy relacione a “preguiça de estudar” com a falta de um “conhecimento prévio”, pois o sujeito que por ventura entrar em um portal de periódicos a fim de obter conhecimentos sobre os processos biodinâmicos de algum hormônio vai passar por uma sequência de desafios: o primeiro, localizar o artigo a partir de indexadores; o segundo, ter livre acesso aos artigos selecionados; o terceiro, compreender a metodologia e a aplicabilidade daquele artigo naquela situação específica em que ele o sujeito busca empreender algum conhecimento.

Na graduação em Educação Física, e em qualquer faculdade que valorize a iniciação científica, são apresentadas aos estudantes diversas maneiras de operacionalizar as buscas nestas bases virtuais de dados. É difícil encontrar algum iniciante no mundo do anabolizante que, sem experiência prévia nestas ferramentas de busca, consiga localizar em portais de periódicos como, por exemplo, o *United States National Library of Medicine (PubMed)*⁵³, que abarca grande parte das principais publicações da área biomédica, algum artigo na íntegra que o ajude neste processo de compreensão.

Desta forma, não considero que a melhor definição para quem não consegue buscar este tipo de conhecimento via Internet seja “preguiça”. O problema está em quão resguardado e criptografado é o acesso a este espaço para aqueles que não têm tanta intimidade com tais ferramentas de busca.

Já que o acesso a esta informação a partir da fonte original (ao artigo que originou a produção do conhecimento) é difícil, restam poucas alternativas a não ser o sujeito, mesmo que estudante de Educação Física já inserido no ambiente acadêmico, buscar estes conhecimentos em fontes secundárias, como textos que discutem artigos de outros autores. As pessoas que publicam estes textos na

⁵³ O *PubMed* é um portal de periódicos que armazena diversas produções das áreas biomédicas. O site pode ser acessado em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>

Internet já consultaram, na maioria das vezes, as fontes originais e testaram em si mesmo. Aí é que chegamos aos fóruns virtuais e às redes sociais, de acordo com a evolução das formas de comunicação via Internet.

Saliento que a pesquisa que realizei no ambiente virtual nesta dissertação não se assemelha à imersão netnográfica que desenvolvi durante a realização de meu TCC (MACHADO, 2009), pois na pesquisa empreendida no mestrado não tive como objetivo estudar as relações daquele grupo naquele ambiente, mas, sim, compreender como o fórum virtual pode servir como uma ferramenta de aprendizagem sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes com fins de *enhancement corporal*.

Tomei como centro da análise sobre os fóruns virtuais um local em especial: o fórum Hipertrofia⁵⁴. A escolha deste fórum se justifica pelo fato de que o participante Acetrem o mencionou em meio à entrevista. Além disso, outro fato que corroborou as justificativas para tal escolha, foi verificar que, em meados de junho de 2015, o fórum Hipertrofia possuía um número elevado de seguidores no *Facebook*. Sinal que ele tinha um “poder de impacto” potencialmente maior que os demais fóruns, pois suas publicações eram visualizadas por mais pessoas, ou perfis, pois nem sempre um perfil em uma rede social é ocupado por uma pessoa.

O fórum Hipertrofia está dividido em quatro espaços principais de publicação: *Hipertrofia*, que abriga tópicos que versam sobre os temas relacionados à hipertrofia muscular; *Off-Topic*, que abriga discussões sobre temáticas que não, necessariamente, são relacionadas ao tema central do fórum; *Multimídia*, com fotos e vídeos de fisiculturistas e frequentadores do fórum mostrando a evolução das modificações corporais; e, um último espaço denominado *Fórum*, o qual abriga as normas de publicação, os tópicos excluídos por falta de pesquisa prévia, e o modo correto de publicar sua postagem no respectivo site.

Saliento dois espaços que me chamaram a atenção: em um primeiro momento o *Fórum*, e depois o *Hipertrofia*. Logo nas primeiras observações sobre a organização deste fórum, pude notar que a ausência de pesquisa (dentro do próprio fórum) é vista como motivo de piadas, e até as postagens com dúvidas sobre algum procedimento podem vir a ser excluídas, caso seja perceptível uma falta de embasamento científico por parte da pessoa detentora da dúvida postada.

⁵⁴ Link do fórum virtual: <http://www.hipertrofia.org/forum/>

Esta punição pela falta de cientificidade se dá, sobretudo, devido ao fato de que há uma sistematização na organização do modo de escrever a postagem. A fim de evitar a repetição de dúvidas por diferentes pessoas do fórum, há também uma ampla listagem de tópicos guias, com perguntas mais frequentes e tutoriais de como pesquisar dentro deste ambiente. O participante Johnhy, em sua fala, afirmou que:

[...] a Internet é um antro de informações, de ciclos, “como fazer isso”... “e mistura com isso...” e tem muita experiência... e as pessoas experimentam muito nos outros... e as vezes nas namoradas... namorados... no próprio irmão... e é uma experimentação de ciclos, de “eu vou fazer isso”, de “eu vou botar hemogenim com não sei o que...” ... “e vou botar isso para não dar aquilo”... “e vou tomar isso para não dar ginecomastia...”... é um festival... um circo...[...]
Entrevistado: Johnhy

Foi possível identificar esta gama de informações sobre “como usar o anabolizante”, também, no fórum em questão. No espaço *Hipertrofia* as temáticas que norteiam as discussões são as da nutrição, da suplementação, do treinamento e, é claro, da utilização dos anabolizantes. Destaco três tipos de postagens: a primeira é a que normalmente acaba por ser excluída por falta de cientificidade, consiste em alguma pergunta sobre anabolizantes, dietas ou treinamento. Percebi que, no que tange a aprendizagem no fórum virtual, fazer perguntas é a pior maneira de tentar solucionar as dúvidas. As respostas estão apresentadas em postagens no fórum e não respondidas diretamente.

O segundo tipo de postagem são os “artigos”⁵⁵ sobre diferentes temáticas, escritos pelos próprios membros do fórum que detém alguma *expertise* sobre aquele assunto. Estes servem como referências básicas para as consultas daqueles que buscam a proficiência no uso do anabolizante. Estes artigos possuem, inclusive, referências bibliográficas, citando publicações em periódicos internacionais e livros de fisiologia do exercício e bioquímica, por exemplo. É assim que se configura um caso de uma fonte secundária de aprendizado dentro da dimensão Internet: a pessoa que fez o texto consultou diretamente os artigos e interpretou-os, tendo como base sua própria *expertise* sobre aquele tema.

O terceiro tipo de postagem é muito semelhante ao apresentado na fala de Johnhy: um membro do grupo apresenta o que está fazendo ou pretende fazer para

⁵⁵ Modo como os frequentadores do fórum chamam os textos que versam sobre alguma temática. Neste caso, não me refiro aos artigos acadêmicos.

que os outros frequentadores do fórum tenham seus comentários. É o que os membros deste grupo chamam de “relatos”. Se o sujeito pretende fazer um ciclo com determinado anabolizante, inicialmente ele apresenta o protocolo que deseja utilizar, os objetivos e como será seu treino e sua dieta. Apresenta o máximo de detalhes possíveis e aguarda o posicionamento dos pares. Estes indicam os pontos certos e errados daquele protocolo tendo, principalmente, a sua própria *expertise* como base de avaliação sobre aquele tema.

Quantos miligramas de cada medicamento utilizar; se é necessário aumentar o consumo de algum macronutriente na dieta; quais os cuidados devem ser tomados ao realizar aquele protocolo. Os membros do fórum entram com as dicas, e o sujeito que lançou o tema em pauta entra com o relato de seu dia a dia. As alterações corporais que estão sendo obtidas; como estão agindo os medicamentos; quais foram os ganhos reais etc. Por fim, tradicionalmente, o membro do fórum que criou o tópico de relato coloca suas fotos que registram o “antes e o depois” e conta o que considerou positivo e negativo naquele protocolo utilizado. Nestas trocas de experiências entre os membros do grupo é que se dá a formação do conhecimento sobre a utilização dos anabolizantes nesta dimensão de aprendizagem.

É interessante mencionar que encontrei no fórum virtual membros que se intitulam marombeiros. Levando em consideração que na dimensão academia foi possível perceber nas falas dos entrevistados uma distinção entre ser marombeiro e ser fisiculturista, mas não encontrei questões deste âmbito no ambiente virtual.

Identifiquei na Internet diversas expressões que fazem alusão ao termo marombeiro, as quais circulam em sites da Internet construídos pelos próprios membros deste grupo. Até mesmo outros fóruns virtuais e grupos no *Facebook* se autointitulam “marombeiros”, usando perfis e páginas em redes sociais tais como, por exemplo, *Marombeiro Sempre*⁵⁶ e *Papo de Marombeiro*⁵⁷ e o blog *Maromba Pura*⁵⁸. Todos estes locais identificados acabam por se constituir como espaços de encontro, reafirmação de propósitos e, sobretudo, espaços de formação.

Na fala de Rogério é possível perceber que o preconceito existente, não entre o fisiculturista e o marombeiro, mas sim parte daqueles que não fazem parte

⁵⁶ Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/MarombeiroSempre>

⁵⁷ Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/papodemarombeiro.rj>

⁵⁸ Endereço eletrônico: <http://www.marombapura.blog.br/>

deste universo e, conseqüentemente, não comungam este estilo de vida anabolizado.

[...] hoje em dia não tem o julgamento por ser marombeiro. O julgamento se dá em questão do anabolizante. O cara aparece assim... um pouco mais distinto. Com bastante definição, com bastante volume... o pessoal já começa a olhar e falar “bah aquele ali com certeza toma... toma muito” mas não em relação ao corpo... Antigamente sim, mas hoje, não mais...[...]
Entrevistado: Rogério

O preconceito não está diretamente atrelado ao corpo hipertrofiado, mas aos meios utilizados para atingir tal hipertrofia muscular, no caso, a administração de hormônios anabolizantes exógenos. O que ocorre, neste caso, é uma disputa de valores entre o *ser natural* e o *ser artificial*. O natural dito como sendo o bom e o saudável e o artificial sendo o maléfico, o que não segue a necessidade humana. Estas premissas foram contestadas de modo contundente por François Dagognet (1988) em sua obra *La maîtrise du vivant*, à qual tive acesso por meio da análise de Paul Rabinow, em *Antropologia da Razão* (RABINOW, 2002). De acordo com Rabinow, Dagognet lança sua tese por meio de elogios explícitos à artificialização, sendo que o artificial e o natural vêm sendo separados arbitrariamente desde a Grécia antiga: o primeiro sendo positivado e o segundo sendo negativado (RABINOW, 2002).

Esta associação direta entre a utilização dos anabolizantes ao *enhancement* corporal baseado em artificialidades também corrobora com o teor de clandestinidade não só na utilização dos anabolizantes, mas, inclusive, na existência de dimensões de aprendizagem sobre a utilização destes medicamentos com fins de hipertrofia muscular. Considerando que a Internet é um espaço onde há notável liberdade de expressão e, por ser detentora desta imensidão, ela é um ambiente de difícil policiamento, portanto, propício para se abordar de temas clandestinos.

Nos dias atuais, tão fácil quanto encontrar quem vende os anabolizantes é encontrar quem ensina sobre como usá-los na rede mundial de computadores. Nos fóruns virtuais há frequentadores antigos⁵⁹ que convivem entre seus pares há muitos anos nestes espaços e lá comungam seus saberes. A nova geração de aprendizes anabólicos *online* está cada vez menos frequente nos fóruns virtuais de discussão e cada vez mais utilizando as redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*.

⁵⁹ Aqui antigos são aqueles que ingressaram no fórum há mais de cinco anos.

Isso se deve, principalmente, pela maior rapidez de comunicação destas últimas. Enquanto nos fóruns virtuais a interação se dá de forma assíncrona (não instantânea) e baseada em perfis, nas redes sociais a maioria dos sujeitos são pessoas que se expõem, mesmo que ainda haja uma parcela de perfis criados apenas com o intuito de debater sobre temas clandestinos sem sofrer com a exposição. Outro motivo que atribuo o sucesso destas redes sociais é a postagem baseada na exposição da imagem do sujeito, associada a um produto a ser vendido. Fato que vai ao encontro da fala da participante J.Kiss:

[...] então, mesmo quando eu não to afim de postar nada sobre meu treino, sobre meu corpo, eu assinei um contrato com essas empresas que diz que eu tenho que postar ao menos uma vez ao dia alguma coisa deles, ou uma *hashtag*, alguma coisa... uma foto do produto... ou eu treinando... [...] fazia dois dias, e a gente tem essa cobrança sabe... se parar de postar tu já recebe o email [...], de alguma loja dizendo “oh vamo lá...” porque todo dia alguém que trabalha [...] na parte do marketing dessas empresas olham e puxam o *hashtag* com o nome da empresa e veem que tu não postou nada... então, meu contrato vence em junho... se eu quero manter meu contrato com essa empresa, tenho sempre que ficar postando e fazendo propaganda do produto deles... pra continuar recebendo esse produto né, pois pra nós é um benefício...[...]

A Internet não se limita, exclusivamente, ao aprendizado sobre o anabolizante ou sobre os procedimentos bioascéticos relacionados às modificações corporais. Há, na rede mundial de computadores, um capital sobre o corpo, mas o mercado no qual ocorre a propaganda e transação financeira é a Internet.

Normalmente, as três redes sociais trabalham de forma análoga. Um sujeito é detentor de perfis nos três espaços e suas publicações na Internet têm impacto sobre as três ferramentas de comunicação. No *Facebook*, o que há é o perfil do sujeito: são expostos textos mais longos sobre os temas que o respectivo detentor da página tem expertise. O *Instagram* é uma ferramenta de postagem de fotos aliadas a pequenos textos baseados, sobretudo, na postagem de *hashtags*, que consistem em palavras de ordem ao estilo do jargão #NoPainNoGain #SemDorSemGanho, tradicional no mundo da musculação. As postagens no *Instagram* são publicadas de forma integrada ao perfil do *Facebook*: o que é atualizado em uma rede social, também aparece na outra.

No *Youtube* a situação atinge outro patamar. Nesta rede social baseada na publicação de vídeos, o que até então era um tema clandestino, se torna algo mais

aberto. A propaganda aqui também é a alma do negócio. Sempre antes dos vídeos há o espaço para os patrocinadores “daquele corpo”. Os sujeitos que realizam as publicações ensinam, por meio de vídeos, treinos, dietas, suplementação e, também, muito falam sobre os anabolizantes: ciclos, colaterais, relação entre as drogas, processos biodinâmicos. Ao estilo telecurso, forma-se o proficiente na utilização dos anabolizantes com fins de *enhancement* corporal sem ao menos ter ingressado na graduação em Educação Física. Friso, por isso, que a graduação é apenas uma dimensão de aprendizagem eletiva na composição dos saberes formativos do proficiente no anabolizante, a qual pode vir a tangenciar tal temática, mas não se efetiva como parte obrigatória do percurso daquele que busca *expertise* nos processos de modificação corporal.

Essa interface, que pode vir a surgir no momento em que a graduação em Educação Física e as temáticas correlatas dos anabolizantes se tangenciam, é percebida em um espaço exclusivo de grande parte dos fóruns virtuais e, inclusive, do fórum Hipertrofia: a seção de *Assuntos Acadêmicos*⁶⁰. Nesta seção são postadas dúvidas dos frequentadores do fórum relacionadas a temáticas acadêmicas, relacionadas com os cursos de graduação aos quais tais sujeitos estão vinculados. Variados temas das áreas biodinâmicas são apresentados e discutidos nos tópicos, principalmente temáticas oriundas do campo da Nutrição e da Educação Física.

Conforme discorri nesta seção, a Internet é uma potente dimensão de aprendizagem sobre a utilização de medicamentos anabolizantes com fins de *enhancement* corporal, entretanto, o cuidado maior é sobre a fonte originária das informações que estão sendo consultadas. Os membros destas comunidades que adquiriram, a partir da demonstração de *expertise* no conteúdo de suas postagens aliada à capacidade modificação corporal própria, conquistaram o respaldo de seus pares. Grande parte dos membros reconhecidos nos fóruns se tornou *coache*. Temática que abordo na seção a seguir.

4.2.3 Dimensão 3: o aprendizado a partir dos *coaches*

Todos os entrevistados apresentaram um ponto em comum em suas narrativas: a existência de um perito nas modificações corporais denominado *coach*. No momento em que busquei as intersecções entre o material empírico obtido na

⁶⁰O acesso a esta seção é possível pelo link <http://www.hipertrofia.org/forum/forum/57-assuntos-academicos/>

Internet, as entrevistas e o referencial teórico, percebi que a temática *coach* estava intrínseca no processo de formação dos estudantes de graduação em Educação Física que buscam um aprendizado sobre a utilização dos anabolizantes.

O participante João Cezar, que é um *coach*, define o termo da seguinte maneira:

[...] *coach* é aquele que a gente costuma chamar de mestre... e para ser mestre é o principal fator determinante é **ele ter conseguido demonstrar, ou conseguir fazer com ele mesmo, aquilo que ele tá dispondo a ensinar**[...]
Entrevistado: João Cezar

A primeira utilização do termo *coach* surgiu na Hungria, na cidade de Kóks, de forma diretamente relacionada ao transporte de pessoas em carruagens de quatro rodas. Já no século XVIII, na Inglaterra, os cocheiros condutores das carruagens eram denominados de *coacher*, os quais conduziam, principalmente, os nobres universitários ingleses para suas aulas. Na década de 1830, a Universidade de Oxford passou a utilizar o termo *coach* como sinônimo de “tutor particular”, sendo principalmente decorrente do significado original: aquele que “carrega”, “conduz” e “prepara” os estudantes para seus exames (MILARE; YOSHIDA, 2007).

Nos estudos sobre a administração de empresas e das teorias organizacionais, *marketing* e gestão de pessoas, o termo *coach* também vem sendo utilizado⁶¹. Há, por exemplo, os *coaches* de carreiras, que tem como objetivo a tutoria da trajetória profissional de seus “orientandos”; os *coaches* executivos, que tem como proposta principal a “formação” de um “executivo de primeira”; os *life coaches*, que são direcionados à vida pessoal, orientando em aspectos referentes à motivação, convívio familiar, autodesenvolvimento e, inclusive, relacionamentos amorosos; os *coaches* de liderança, que são semelhantes aos *coaches* executivos, os quais buscam desenvolver a liderança dos “orientandos”; e os *coaches* de relacionamentos, que direcionam as questões referentes aos relacionamentos familiares, profissionais e amorosos, aprimorando as habilidades pessoais e a interação dos “orientandos”.

⁶¹ Este conjunto de informações foi retirado do blog <http://via6.com/> e não há um autor específico.

A utilização do termo *coach*⁶² também vem associada, na história mais recente, ao esporte, quando um especialista treina e desenvolve uma equipe ou um atleta para atingir suas metas. Na narrativa do entrevistado Acetrem, percebemos o que ele considera ser um *coach*:

[...]seria um preparador que te **ajuda nos teus objetivos**... geralmente é on-line a maioria... eles te dão treino, dieta e um protocolo de anabolizantes... um protocolo de ciclo... alguma outra estratégia tá bem em alta no Brasil... está aparecendo bastante times e coaches que ajudam os atletas que querem, ou apenas mudar o corpo... com ou sem anabolizantes... ou então **eles auxiliam a preparação para competição, para subir no palco**... seriam daí **pessoas que tem vivência no meio, pessoas bem experientes**... tem *coaches* formados, tem *coaches* pós-graduados... etc...[...] Entrevistado: Acetrem

Este conceito de *coach* guarda relação com o conceito mais clássico utilizado inicialmente na Universidade de Oxford: aquele que conduz, carrega e prepara os estudantes para seus exames, mas agora, no caso em tela, os atletas a “subirem no palco” ou apenas a “mudarem o corpo”.

O participante João Cezar associou o termo *coach* de modo direto ao termo “treinador”, no mesmo sentido utilizado nos Estados Unidos na identificação dos treinadores das equipes. Na entrevista com Acetrem, o termo *coach* recebeu uma definição mais global: o *coach* não se restringe apenas a treinar o cliente-aprendiz, mas também a passar a dieta e outras rotinas que fazem parte da vida de quem deseja modificar o corpo pela hipertrofia muscular. O *coach*, inclusive, pode ser o responsável pela indicação do protocolo de anabolizantes que o sujeito vai utilizar. Posteriormente, João Cezar disse que o *coach* é aquele que “a gente costuma chamar de mestre”.

O que seria, neste caso, um mestre? Qual seria a distinção entre o mestre – neste caso o *coach* – e o aprendiz? Vanice dos Santos (2012) afirma, em sua tese de doutorado, que o mestre é aquele que não apenas trabalha com os alunos (ou discípulos) o fenômeno, examinado por uma especificidade do conhecimento, mas, igualmente, é aquele que se orienta pelo cuidado na formação destes seguidores. No que tange à filosofia clássica, principalmente tendo como base os estudos das

⁶² Os coaches estão nas mais variadas esferas da vida contemporânea. Diversos são os cursos de gestão de gestão de organizações que, ou são ministrados por um *coach* ou “ensinam” a ser um *coach*. O termo *coach* merecerá o desenvolvimento de um projeto próprio após esta dissertação, levando como empiria, principalmente, o material oriundo do estudo em tela.

obras compostas por Platão e Aristóteles, é perceptível que estes três não tiveram uma relação a ponto de ser definida de forma linear como “mestre-aluno” um do outro. Sócrates, por exemplo, que não deixou obra escrita, só foi mestre de Platão porque este o elegeu como tal⁶³.

Quantas vezes um diálogo com o mestre não alterou a nossa posição diante do conhecimento (SANTOS, 2012)? Esta constante alteração na busca pela verdade e pelo conhecimento também, em Foucault (1984), está intimamente ligada à ascese clássica, na qual a busca pela “verdade” e a prática da espiritualidade convivem juntas. Na relação entre *coach* e aprendiz, há alguém que ensina e há alguém que aprende e essa relação de ensino-aprendizagem não necessariamente acontece em um sentido linear e único. O aprendiz recebe os ensinamentos do *coach* sobre como esculpir seu corpo, e da mesma forma está ensinando o *coach* a professorar a hipertrofia muscular. Já que este aprendizado sobre como moldar o corpo pela vias medicamentosas dificilmente ocorre na graduação em Educação Física, os *coaches* estão disponíveis para serem tutores e testarem diuturnamente seus aprendizes por meio daquilo que Ortega (2003; 2008) denomina como rotinas bioascéticas.

Na fala de João Cezar fica nítida a importância do *coach* saber “aplicar e testar em si” as manipulações corporais. Esta afirmação não foge de uma concepção bioascética (ORTEGA, 2003; 2008), a qual é decorrente de um desdobramento analítico da ascese clássica (FOUCAULT, 1984). Nas práticas ascéticas, o ato de conhecimento encontrava-se, de certa forma, sobrecarregado de uma atitude prática aliada a um ato espiritual. Como Santos (2012, p.38) descreve em sua tese, “o cuidado do outro é desinteressado de si mesmo. Porém ele só é possível com base no cuidado de si. [...] Esta é a tarefa do mestre, na forma de sua ascese espiritual, vivida por Sócrates.”

Estas práticas bioascéticas consistem em processos de subjetivação, nos quais a formação da identidade do submetido à prática está estritamente ligada às decisões sobre o estilo de vida desta pessoa, sobre o disciplinamento de seu corpo e acerca do governo sobre si mesmo. Esta identidade a ser constituída é o que Ortega (2008) denomina como bioidentidade, ou uma identidade somática. A participante J.Kiss, que recebe diariamente de seu *coach* indicações da rotina

⁶³ Parágrafo inspirado na divulgação do evento intitulado “Sócrates, Platão, Aristóteles: quem é mestre, quem é discípulo?” sob autoria do Professor José Trindade dos Santos, junto ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Disponível em <http://www.crup.pt/pt/imprensa-e-comunicacao/agenda/7448-socrates-platao-aristoteles-quem-e-mestre-quem-e-discipulo>

bioascética a ser seguida, apresenta em sua fala alguns dos conhecimentos que o *coach* pode ensinar ao aprendiz:

[...] os conhecimentos primordiais da musculação. Ele envolve conhecimentos de várias áreas... tipo essa parte de bioquímica, que fala do papel da desidratação, dos carboidratos, como tu vai manusear isso assim... tem bastante conhecimento de várias áreas... as pessoas ficam até surpresas e dizem “ah não vai mudar nada tu ficar uma semana treinando sem comer carboidrato depois tu vai lá e vai comer um monte de carboidrato e a tua pele, tu vai ficar mais seco ainda e sem retenção de líquido”... as pessoas acham “que que tem a ver uma coisa com a outra?” mas tem! Essas estratégias as pessoas não levam muito a sério, mas dá para aprender sim [...]

Entrevistada: J.Kiss

O *coach*, a partir da narrativa de J.Kiss, é um *expert* no processo bioascético com fins de modificação corporal. Já o aprendiz é o bioasceta que convive diretamente com a manipulação do próprio corpo, o qual tem a modificação deste corpo como um fim único. Também podem ser exemplos desse tipo de relação os sujeitos que se submetem a dietas rígidas (por exemplo, comer frango com batata doce em todas as refeições), rotinas de treinamento ininterruptas, sessões de treino duas ou três vezes ao dia. Tal qual o asceta clássico poderia se autoflagelar buscando uma ascensão espiritual, o bioasceta tem sua própria forma de buscar uma ascensão corporal (um corpo “melhorado” sob o jugo de si mesmo). Essa noção de sacrifício bioascético é perceptível no relato de J.Kiss:

[...] comi o mínimo possível, mas eu não aguentava... passando fome, passando sede... mesmo assim eu fiquei em segundo lugar... daí nesse dia eu saí do campeonato e a gente foi direto pra uma pizzaria... [...]A maioria das pessoas fala “ah mas pra que isso?” ou quando tu começa a emagrecer demais, e o rosto fica bem colado, as pessoas acham que tu tá sofrendo [...]

Entrevistada: J Kiss.

Ao encontro do que Ortega denomina de bioascese, ou ascese contemporânea (ORTEGA, 2012), o mestre é um asceta (SANTOS, 2012), bem como o *coach* pode ser entendido como um bioasceta. É um sujeito respeitado pela capacidade de conseguir manipular e construir o seu próprio corpo. Após ser reconhecido pelos pares por esta capacidade, ele dá o próximo passo: manipular o corpo dos demais. Por isso que me valho da tese de Vanice dos Santos (2012),

especialmente quando aborda a relação mestre-aluno existente entre os filósofos do período clássico grego.

A prática bioascética estipulada pelos *coaches* também se vale de uma capacidade de síntese de conhecimentos destes *experts*. Vejamos como:

[...] os melhores têm o **embasamento científico**... geralmente, faz bastante sentido o que eles tão falando... tu vai ler assim e pensa “por que esse cara botou gordura de noite?”... na dieta da minha amiga: whey com ¼ de abacate, ou meio avocado que é um abacate menor na noite... tipo, uma gordura, uma coisa calórica à noite... mas tem todo sentido, porque a gordura é um alimento que tem a digestão lenta... [...] quando eu não tô em dieta, que tô fora de competição... quando eu não tô em *pré-contest*, que geralmente é três semanas antes do campeonato, ou catorze semanas... eu como. Se vejo alguma coisa legal, alguém posta alguma coisa e eu vejo que é bom de comer... não é calórico... é saudável e é gostoso, eu vou lá e faço para copiar... se eu tô na dieta pra campeonato, eu recebo essa dieta pronta. Não tem como estar mudando aquilo, sabe? Mas se eu não estou em dieta, eu pego receita assim...[...]
Entrevistada: J.Kiss

Além do embasamento científico, a autoperitagem⁶⁴ é um fator significativa da formação de um *coach*. Como que uma pessoa vai “mexer” no corpo do outra se não consegue manipular o próprio corpo? E esta formação se dá, de modo muito significativo, com base na “tentativa e erro”, até porque o principal fator em questão é a individualidade biológica dos sujeitos, conforme percebemos no relato de Acetrem:

[...] E vai muito da tentativa e erro né... o cara **faz do corpo dele um laboratório de pesquisas e começa a ver**... Geralmente... principalmente antigamente, quando não se tinha tanto conhecimento isso acontecia... agora que tá aumentando esse assunto no Brasil...[...]
Entrevistado: Acetrem

A formação de um sujeito com embasamento científico ocorre a partir da leitura de artigos científicos que foram frutos de estudos sobre a ação de algum medicamento e quais as consequências advindas deste uso; as respostas biodinâmicas ante alguma situação (bioascética) específica (jejum, treinamento, anabolizantes, suplementos); bem como livros que abordem os temas em questão. Para esta formação ele não precisa, necessariamente, estar na graduação em

⁶⁴ A autoperitagem está intimamente ligada aos *expertise* sobre si mesmo (ORTEGA, 2008; 2012). A critério de exemplo, ocorre quando o sujeito sabe controlar as variáveis envolvidas nas modificações do próprio corpo.

Educação Física, basta ter acesso ao material e à Internet, que é um lócus onde estas informações estão disponíveis.

Conforme Acetrem afirmou em sua narrativa, os *coaches* “te dão treino, dieta e um protocolo de anabolizantes”. Dentre as diversas narrativas que surgiram sobre os *coaches* (os quais nem estavam no roteiro de entrevistas), a que mais me chamou atenção foi a do participante Big Randy, que mostra que há pessoas que buscam os *coaches* não no intuito de aprender a modificar o corpo, mas sim para ter acesso aos medicamentos anabolizantes:

[...] as pessoas também acreditam que, no momento que elas buscam esse cara, elas vão conseguir a droga... eu acho que, como não é de fácil acesso e as pessoas não sabem onde buscar, **tu buscar esse cara já é um caminho para tu obter a droga...** e nem sempre é assim... então, eu acredito que num primeiro momento, o que leva a pessoa [ao coach] é querer usar.. e aí busca um que é conhecido e que já deu resultado em outras pessoas... e aí vai atrás daquele cara, especificamente... eu acho que isso é o primeiro ponto: **OBTER A DROGA.** [...] e tu vai para as redes sociais tem um milhão de laboratórios novos vendendo anabolizantes... que **os caras vendem de casa... então.. esses próprios caras, as vezes, trabalham como coaches** né... então... eu acho que a última coisa que leva o cara a buscar um coach é ter uma segurança em relação ao que... em como ele vai usar... digamos que o usuário não seja experiente... ou... talvez não entenda porra nenhuma de fisiologia, ou como aquela droga vai atuar... e aí ele se sente num “porto seguro”, porque ele tá tomando como fulano mandou... então, se acontece alguma coisa... ele pode culpar o fulano e não a si... [...] e eu já tive experiência de estar trabalhando com um aluno que me contou exatamente isso... “eu usei, não deu certo e daí culpei o cara...”... pô, mas “tu seguiu o protocolo a risca? Fez a dieta a risca? Treinou?...” e daí “é... pois é...” então imagina... eu falei só de droga, e em nenhum momento eu falei de treino... por quê? Porque treino é o que as pessoas menos se importam... (risos)... [...] Tu pode ser o cara que durante a graduação buscou todo o conhecimento em treino de força, variável cinesiológica e biomecânica... variável de treino... em periodização e não sei o que mais... e o cara que tá lá na academia... o que interessa é fazer o mínimo de esforço e ter o máximo de resultado... então ele não vai te procurar por ser um bom treinador... ele vai procurar para ter esses caminhos pra chegar onde ele quer pra chegar da forma mais rápido possível... não pela *expertise* do cara...[...]

Entrevistado: Big Randy

Diferentemente dos relatos anteriores, ficou claro na narrativa de Big Randy que, para ele, muitas pessoas buscam o *coach* com uma segunda intenção: a obtenção do anabolizante. Os *coaches*, de certa forma, são grandes responsáveis pelas bruscas transformações corporais entre os atletas do fisiculturismo contemporâneo. Como Nikolas Rose (2013) afirma, a biopolítica contemporânea não está mais limitada à dicotomia entre doença e saúde. Está, sim, preocupada com as crescentes habilidades de administrar, modular, projetar as capacidades vitais dos seres humanos, além de, sobretudo controlar e remodelar tais corpos (ROSE, 2013).

Se esta é intitulada uma “política da própria vida” qual seria a fronteira entre *ser saudável e ser doente*? “Já não é possível defender a linha de diferenciação entre intervenções que visam à susceptibilidade, à doença ou à fragilidade, de um lado, e intervenções que visam ao desenvolvimento das capacidades, de outro” (ROSE, 2013, p.66).

A partir das diversas narrativas, percebemos elementos em comum sobre o conceito de *coach* para os entrevistados. O *coach* é um sujeito responsável pelo *enhancement* corporal de seus seguidores ou alunos. Esta capacidade de *enhancement* corporal atribuída ao *coach* pode ser exemplificada na narrativa de J.Kiss ao mencionar o *coach* Rick⁶⁵:

[...]Rick, que é o maior treinador que a gente tem no Brasil... ele leva os atletas brasileiros e tu já sabe... atleta do Rick vai ficar no pódio... no exterior, seja lá onde for, todos os atletas dele que foram agora pro Arnold que teve em Ohio ficaram no pódio... ele realmente é muito bom... teve uma amiga minha que fez uma consultoria com ele, que é bem cara por sinal... ele tem muitas estratégias, desde manter o sal alto até as últimas semanas do campeonato e depois baixar para dar aquela secada... ele mantém também uma quantidade de gordura bem alta na dieta que me deixou bem surpresa assim sabe...[...]

Entrevistada: J. Kiss

“Ele *leva* os atletas brasileiros e tu já sabe...”. *Coaches*, tal como o mencionado por J. Kiss são “consultores” acerca das variadas rotinas bioascéticas que o atleta deve realizar na busca da modificação corporal. Aquele que *leva*, que *conduz*, que realiza uma *tutoria*; ou então, até mesmo o que dirige a carruagem (do corpo humano) ao destino final (o pódio ou a modificação corporal).

Podemos conceber os *coaches* como sendo detentores de um poder disciplinador? Melhor diria: de um poder pastoral. Segundo Foucault (2003b; 2003c), o poder pastoral é um poder que se exerce a partir da autoridade de um pastor que conduz o seu rebanho. Este poder pastoral possuía características que o distinguia de outras formas de exercício de poder, pois i) o poder pastoral se dá sobre indivíduos e não, por exemplo, sobre territórios; ii) é um poder que tem no pastor sua figura central, que reúne, guia e protege o rebanho; e, sem um pastor, o rebanho não possui potência alguma; iii) o trabalho do pastor tem como objetivo guiar as suas ovelhas para a salvação; o pastor, por ser uma divindade sabe qual a natureza, a

⁶⁵ Nome fictício que foi escolhido a fim de preservar a identidade do *coach* mencionado pela participante.

felicidade e o destino de seu rebanho; iv) o pastor deve zelar por suas ovelhas individualmente, a fim de que todas elas sigam sua missão e atinjam seus objetivos.

Ainda é importante salientar que este pastor deve ter um saber geral sobre todas suas ovelhas, decorrente de sua divindade, e um saber sobre cada uma individualmente, efeito de seu poder. Ele deve saber as nuances de cada ovelha e, caso uma se perder, ele irá buscá-la, pois ele as conhece pelo nome e elas conhecem sua voz (COSTA, 2007).

Nikolas Rose (2013, p. 67) aborda também as novas formas de poder pastoral na contemporaneidade (os “especialistas somáticos”): médicos, conselheiros genéticos, cientistas da pesquisa, indústria farmacêutica. Aproveito para incluir os *coaches* nesta listagem. Este poder pastoral dos *coaches* tem reflexo direto na Internet, principalmente nas redes sociais como o *Facebook*, no qual os *coaches* são figuras públicas que postam frequentemente questões relacionadas à musculação. O participante Acetrem, em sua fala, diz que o difícil é filtrar as informações importantes:

[...] tem que saber filtrar [...] tem atletas consagrados e médicos consagrados... Dudu Haluch é um cara que, sem citar nomes, ele te mostra o lado bom, eles pesquisam, eles leem artigos antigos, novos, os antigos bons e os novos... não adianta tu saber os antigos e não acompanhar os novos... ele desvenda os mitos e se tiver que dizer que, por exemplo, tem gente que fica decepcionada quando eles falam que o anabolizante faz mal... eles falam a verdade mesmo, eles estudam, leem, revisam... se informam, filtram e te passam a informação da melhor maneira possível... agora pra saber se a pessoa é boa ou não... é difícil saber de primeira, sem ter vivência... isso aqui serve, isso não serve... é mais um tempo lendo, que tu aprende a ver se é bom ou não...[...]

Entrevistado: Acetrem

Com sujeitos encorajados a assumir um interesse ativo no próprio corpo (e, na própria relação saúde/doença), o termo “paciente” como aquele que recebe a *expertise* médica foi ficando de lado (ROSE, 2013). A própria *expertise* médica foi perdendo espaço e o cuidado e o controle da saúde deixando de ser exclusividade desta classe, pois tais sujeitos “pacientes” se tornaram consumidores ativos da medicina, das biociências, e de fármacos. Buscam informações na internet, exigem informações abertas dos médicos, queixam-se e podem vir até a recorrer às vias legais caso sejam desapontados em algum tratamento (ROSE, 2013). Muitas vezes, os (ex)pacientes já chegam ao consultório médico com o diagnóstico definido por

eles mesmos. E ainda por cima, como mostra esta dissertação: aprendem sobre os mais variados temas e adquirem estes conhecimentos pelas mais variadas dimensões.

O saber médico se disseminou a tal ponto que não está acessível apenas aos que detêm o diploma médico. Isso se reflete na fala de Acetrem, que mostra a existência de atletas consagrados como *coaches*, dando destaque, principalmente, ao *coach* Dudu Haluch, que é doutor em Física e estudante de Nutrição. Em seu *site* pessoal⁶⁶ o referido *coach*, fala que:

O mais natural não seria escolher nutrição, e sim algo como medicina, bioquímica ou fisiologia, mas a escolha da nutrição foi em parte pela minha experiência no fisiculturismo e apesar da aparência de um curso simples e pragmático, eu vejo ali uma profundidade de conhecimento inesgotável, onde se encontram as mais variadas áreas do conhecimento, principalmente a fisiologia e a bioquímica, que mesmo que sejam dadas de forma bem superficial na faculdade, em conjunto com todas as outras disciplinas servem como um estímulo para me aprofundar nos mais variados assuntos. Se engana quem pensa que estou ali apenas pela nutrição esportiva, estou ali porque quero entender não só o metabolismo de um corpo saudável, mas também de um corpo doente, não estou ali só pelo diploma ou pra garantir um emprego, minha escolha da nutrição foi por paixão, assim como foi com filosofia, a física, a cosmologia e a física de partículas.

A formação de *coaches*, portanto, se dá para além da formação obtida na graduação em Educação Física. Durante o processo de análise da empiria pude perceber que os *coaches* têm uma característica básica em seu processo formativo: eles cambiam o conhecimento dentro de seu grupo. Esta troca de conhecimentos, muitas vezes, pode vir a ser mais importante que a própria existência do *coach*. No caso do *coach*, esta formação (pela via não formal) baseada no escambo de conhecimentos é algo tão importante quanto o conhecimento que poderia vir a ser adquirido na graduação em Educação Física.

4.2.4 Dimensão 4: o reconhecimento da *expertise*.

Inicialmente considerava o *coach* como sendo um detentor de conhecimento que seria contratado para guiar o aprendiz rumo às mudanças corporais, fossem elas para fins de competição no esporte fisiculturismo ou, apenas, para fins estéticos. Entretanto, a partir da fala dos participantes, foi possível identificar o seguinte: quando o sujeito já passou por todas as etapas anteriores, aprendeu sobre

⁶⁶ No link <http://www.duduhaluch.com.br/minha-paixao-pelos-estudos/> Dudu Haluch descreve sua paixão pelos estudos.

os hormônios anabolizantes na academia de musculação, nas diversas ferramentas disponibilizadas na Internet, e chegou a contratar um *coach*, este sujeito já percorreu uma trajetória de aquisição de conhecimentos que lhe confere um grau bastante elevado de proficiência no uso dos medicamentos anabolizantes com fins de *enhancement*. Dentre os participantes, João Cezar e Big Randy são *coaches*.

Antes de ir a campo, não imaginava que o termo *coach* ganharia tanto destaque nas falas dos participantes a ponto de me levar a construir uma categoria de análise específica que pudesse tratar dos caminhos que levam um aprendiz a se tornar um mestre no assunto, uma espécie de linha de chegada do percurso formativo demarcada pelo reconhecimento dos pares à competência adquirida para desempenhar a função de *coach*.

O *coach* é sujeito capaz de implementar modificações corporais com as ferramentas que sua formação pessoal lhe proporcionou. Essa formação pessoal consiste na trajetória de aquisição de conhecimentos percorrida em cada uma das dimensões de aprendizagem anteriormente citadas. E o tempo que se empreende em cada uma destas dimensões depende, sobretudo, da capacidade do aprendiz em se apropriar dos conhecimentos e da audácia de aplicá-los e de testá-los em si mesmo. Os cursos de Educação Física, por exemplo, duram cerca de quatro anos. Tempo que não é o bastante para alguém sair da condição de aprendiz à *coach*.

O entrevistado (e *coach*) João Cezar, destaca seu ponto de vista a respeito dos *coaches*:

[...]o primeiro passo, na minha visão, é ele ter tido uma prática bem favorável... e ele poder ensinar... e isso a gente conquista em alguns anos e não em dias e meses como tem acontecido... esses [que não tem a prática] são considerados marombeiros. Aprendem hoje e querem passar amanhã... nem fez com ele mesmo... ficam só lendo na internet... [...]
Entrevistado: João Cezar

Podemos perceber na fala de João Cezar três elementos: i) modificações corporais em si mesmo realizadas com sucesso legitimam o *coach* como um construtor corporal; ii) o tempo de experiência junto aos processos de modificação corporal e às práticas bioascéticas conferem *expertise* ao *coach*; e, iii) o aprendizado do *coach* não pode ser baseado em apenas uma das dimensões de aprendizagem. A condição de *coach* só se obtém depois de os conhecimentos professados terem

sido devidamente testados, e com eficácia comprovada no próprio corpo. É uma espécie de prova de admissão cujo gabarito se revela na musculatura.

Na seção anterior, na qual tratei sobre o aprendizado adquirido por alguém que se vale dos conhecimentos de um *coach*, caracterizei esta função como uma articulação entre *expertise* e embasamento científico. Lá a análise das falas dos entrevistados sobre a função do *coach* era abordada na perspectiva que os treinadores eram mestres a ser seguidos. Aqui a abordagem analítica que aplico sobre a fala dos entrevistados tomou um rumo diferente: o momento em que o sujeito atinge tamanha *expertise* a ponto de se tornar um *coach*. Ele domina as variáveis envolvidas nos processos biodinâmicos do corpo, por meio daquilo que Nikolas Rose (2013) denomina como uma *expertise*. Aquele que tem maior *expertise* é o que possui maior número de seguidores, fato que tem reflexo, inclusive, nos perfis das redes sociais.

A capacidade dos *coaches* em manipular o corpo de outra pessoa é relatada da seguinte maneira por João Cezar:

[...] em nenhum momento [referindo-se ao fato de não ter medo dos efeitos dos anabolizantes no corpo]... eu sempre apostei em conhecimentos superiores... sempre procurei uma pessoa para me instruir e sempre procurei as melhores pessoas...[...]
Entrevistado: João Cezar

A *expertise* dos *coaches* em manipular, primeiramente, o próprio corpo para depois estar autorizado a manipular o do outro, é um elemento primordial nesta dimensão. Entretanto, a formação do *coach* é constante. O fato de o sujeito ter atingido o grau de “mestre” no assunto não significa que ele vai parar de buscar o aprendizado. Conforme João Cezar relata, ele mesmo ainda possui *coaches*, que estão em níveis de *expertise* ainda acima dele nesta pirâmide hierárquica⁶⁷:

[...] hoje, quem me prepara é um americano que é o mais conhecido no mundo inteiro... eu sempre pensei: se quiser ser o melhor, tenho que procurar os melhores e apostar no conhecimento deles...[...]
Entrevistado: João Cezar

⁶⁷ Em meu TCC da graduação em Educação Física, eu mostrava a pirâmide hierárquica existente em um fórum virtual que falava sobre musculação. Aqui também existe um organograma de conhecimento, que vai dos *coaches* dos campeões “IFBB Pro” (profissionais federados de renome internacional) aos *coaches* dos campeões regionais de fisiculturismo.

Neste nível competitivo, a diferença se dá nos pequenos detalhes. Nesta fase ocorre o que identifiquei como sendo uma reaproximação das dimensões de aprendizagem não formais aos conhecimentos obtidos nas universidades e centros de pesquisa. Big Randy nos mostra como, de fato, tal reaproximação entre o aprendizado sobre os anabolizantes pelas vias não formais e o aprendizado formal (via universidade) se dá:

[...] essa linha de pesquisa [do Departamento de Bioquímica] foi bem importante... ela propiciou um estudo que foi publicado recentemente que descreveu a via bioquímica pela qual um esteroide anabolizante causa a agressividade... e então, agora tem toda uma linha de pesquisa estabelecida para isso... qual é o principal objetivo desta linha de pesquisa? Não é ver o efeito negativo... é ver como a gente pode manipular o efeito positivo... então, como eu vejo?... eu vejo que é algo que tá sendo mal utilizado e poderia ter uma ampliação do uso visando benefícios... e falta: respaldo científico pra isso, de uma certa forma... e também falta interesse nisso... interesse... se criar o interesse em se adquirir o conhecimento... [...] e a nossa hipótese é que os esteroides podem ser neuroprotetores... então... tem dados não publicados que levam a gente a acreditar nisso... e são determinados esteroides... por exemplo, a nandrolona ela gera um efeito diferente da trembolona... então... qual o esteroide usar também é importante... então tu tem todo um campo de pesquisa... que é justamente o que me interessa...[...]
Entrevistado: Big Randy

Analisando a fala de Big Randy, não sei até que ponto estes peritos do anabolizante teriam seus experimentos autorizados pelos preceitos bioéticos da comunidade científica acadêmica.

Entretanto, apesar de o mundo acadêmico científico não os reconhecer, os *coaches* são reconhecidos como *experts* da construção corporal entre os membros de seu grupo. Estes são empoderados pelo reconhecimento dos pares, e fazem com que suas legiões de seguidores comunguem de seus conhecimentos e venham a testar sobre si mesmos, com alto grau de confiança, os conhecimentos que lhes foram passados.

Preocupado com o grau de segurança, Big Randy afirma tomar muito cuidado em relação aos conhecimentos que transmite em cada prescrição:

[...] eu trabalho dentro de uma academia... todo mundo me reconhece por ter um físico diferente dos demais... então, eu sempre tenho muito cuidado em relação à transmissão de conhecimento...[...] eu procuro transmitir o conhecimento que eu tenho... “não caiam em qualquer papo sobre esteroide, as coisas não são bem assim”, mas também fico na minha e vou deixando as pessoas perguntarem... não saio atirando as informações... [...]
Entrevistado: Big Randy

Novamente, a dimensão de aprendizagem academia de musculação surge no relato do participante. Fato que ratifica a existência desta instância no fluxo da formação em um proficiente no anabolizante pela via não formal. J.Kiss também relata situação semelhante:

[...] eu até cuido, eu sou personal né... tem coisa que eu não solto o verbo... não falo para os alunos tipo... que tem momentos da dieta que a restrição de carboidratos é bem baixa mesmo... lá na "finaleira"... e eu não conto porque, de repente, o cara vai lá e vai querer fazer aquilo igual... "ai ela tá assim porque tá comendo quase nada de carboidrato"... daí a pessoa vai lá a fazer isso... só que tipo, **tudo tem o lado bom e o lado ruim né?** [...]então, eu acabo nunca contando... eu falo por cima o que eu como, mas nunca digo as quantidades, porque eu tenho medo de estar influenciando assim essas pessoas... **eu quero influenciar elas a fazerem uma dieta saudável, sabe? Porque, para competir, é uma dieta que não é saudável** [...]
Entrevistada: J.Kiss

Então, por mais visível que seja um fluxo formativo contínuo, que passa gradativamente pelos conhecimentos adquiridos nas dimensões de aprendizagem *academia de musculação*, *Internet* e *coaches* é possível perceber uma rede de relações bastante articulada. Uma espécie de encadeamento e interdependência das aprendizagens e competências adquiridas na busca da proficiência sobre o uso do anabolizante com fins de *enhancement* corporal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de meu ingresso como estudante universitário, eu considerava a graduação em Educação Física como um espaço propício para a formação de um sujeito que estava disposto a aprender como desenvolver sua musculatura por meio de uma sólida formação universitária. Entretanto, interseccionando as falas dos participantes desta pesquisa à minha experiência pessoal no referido curso de graduação, percebi que não é assim que a formação inicial em Educação Física se processa.

Esta dissertação buscou compreender como ocorre o aprendizado, a construção e o compartilhamento dos conhecimentos sobre a utilização de anabolizantes pelos estudantes de graduação em Educação Física. Para dar conta de tal objetivo, organizei dois movimentos analíticos básicos: o primeiro, sob a ótica de uma dimensão formal de aprendizagem, que consistiu na análise das falas dos entrevistados acerca do aprendizado sobre a utilização dos medicamentos anabolizantes na graduação em Educação Física; e o segundo movimento analítico, apresentado sob a perspectiva de dimensões de aprendizagem, apresentou, por meio dos relatos dos participantes, como se adquire uma *expertise* sobre a utilização dos anabolizantes com fins de *enhancement* corporal fora da graduação em Educação Física.

Dentre os principais achados deste estudo destaco a existência de redes de relações e trocas de conhecimentos sobre a utilização dos hormônios anabolizantes como ferramentas potencializadoras de um *enhancement* corporal, as quais descrevi a partir de dimensões de aprendizagem. Estas redes são baseadas, sobretudo, no intercâmbio de conhecimentos obtidos dentro e fora da graduação em Educação Física, bem como esta rede também se constitui a partir das relações entre as *expertises* científicas e as *expertises* práticas dos aprendizes anabólicos.

Os participantes mostraram que, dentro do curso de graduação em Educação Física, a temática do anabolizante é tida como um tabu, um assunto clandestino, e o uso não terapêutico destes é um tema quase proibido de ser por em pauta. Ademais, os participantes relataram também que, quando os anabolizantes entram em discussão nas disciplinas da Educação Física, isso ocorre sob uma perspectiva que apresenta apenas os malefícios do uso destes, deixando de lado seu potencial de *enhancement* corporal. Pode ser, contudo, que o anabolizante não

seja uma temática discutida na graduação não apenas devido à ilicitude de seu uso não terapêutico, mas também por conta de que os professores não se sintam seguros de falar sobre um conteúdo que não dominam tanto quanto os estudantes imaginam que eles soubessem.

Dentro da graduação em Educação Física, foi possível identificar dois perfis de estudantes. Uns estudantes que ingressam no curso para aprender sobre o uso de anabolizantes e acabam se decepcionando, pois o tema é tratado como um tabu e mencionado em poucas disciplinas. Outros estudantes, que já sabem a utilizar os anabolizantes, ingressam a fim de buscar um “salvo conduto” acadêmico-profissional em suas ações, pois estão inseridos em uma cultura corporal específica, na qual a Educação Física é primordial para a inserção, legitimidade e reconhecimento no mercado de trabalho.

O aprendizado fora da graduação em Educação Física segue um percurso diferente. Esse estudo proporcionou compreender que a formação de um *expert* sobre a utilização de anabolizantes com fins de *enhancement* corporal se consuma fora de um “sistema de autoridade institucional, normativo ou disciplinar” (FISCHER, 2009, p.95). Fora da graduação, há o que denomino de dimensões de aprendizagem: uma trajetória que leva o aprendiz a se tornar um *coach*.

O *aprendizado nas academias de musculação*, por meio de contatos com pessoas que já possuem mais experiência na construção corporal; o *aprendizado na Internet*, a partir do intercâmbio de conhecimentos que ocorre nos fóruns virtuais e redes sociais; e o *aprendizado a partir dos coaches* consistiram em etapas deste percurso formativo que tem como “linha de chegada” o *reconhecimento da expertise* pelos pares do grupo.

Apesar desta tendência à linearidade apresentada na dissertação, considero que seja melhor associarmos tais dimensões de aprendizagem a redes de relações constituintes de um processo formativo mais amplo. Apesar de, entre elas, haver um fluxo (percurso) quase linear dos sujeitos, é possível que, mesmo que a pessoa esteja em uma dimensão de aprendizagem mais avançada, permita-se retornar às dimensões anteriores a fim de assimilar novos conhecimentos ou reconsiderar aprendizados já obtidos. Estas redes são passíveis de serem identificadas no momento em que os aprendizes sobre os anabolizantes vão “montando as peças” com as informações oriundas dentro e fora da graduação em Educação Física.

Esta formação que ocorre “lá fora” da graduação em Educação Física é assumida como uma escolha da própria existência dos sujeitos, um estilo de vida, um cuidado consigo. Neste tipo de formação está contida a capacidade de provocar, de duvidar, de se dedicar ao desejo de aprender que se dá, sobretudo, instigado pela presença do outro (FISCHER, 2009). Este outro, detentor de um discurso tido como verdadeiro naquele momento e para aquele sujeito, pode ser o professor da universidade, o médico, o *coach*, o blogueiro; pode ser até o parceiro de treinamentos. Se há alguém que ensina e há alguém que aprende, logo, há um processo de formação.

Vivemos em uma época em que o conhecimento e a formação sobre os mais variados elementos de nossas vidas estão sob nosso alcance. Somos autônomos na construção de nossos saberes e também na construção de nossos corpos, mesmo que esta “autonomia” se caracterize mais como uma servidão voluntária aos ensinamentos de um *expert* até possamos nos tornar o nosso próprio case de informações.

O participante Big Randy menciona da seguinte forma a utilização de anabolizantes para fins não terapêuticos:

[...] ISSO [uso de anabolizantes] EXISTE E PONTO FINAL... ele [usuário] não vai abrir pro mundo que ele usa esteroides anabolizantes. Só que daí o que acontece? A gente finge que não existe [...] Só que esse conhecimento, ele precisa ser dominado [...] porque na graduação tu não aprende. Se finge que não existe. Tu pode ampliar toda a gama de estudos buscando o que: buscando alternativas para utilizar isso pro benefício e não ter o malefício. [,,,] acredito que é uma parte de estudos fantástica... um campo de conhecimento fantástico... e eu acredito que o profissional tem que enxergar isso como uma ferramenta no futuro... não to falando pra falar pros alunos usar esteroides, mas conhecer, orientar [...] aumentar o interesse nisso para, a longo prazo, não ter tanto preconceito e também não ter tanto uso e abuso.[...]
Entrevistado: Big Randy

Então, o que o futuro reserva para a utilização do anabolizante com fins de *enhancement* corporal? Permanecer na clandestinidade ou assumir a existência desta utilização e estudá-la. Seria importante ver como ocorrem, de fato, estas práticas que fazem do corpo um “objeto rascunhável” (LE BRETON, 2012, p.17) e – que, apesar de ditas *undergrounds* – estão cada dia mais popularizadas nas academias de musculação e também de forma legalizada nos consultórios médicos

por meio de terapias de reposição hormonal com testosterona e hormônio do crescimento. Mas estas são questões para outro estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHIN, O.S.C *et al.* Prevalência do uso e conhecimento de esteroides anabolizantes androgênicos por estudantes e professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. São Paulo: 2013. 13 p.

ALVES, R.. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 7ª edição. São Paulo: Cortez: 1984.

AMARAL, J.H. **Pedagogias de gênero na divulgação científica da revista *Mente&Cérebro***. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS. 2012

AMES, J.; SOUZA, D.Z. Falsificação de medicamentos no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 46, n. 1, Feb. 2012.

AQUINO NETO, F.R.. O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p.138-148, jul. 2001.

ARAÚJO, J.P.. **O uso de esteroides androgênicos anabolizantes entre estudantes do ensino médio no Distrito Federal**. 2003. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.

ARAÚJO, L.; ANDREOLO, J.; SILVA, M.S. Utilização de suplemento alimentar e anabolizante por praticantes de musculação nas academias de Goiânia-GO. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Goiânia, v. 10, n. 3, p.13-18, jul. 2002.

ÁVILA, V.; MOREIRA, M.; CARNEIRO, M.; SOUSA, L. Qual o preço para um “corpo perfeito”? **Medicina Desportiva informa**, 2014, 5(5), pp. 4-6.

AZEVEDO, A. *et al.* Dismorfia muscular: A busca pelo corpo hiper musculoso. **Motricidade**, Vila Real, v. 8, n. 119, p.55-66, 2012.

BARBIANI, R. **Da sala de aula à sala de atendimento** : a produção do usuário do Programa de Saúde Escolar do Município de Porto Alegre. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, 2008.

BARBOZA, J.S; TAVARES, R.E; LOYOLA, Y.C.S; GARCIA, J.A.D. Uso de Anabolizantes na Adolescência: Questões biopsicossociais. **Revista Ciências em Saúde**. v.3, n.4 (2013)

BARROS, D.D.; SILVA, V.C.; SILVA, I.A.; FERREIRA, A. A. P. Anabolizantes: uma abordagem científica. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**. v.4, n.1 (2014)

BASQUES, M. O dna francês: biossociabilidade e politização da vida. **Sci. stud.**, São Paulo , v. 5, n. 3, Set. 2007.

BASTOS, A.P.P. **Legados do Ensino do Esporte na Escola**: um estudo sobre o que os professores de Educação Física pensam em deixar para seus alunos ao final

do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

BAUER, M.W; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi – 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Lei nº 11.343, de 23 de Agosto de 2006.** Lei das Drogas: Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas Sobre Drogas. Ministério da Casa Civil, 23 de Agosto de 2006.

BRASIL. **Lei nº 9965, de 27 de abril de 2000.** Restringe a venda de Esteroides Anabolizantes e da outras providências. Ministério da Casa Civil, 27 de abril de 2000.

BUCHER, R.. A ética da prevenção. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 23, n. spe, p. 117-123, 2007

CAMARGO, T.S. **O governo dos excessos: uma análise das práticas de prevenção e controle do excesso de peso realizadas por profissionais da Atenção Básica à Saúde, em Porto Alegre/RS.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS, 2012.

CARLINI-COTRIM, B.; ROSEMBERG, F.. Drogas: prevenção no cotidiano escolar. *Cadernos de Pesquisa*, 74, 1990. 40-46.

CARVALHO, C.F. **Presenças femininas na dança de rua coreografando estéticas da existência.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química e Saúde. UFRGS, 2009.

CASTRO-CARRASCO, Pablo Javier *et al* . A autoeficácia docente para a resolução de conflitos entre professores. **educ.educ.**, Chia , v. 15, n. 2, ago. 2012

CECCHETTO, F. *et al*. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis**, vol.22, no.3, p.873-893. 2012.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R. de; FARIAS, P. S. de. Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p.369-382, 2012.

CESARO, H. L.. **Os “Alquimistas” da vila: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre.** 2012. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

CORREA, D.B.; NAVARRO, A.C. Distribuição de respostas dos praticantes de atividade física com relação a utilização de suplementos alimentares e o

acompanhamento nutricional numa academia de Natal/RN. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, Jan-Feb, 2014, Vol.8(43), p.35(17)

COSTA, M.J.A. Uma Análítica do Poder Pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault. **Mnemosine**. Vol.3, nº1, p. 80-110 (2007)

COURTINE, J.J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D.B (Org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DA CRUZ, T.S.P. **Há outro trabalho na “outra economia”? As relações de trabalho dos trabalhadores na economia solidária**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. IFCH. UFRGS. Porto Alegre, 2012.

DA SILVA, P. R.P. *et al.* Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. **Arq Bras Endocrinol Metab**, São Paulo , v. 51, n. 1, Feb. 2007.

DA SOLLER, J.M. **O lugar do turista na leitura da paisagem geográfica e sua relação com o ensino da geografia**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. UFRGS. Porto Alegre, 2012.

DAGOGNET, F. **La maîtrise du vivant**. Paris: Hachette, 1988.

DAVISON, A. **“Adquiram o corpo que sempre sonharam” corpos e medicamentos entre os consumidores de esteroides anabolizantes e suplementos alimentares**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DE ALMEIDA, C.M.G. **Por uma ecologia da formação de professores de música: diversidade e formação na perspectiva de licenciados de universidades federais do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música. Instituto de Artes. UFRGS. Porto Alegre, 2009.

DE ANDRADE, A.G *et al.* Uso de álcool e outras drogas entre universitários brasileiros. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Vol.34(3), pp.294-305.Out 2012.

DE OLIVEIRA, U. **O uso de esteroides androgênicos anabolizantes entre adolescentes e a sua relação com a prática da musculação**. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Médicas. UNICAMP, Campinas, 2012.

DE SOUZA, M.V. *et al.* **Anabolizantes: uma discussão sem preconceitos**. Lavras. Disponível em <http://editora.ufla.br/upload/boletim/extensao-tmp/boletim-extensao-002.pdf> . Acessado em 16 de julho de 2014.

DE VARGAS, E.R. **A dinâmica da inovação em serviços: o caso dos serviços hospitalares no Brasil e na França** . Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Administração. Escola de Administração. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed: 2006.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (editors). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications; 1994.

DIAS, A. Etnografias do Cyberespaço. *In*: FERIANE, D.M; DA CUNHA, F.M; DULLEY, I (orgs.) **Etnografia, Etnografias**. Ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

DINIZ, D.; CASTRO, R. O comércio de medicamentos de gênero na mídia impressa brasileira: misoprostol e mulheres. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 01, p.94-102, 01 jan. 2011.

DOYLE, S. Reflexivity and the capacity to think. **Qualitative health research**. 23 (2), 258-255. 2012.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 115, Mar. 2002

FARIAS, P.S.; CECCHETTO, F.;SILVA,P.R.P. Homens e mulheres com H(GH): gênero, masculinidades e anabolizantes em jornais e revistas de 2010. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 42, p. 417-445, June 2014

FERREIRA, U. M. G *et al.* Utilização de óleos de aplicação local intramuscular para fins estéticos por praticantes de musculação. **Motricidade**, Abril, 2012, Vol.8(S2), p.SS647(12)

FISCHER, R.M.B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

FLICK, U. Entrevista Episódica. *In*: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som: um manual prático**.Tradução de Pedrinho A. Guareschi – 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FLICK, U.; GARMS-HOMOLOVA, V.; ROHNSCH, G. When They Sleep, They Sleep' Daytime Activities and Sleep Disorders in Nursing Homes. **Journal of Health Psychology**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC Vol 15(5) 755–764, 2010

FONSECA, S;J.; DE OLIVEIRA, A.J.;PIERUCCI, A.P.T Dismoria muscular em homens não atletas praticantes de treinamento resistido: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, Jan-Feb, 2014, Vol.8(43), p.52(6)

FOUCAULT, M. “O Cuidado com a Verdade”. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**, v.IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b.

FOUCAULT, M. “Sexualidade e Poder”. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**, v.IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003c.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: Vol I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978 – 1979)**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO FERRAZ, M.C. Do espelho machadiano ao ciberespelho: interioridade na atual cultura somática. **Revista Famecos: Midia, Cultura e Tecnologia**, August, 2009.

FRANCO FERRAZ, M.C. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista Famecos: Midia, Cultura e Tecnologia**, Jan-April, 2013.

GOELLNER, S.V. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura *fitness*. **Labrys: Estudos Feministas**. Brasília, DF, n. 10, p.12, jun-dez, 2006.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, M (Org.) **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GREMILLION, H. The Cultural Politics of Body Size. **Annual Review of Anthropology**. v.34, p.13-32, 2005.

GRESPLAN, C.L. **Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

GUIMARÃES NETO, W. M. **Guerra Metabólica: Manual de Sobrevivência**. 2 ed. Guarulhos. SP: Phorte, 2005.

GUIMARÃES NETO, W. M. **Musculação: Além do Anabolismo**. 2 ed. Guarulhos. SP: Phorte, 2006.

GUIMARÃES NETO, W. M. **Musculação: Anabolismo Total**. 6 ed. Guarulhos, SP: Phorte, 2002.

GUIMARÃES NETO, W.M. **Musculação: Além do Anabolismo**. 2 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GUIZZO, B.S; KRZIMINSKI,C.O; SANTOS,L.H.S. “Pedagogia do Terror”: Um modo eficaz de prevenir o HIV/AIDS?. **Anais do Salão de Iniciação Científica da UFRGS**, 2002.

HOGLE, L.F.; Enhancement Technologies and the body. **Annual Review of Anthropology**. v.34, p.695-716, 2005.

IBARZÁBAL, F.A. Fisicoculturistas consumidores de esteroides anabolizantes y SUS relaciones com La autodescripción física y la ansiedad física social. **Universitas Psychologica**, 10(1), 137-147, 2011.

IRIART, J.A.B.; ANDRADE, T.M. Musculação, uso de esteroides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 5, Oct. 2002.

IRIART, J.A.B; CHAVES, J.C.; ORLEANS, R.G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 4, Apr. 2009

JAEGER, A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

JOY, A. *et al.* Writing it up, writing it down: being reflexive in accounts of consumer behavior. *In*: BELK, R. (org.). **Handbook of qualitative research methods in Marketing**. Edward Elgar: Northampton, 2006, p. 345-360.

KUHN, Peter. Thematic Drawing and Focused, Episodic Interview upon the Drawing—A Method in Order to Approach to the Children's Point of View on Movement, Play and Sports at School. **Forum: Qualitative Social Research**. Volume 4, No. 1, Art. 8 – Januar 2003

LANFREDI, C. **A influência dos grupos de referência no comportamento de reclamação do consumidor à empresa**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração. Escola de Administração. UFRGS, Porto Alegre, 2010.

LE BRETON, D. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. *In*: COUTO, E, S.; GOELLNER, S.V. (orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEFÈVRE, F. Debate sobre o Artigo de Minayo & Sanches. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1970.

LOBO, A.P.T. *et al.* O uso indevido de anabolizantes na cidade de São Paulo: um estudo qualitativo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** 52: 25-34, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUDORF, S.M.A; SILVA, A.C. Autogestão da saúde e do corpo: a influência do paradigma biomédico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2012.

MACEDO, C.L.D. *et al.* Uso de esteroides anabolizantes em praticantes de musculação e/ou fisiculturismo. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói , v. 4, n. 1, Feb. 1998.

MACHADO, E.P.; **Ratos de Academia On-line**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFUFGRS. 2009

MACHADO, P.S. **O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFRGS, 2008.

MACIEL, M.C.P. **Um computador por aluno fora do contexto escolar: cenas digitais do *plan ceibal* na fronteira do Brasil com o Uruguai.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. UFRGS, Porto Alegre, 2012.

MANSKE, G.S. **Da educação de atletas biotecnológicos: modos de governo sobre os esportes e doping contemporâneos.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, 2014.

MARCACUZCO QUINTO, A.; MANRIQUE MUNÍCIO, A.; LOINAZ SEGUROLA, C.; JIMÉNEZ ROMERO, L. Rotura hepática espontânea secundária al uso de esteroides anabolizantes. **Cirurgia Espanola**, 2014, Vol 92(8), PP. 570-572.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte , v. 14, n. 2, dez. 2008.

MILARE, S.A.; YOSHIDA, E.M.P. Coaching de executivos: adaptação e estágio de mudanças. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 9, n. 1, jun. 2007

MOLINA NETO, V.. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. *In*: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas.** p.118. 3.ed – Porto Alegre: Sulina, 2010.

MONTARDO, S.P. Redes temáticas na web e biossociabilidade online. **Revista Famecos.** Porto Alegre, v.17, n.3, p. 295-303, set/dez, 2010.

MORAES, C.A.S.; JUNCA, D.C.M.; SANTOS, K.S.. Para quê, para quem, como? Alguns desafios do cotidiano da pesquisa em serviço social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo , n. 103, Sept. 2010.

MORAES, T.P.B. Anabolizantes nas buscas da web. Um estudo sobre o interesse sazonal por esteroides anabolizantes no Brasil. **RJLB**, Ano 1 (2015), nº 1

NOGUEIRA, F.R.S.; BRITO, A.F.; VIEIRA, T.I.; OLIVEIRA, C.V; GOUVEIA, R.L.B. Prevalência do uso de recursos ergogênicos em praticantes de musculação na cidade de João Pessoa, Paraíba. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, January-March 2015, Vol.37(1), pp.56-64

NUNES, C.R.F **Corpos na arena: um olhar sobre as artes marciais combinadas.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

NUNES, C.X.; **Geografias do corpo : por uma geografia da diferença.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, I.C.V.; LEÃO, I.S.;ALCHIERI, J.C. Análise do perfil sociodemográfico e desejo de modificação corporal em usuários de anabolizantes. **FIEP BULLETIN**. v. 84 (2014).

ORTEGA, F.J.G. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Vol. 11, Nº. 1, pp.59-77. 2003.

ORTEGA, F. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão ao Corpo. *In*: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L; VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzchianas. 2.ed -Rio de Janeiro: Dp&a, 2005, p.139-173.

ORTEGA, F. Do corpo submetido à submissão ao corpo. *In*: ORTEGA, F. **O corpo incerto**: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAIVA, L.L. **Corpos amputados e suas próteses**: a intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, 2004.

PALMA, A.; ABREU, R.A.; CUNHA, C. A. Comportamentos de risco e vulnerabilidade entre estudantes de Educação Física. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo , v. 10, n. 1, Mar. 2007.

PEREIRA, L.P. Utilização de recursos ergogênicos nutricionais e/ou farmacológicos em uma academia da cidade de Barra do Pirai, RJ. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, Jan-Feb, 2014, Vol.8(43), p.58(7)

PERES, W.S. Biossociabilidade contemporânea e a expressão travesti. **Revista de Psicologia da UNESP**. São Paulo: 2008.

PREMEBIDA, A. **As biotecnologias e a politização da vida**. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

PREMEBIDA, A.; ALMEIDA, J. Biotecnologia, biopolítica e novas sociabilidades. **UNOPAR Científica**. Ciências Humanas e Educação, Londrina, PR, v. 11, n. 2, p. 5-14, out 2010.

RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia a biossociabilidade. *In*:BIEHL, J.G. (Org.). **Antropologia da razão**: ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1999, p. 135-157.

RABINOW, P. **Antropologia da razão**. Rio de janeiro. Relume Dumará. 2002.

RABINOW, P.; ROSE, N. O Conceito de Biopoder hoje. **Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais, nº 24, Abril de 2006 – p.27-57.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº12542, de 29 de Junho de 2006. Dispõe sobre a obrigatoriedade de academias de ginástica, clubes desportivos e estabelecimentos similares exibirem placa advertindo sobre as consequências do uso de anabolizantes. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul**. 2006.

ROCHA, M. AGUIARA, F; RAMOS; H. O uso de esteroides androgênicos anabolizantes e outros suplementos ergogênicos – uma epidemia silenciosa. **Revista Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo**. v.9 Jul–Dec 2014, pp. 98–105

ROSE, N. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, T.T. **Nunca Fomos Humanos**: Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ROSE, N. **A Política da Própria Vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SABINO, C. **O Peso da Forma**. Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2004.

SABINO, C. O uso ritual de esteroides anabolizantes em academia de musculação: Uma abordagem antropológica. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-16, janeiro/junho 2005.

SALVADOR, E. **Efeito da associação entre decanoato de testosterona e decanoato de nandrolona no músculo cardíaco de ratos wistar submetidos à natação**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Biociências e Reabilitação. Centro Universitário Metodista IPA. 2012.

SANCHES, E. W. **Responsabilidade civil das academias de ginástica e do personal trainer**. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2006.

SANT'ANNA, D. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001

SANTOS, A. F. *et al.* Anabolizantes: conceitos segundo praticantes de musculação em Aracaju (SE). **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, Aug. 2006.

SANTOS, G. O.; SILVA, L.F.F.. Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 8, Aug. 2011.

SANTOS, M.A.P. **Sensor eletroquímico para determinação de esteroides anabolizantes**: uso em controle de dopagem no esporte. Tese (Doutorado). Fundação Universidade Estadual do Ceará. 2011.

SANTOS; V. **Ágora digital**: o cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente virtual de aprendizagem. Tese (Doutorado). PPGEDU. Faculdade de Educação, UFRGS, 2012.

SCHWINGEL, P.R. **Espectro de alterações hepáticas em usuários de esteroides anabolizantes**. Tese (Doutorado). Doutorado em Medicina e Saúde. Universidade Federal da Bahia, 2012.

SEALE, C. Quality in qualitative research. **Qualitative Inquiry**, 5(4): 465-478, 1999.

SHAPIRO, M. Does technological enhancement of human traits threaten human equality and democracy? **San Diego L. Rev**, 2002, 39: 769-842.

SILVA, K. G.; LIMA, R. M. Prevalência da utilização de anabolizantes pelos estudantes de Educação Física na cidade de Campos dos Goytacazes. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 9, p.123-147, 2007.

SILVA, M.R.S. **O debate ético e bioético na Educação Física**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

SILVA, P.R.P.; DANIELSKI, R.; CZEPIELEWSKI, M.A. Esteroides anabolizantes no esporte. **Rev Bras Med Esporte**, Porto Alegre/rs, v. 8, n. 6, p.235-243, 2002.

SILVA, S.A.P.S. A Pesquisa Qualitativa em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.10, n.1, p.87-98, jan/1996

STRATHERN, M. **Reproducing the Future: Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies**. New York: Roudedge Sunder Rajan, 1992.

TOBAR, F.; YALOUR, M.R.. **Como fazer teses em saúde pública: conselhos e ideias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

TRABAL, P. E se os esportistas que se dopam quisessem “fazer direito”? **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 11-43, out/dez de 2013.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VALADÃO, Valdir Machado Jr; DE ALMEIDA, Rafaela Campos; MEDEIROS, Cintia Rodrigues de Oliveira. Empresa Junior: Espaço para construção de competências. **RAEP**. v. 15, n. 4 (2014)

VALENTE, E.L.. **Análise da percepção de desconforto/conforto e antropometria em calçados femininos: uma abordagem do design ergonômico**. 2007. 86 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2007.

VAZ, A. F. Corpo, educação e indústria cultural na sociedade contemporânea: notas para reflexão. **Pro-posições**, v. 14, n. 2 (41) – mai/ago. 2003.

VAZ, P. O fator de risco na mídia. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 11, n. 21, p. 145-153, Apr. 2007 .

VIEIRA, J.L.; ROCHA, P.G.M.; FERRAREZZI, R.A. A dependência pela prática de exercícios físicos e o uso de recursos ergogênicos. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, Maringá, n. , p.35-41, 2010.

VILAÇA, M.M; PALMA, A. A nova genética para além da gestão de riscos e promoção da saúde: prolegômenos ao conceito de Biodesign. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, p.813-832,2011.

VILLAÇA, N.; GÓES,F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ZAGO, L. F. "Armários de vidro" e "corpos-sem-cabeça" na biossociabilidade gay online. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 17, n. 45, Jun 2013a.

ZAGO, L.F. "Caça aos homens disponíveis": corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, 2013b.

ZAGO, L.F. **Os meninos: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos na internet**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS. 2013c.

ZAGO, L.F.; SANTOS, L.H.S. Os retratos de Dorian G(r)ay – corpo, imagem e subjetividade em um site de relacionamentos. Comunicação, **Mídia E Consumo**, 2014, Vol.11(32), p.93(25)

APÊNDICE A

Tabela 1 - Portal de Periódicos da CAPES

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES – CATEGORIA 1 (COM RELAÇÃO DIRETA)

AUTOR (ANO)	RELEVÂNCIA
Ibarzábal (2011)	Abordagem quantitativa. Consumo de anabolizantes relacionado à ansiedade física e social.
Abrahin <i>et al</i> (2013)	Abordagem quantitativa. Consumo de anabolizantes relacionado ao desempenho físico e estético. Drogas mais utilizadas: Durateston, Deca-Durabolin, Oxandrolona, Winstrol (Estanozolol). Utilização de óleos de aplicação local ⁶⁸ .
Macedo <i>et al.</i> (1998)	Abordagem quantitativa. Questionário aplicado em atletas de musculação e fisiculturistas. Apenas 2% assume a utilização do anabolizante e conseguiram tais drogas em farmácia e sem prescrição médica. Segundo os participantes, é possível que estas drogas, se administradas em doses “adequadas” não causariam danos à saúde.
Cecchetto; de Farias; da Silva e Corrêa (2012)	Abordagem qualitativa. Análise das publicações sobre esteroides anabolizantes e ao <i>doping</i> feitas pela revista de artes marciais Tatame entre os anos de 1996 e 2010. Os autores concluem que há um descompasso entre o que é veiculado na imprensa, que condena o uso de tais fármacos, com o que é estimulado por esta: a musculosidade. Há, para os autores, uma associação deste corpo musculoso ao tipo tradicional de masculinidade, baseado na força e na virilidade.
Cecchetto; Moraes e De Farias (2012)	Abordagem qualitativa. Artigo discute dois distintos enfoques sobre a utilização dos anabolizantes: o primeiro sob a perspectiva da literatura biomédica, que versa sobre os efeitos destes fármacos na saúde dos jovens e um segundo, não menos importante, que se dá sob a perspectiva dos usuários, tomando como ponto de partida os aspectos socioculturais do consumo e a construção social da masculinidade.
Iriart; Chaves e De Orleans (2009)	Abordagem qualitativa. Etnografia. Entrevistaram 43 praticantes de musculação das classes populares e médias da cidade e chegaram à conclusão que os principais motivos para a utilização dos anabolizantes foram as questões estéticas. De acordo com os resultados, nos relatos dos entrevistados, foi perceptível a insatisfação com o corpo real, principalmente quando este é comparado ao padrão ideal disseminado pela mídia, além disso, os entrevistados apresentaram receio de ser desvalorizados ou excluídos do grupo de pares devido a algo que poderia ser intitulado, por grifos próprios, de “preconceito corporal”.
Iriart e Andrade (2002)	Abordagem qualitativa. Entrevistas e grupos focais. Analisaram a percepção de risco à saúde associada ao consumo de anabolizantes entre jovens praticantes de musculação em academias populares de Salvador. Estudo traz à tona a falta de informação dentre estes usuários, ao passo que o desejo de obter uma hipertrofia muscular se sobrepõe aos possíveis efeitos colaterais advindos destas.
Palma; Abreu; Cunha (2007)	Abordagem quantitativa. Analisado o <u>comportamento de risco entre estudantes de Educação Física</u> . Foram aplicados questionários (448 estudantes). Dezenove por cento dos estudantes afirmaram que fazem ou já fizeram uso de anabolizantes na vida. Ou seja, há um “ <u>dilema sanitário</u> ”. Uma das principais conclusões dos autores é que muitos alunos do curso de Educação Física não coadunam com discurso vigente na área da saúde e com a busca de estilos de vida “saudáveis”.
Ferreira <i>et al.</i> (2012)	Abordagem mista. Entrevistados 45 praticantes de musculação da cidade de João Pessoa (Paraíba) que utilizavam algum tipo de óleo de aplicação local e estas foram submetidas à análise estatística. Grande parte deles (cerca de 89 por cento) possuía um grau de escolaridade inferior ao Ensino Médio e desconheciam os efeitos indesejáveis desta prática.
Produções disponibilizadas no Portal da CAPES após qualificação do Projeto	
Nogueira <i>et al.</i> (2015)	Abordagem quantitativa. Determinou o perfil dos usuários de esteroides anabolizantes e suplementos alimentares da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Foram aplicados questionários em 510 sujeitos. O perfil descrito é majoritariamente de homens, jovens, com baixa escolaridade e com mais de quatro anos de treino.
Farias; Cecchetto; Silva (2014)	Abordagem qualitativa. Analisando o material jornalístico publicado no ano de 2010, o artigo discute as representações de corpo e gênero articuladas ao uso de substâncias anabolizantes nos meios de comunicação. Tal material, <u>indica que o imperativo do “corpo forte” é presente como mote para o uso de anabolizantes, tanto para homens quanto para mulheres.</u>
Fonseca <i>et al.</i> (2014)	Artigo de revisão. Investigou os títulos e resumos nas bases de dados utilizando os termos “ <i>muscle dysmorphia OR bigorexia</i> ”. Foram selecionados para a leitura 22 artigos, mas quatro foram utilizados para o estudo. Os valores de prevalência de DM variaram de 10% a 54%, dependendo do critério de avaliação e das características da amostra. De acordo com os autores, os valores de prevalência de DM em homens praticantes de TR foram considerados altos por se tratar de uma amostra de não atletas.

⁶⁸ Os estudos de Abrahin *et al* (2013) e Ferrira *et al.* (2012) mencionam a utilização de óleos de aplicação local. A aplicação de tal procedimento locais consiste numa técnica que promove o “inchaço” muscular por meio da injeção de óleos de vitaminas. A droga aplicada é o “ADE”, que é uma injeção vitamínica utilizada no gado bovino e equino, principalmente. Há um “código de ética” na cultura dos marombeiros que refutam a utilização de tais óleos, porém, em contrapartida, não refuta a utilização de esteroides anabolizantes.

Correa; Navarro (2014)	Abordagem quantitativa. Foram aplicados questionários em 51 praticantes de atividade física em uma academia de Natal, Rio Grande do Norte. As perguntas eram acerca da utilização de suplementos alimentares e a frequência deste uso. O artigo não possui uma relação direta à utilização dos anabolizantes, entretanto os autores discutem o tema no decorrer da publicação.
Zago; Santos (2014)	Abordagem qualitativa. Foram analisados fotografias e textos publicados por perfis em um site de relacionamentos para o público de homens gays. Os autores fazem a discussão acerca das relações entre a subjetividade (e a produção desta), do corpo e da imagem dos sujeitos envolvidos nas discussões. Os relatos de alguns frequentadores do site mostram períodos em que o “corpo era maior” (mais musculoso), de forma a trazer à tona a discussão acerca da <u>utilização de anabolizantes também pode ocorrer entre os homens gays</u> .
Pereira (2014)	Abordagem quantitativa. Por meio de um estudo quantitativo descritivo, o estudo teve como objetivo realizar um levantamento do perfil dos consumidores de recursos ergogênicos nutricionais em uma academia da cidade de Barra do Pirai, no Rio de Janeiro. Foram aplicados questionários a 101 praticantes de musculação. A maioria indicou consumir tais recursos sem a orientação profissional.

Tabela 2 - Google Acadêmico

GOOGLE ACADÊMICO	
AUTOR(ANO)	RELEVÂNCIA
Silva e Lima (2007)	<p>“Prevalência da utilização de anabolizantes pelos estudantes de Educação Física na cidade de Campos dos Goytacazes.”</p> <p>Os autores apresentam o “uso terapêutico” destas drogas, que muitas vezes é deixado como segundo plano quando se debate acerca de anabolizantes (como utilização de anabolizantes no tratamento do câncer de mama, da síndrome de Turner e distrofia muscular de Duchenne). Conclusões: que os estudantes consomem altas quantidades de anabolizantes (principalmente Deca-Durabolin) e isto pode ocorrer devido à falta de informação, conhecimento e conscientização quanto aos benefícios e prejuízos destes produtos. Os autores frisam, ainda que de forma breve, que a grande maioria dos usuários de anabolizantes no estudo teve como fonte de orientação os amigos, a literatura/internet, professores e sua própria vontade.</p>
Araújo; Andreolo e Silva (2002)	<p>“Utilização de suplemento alimentar e anabolizante por praticantes de musculação nas academias de Goiânia-GO.”</p> <p>Os autores consideram que os resultados permitem concluir que os praticantes de musculação de Goiânia consomem tais drogas e suplementos, possivelmente, devido à falta de conhecimento e conscientização quanto aos benefícios e prejuízos advindos do consumo destes produtos.</p>
De Souza et.al (ano não informado)	<p>“Anabolizantes: uma discussão sem preconceitos.”</p> <p>Este artigo deteve minha atenção pelo seu título. Quando fui visualizá-lo na íntegra, percebi que o texto abordava a utilização de anabolizantes na criação de animais de produção e carne de corte. Entretanto, como na introdução deste Projeto eu menciono a existência de marombeiros que utilizam de anabolizantes de origem animal. O caso se confirma ao me deparar neste texto com nomes “comuns” no meio da musculação, como por exemplo “Acetato de Trembolona”. Para minha surpresa, ao analisar as tabelas e gráficos do estudo, cheguei a seguinte conclusão: a “trembolona” – como é conhecida no meio da musculação – é potente não só para os humanos, mas os animais também sentem o efeito altamente anabólico (pois mostrou-se a droga mais anabólica no estudos com os animais). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária proíbe tanto em animais e acima de tudo em humanos a utilização deste fármaco.</p>
Sabino (2005)	<p>“O uso ritual de esteroides anabolizantes em academia de musculação. Uma abordagem antropológica.”</p> <p>Para o autor, a utilização do anabolizante é um “marco social” no contexto da prática da musculação. A utilização do anabolizante consiste como um “ritual de passagem”. No decorrer do texto, Sabino (2005) utiliza o termo “marombeiro” para denominar os praticantes assíduos de musculação, da mesma forma como também utilizo nesta dissertação.</p>
Araújo (2003)	<p>“O uso de esteroides androgênicos anabolizantes entre estudantes do ensino médio no Distrito Federal.”</p> <p>Dissertação de Mestrado. O autor utilizou como método um questionário, que foi aplicado em 3830 estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares do Distrito Federal. Sob uma abordagem quantitativa, obteve um resultado que expressa o seguinte: pouco mais de dez por cento dos alunos do sexo masculino já utilizaram anabolizantes, sendo que entre o sexo feminino, pouco mais de um por cento utilizou alguma vez tais drogas. A prevalência também foi maior entre os alunos de escolas particulares e a droga mais utilizada foi Deca-Durabolin.</p>
Santos et al. (2006)	<p>“Anabolizantes: conceitos segundo praticantes de musculação em Aracaju.”</p> <p>Um total de 58 participantes foram selecionados aleatoriamente nas academias da cidade de Aracaju (Sergipe), entrevistados e posteriormente preencheram um questionário. Foi detectado que, para os participantes, o perigo consiste no “abuso dos anabolizantes”, relacionado, principalmente à administração sem prescrição médica. Da mesma forma, foram relatados benefícios de tais drogas, como os “resultados imediatos”. De acordo com os autores, a população pesquisada consumia de forma elevada tais drogas, adquirindo-as nas farmácias e utilizando dosagens acima do recomendado posologicamente.</p>
Lobo et al. (2003)	<p>“O uso indevido de anabolizantes na cidade de São Paulo: um estudo qualitativo.”</p> <p>Foram entrevistados 40 jovens não-atletas escolhidos de forma intencional. Estes eram usuários ou ex-usuários de anabolizantes. Os autores identificaram a existência (da mesma forma que apresento neste Projeto) de períodos de utilização das drogas que são denominados de “ciclos”. No caso, há o relato de um “ciclo pirâmide”, que inicia com uma baixa dosagem de drogas que é elevada com o decorrer do tempo de ciclo e a associação de várias drogas simultaneamente. Os autores relacionam a utilização crônica dos anabolizantes com a busca de uma imagem corporal intangível e à baixa auto-estima. Além disso, vale salientar um resultado importante: a ilegalidade na compra e os efeitos adversos não os impedem de usar tais drogas.</p>
Produções disponibilizadas no Google Acadêmico após qualificação do Projeto	
Barboza et al. (2013)	<p>“Uso de Anabolizantes na Adolescência: Questões biopsicossociais”</p> <p>Os autores consideram que, dentre os meios disponibilizados para “moldagem” da estética corporal, o anabolizante é uma alternativa de baixo custo e acesso facilitado. Está presente o discurso de danos relativos à utilização do anabolizante, como o risco de morte. Ademais, também são citados os danos psicológicos causados pela ingestão destes medicamentos, de forma que os autores concluem que “alguns efeitos são opostos aos supostos objetivos de obtenção do corpo ideal e/ou de uma beleza padrão.</p>
Rocha et al. (2014)	<p>“O uso de esteroides androgênicos anabolizantes e outros suplementos ergogênicos – uma epidemia silenciosa”</p> <p>Consiste em um artigo de revisão das bases de dados PubMed entre 2000 e 2013. Nesta revisão, os autores consideram que é cada vez mais frequente a utilização de esteroides anabolizantes entre atletas de alto nível e, também, entre amadores, no intuito de melhorar a performance muscular e cultivar o que denominaram de “aspecto físico”. Foram encontrados 21 artigos dentre os critérios estabelecidos. Tal revisão também tem como objetivo alertar os médicos quanto aos efeitos deletérios que podem estar atrelados ao uso de esteroides anabolizantes.</p>
Moraes (2015)	<p>“Anabolizantes nas buscas da web. Um estudo sobre o interesse sazonal por esteroides anabolizantes no Brasil”</p> <p>O autor considera o anabolizante como um problema mundial de saúde pública. Foram mensuradas, por meio da ferramenta Google Trends, as buscas pelos termos <i>durateston</i>, <i>hemogenin</i> e <i>deca durabolin</i> (segundo o autor, os anabólicos populares no Brasil; como menciono nesta pesquisa, são os “de confiança”, por serem <i>pharma grade</i>, ou seja, produzidos em laboratórios</p>

	<p><u>farmacêuticos conhecidos e para uso humano</u>) no período de 2004 até setembro de 2013. Os resultados do estudo indicaram um padrão sazonal de interesse, que ocorre pontualmente no mês de novembro, dezembro e que tem o maior platô sempre em janeiro. O autor inferiu que, devido ao fato de que em janeiro ocorre o verão e a alta temporada de férias, é provável que os indivíduos utilizem os anabolizantes como meios de adquirirem corpos musculosos. Além disso, o autor afirma que os resultados podem oferecer meios para os atores institucionais programem políticas de redução de danos e ações policiais com maior intensidade nos meses de novembro, dezembro e janeiro.</p>
<p>Ávila <i>et al.</i> (2014)</p>	<p>“Qual o preço para um ‘corpo perfeito’?”</p> <p>Consiste em um caso clínico destinado, principalmente, a médicos. Relata o consumo de suplementos e substâncias ilícitas de um indivíduo, do sexo masculino, com 30 anos de idade, o qual recorreu à consulta devido a um colateral dos anabolizantes androgênicos: a infertilidade. As autoras visam sensibilizar acerca do consumo de esteroides anabolizantes, seus efeitos colaterais e o questionamento do uso e abuso destes medicamentos.</p>
<p>Oliveira <i>et al.</i> (2014)</p>	<p>“Análise do perfil sociodemográfico e desejo de modificação corporal em usuários de anabolizantes”</p> <p>A pesquisa teve como objetivo principal apresentar o perfil sócio demográfico e o desejo de modificação corporal de usuários de anabolizantes. Foram aplicados questionários específicos para a pesquisa. Foi observado que a maioria dos usuários é do sexo masculino, com média de 23 anos e praticante de dietas e consumidores de suplementos alimentares. Além disso, constatou-se que a maior parte dos entrevistados deseja modificar alguma coisa no próprio corpo.</p>
<p>Barros <i>et al.</i> (2014)</p>	<p>“Anabolizantes: uma abordagem científica.”</p> <p>O estudo teve como objetivo principal esclarecer os profissionais de Educação Física acerca das “consequências empíricas” da utilização de esteroides anabolizantes. Os autores relatam no decorrer do artigo que estudos epidemiológicos apontam a problemática acerca do uso de esteroides anabólicos androgênicos, nos esportes, mas, no Brasil não existem publicações substanciais sobre esse tema. A revisão realizada pelos autores teve uma orientação com caráter bibliográfico/exploratório.</p>

Tabela 3 - Repositório Institucional LUME UFRGS

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL LUME UFRGS	
AUTOR(ANO)	RELEVÂNCIA
Da Silva (2005) PPG Ciências Médicas: Endocrinologia	<p style="text-align: center;">“Prevalência de uso de agentes anabólicos androgênicos em praticantes de musculação da cidade de Porto Alegre.”</p> <p>Dissertou acerca da prevalência do uso de esteroides anabólicos androgênicos, outros hormônios (como o Hormônio do Crescimento), suplementação e outras drogas em praticantes de musculação da cidade de Porto Alegre. O artigo principal da dissertação, desenvolvida no modelo escandinavo, apresenta um estudo que utiliza um questionário aplicado em 288 indivíduos sorteados de uma amostra de 13 academias de musculação da cidade de Porto Alegre. Novamente, como nos estudos anteriormente citados, o Decanoato de Nandrolona (comercializado com o nome de Deca-durabolin) está entre os anabolizantes mais utilizados entre os praticantes de musculação da cidade, juntamente ao Estanozolol.</p>
Cesaro (2012) PPG Ciências do Movimento Humano	<p style="text-align: center;">“Os ‘alquimistas’ da vila: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre”</p> <p>Dissertou acerca das práticas corporais realizadas por homens frequentadores de uma academia de musculação da zona sul de Porto Alegre almejando um corpo hipertrofiado (adequado aos padrões estéticos contemporâneos).</p>
Jaeger (2009) PPG Ciências do Movimento Humano	<p style="text-align: center;">“Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo”</p> <p>Jaeger (2009) desenvolveu sua tese de doutorado intitulada “Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo”. A autora utiliza a análise de discurso foucaultiana para abordar, sob a perspectiva dos Estudos Feministas, Estudos de Gênero e Estudos Culturais, as representações construídas sobre as arquiteturas corporais dos corpos femininos deste campo esportivo. Na produção de Jaeger (2009) é perceptível o grande investimento por parte destas atletas e a constituição de uma “feminilidade plural”, a partir dos re-significados destes corpos.</p>
Ainda no LUME UFRGS, encontrei produções que tangenciam, de certa forma, o tema em questão deste Projeto:	
Nunes (2004)	Título: “Corpos na arena: um olhar sobre as artes marciais combinadas”
Silva (2003)	Título: “O debate ético e bioético na Educação Física”
Produções disponibilizadas no Google Acadêmico após qualificação do Projeto	
Grespan (2014) PPG Ciências do Movimento Humano	<p style="text-align: center;">“Mulheres no octógono: performatividades de corpos e de sexualidades.”</p> <p>Grespan (2014) dissertou acerca das mulheres praticantes de um esporte socialmente considerado masculino: o MMA. A autora teve como objetivo principal analisar as performatividades dos corpos e das sexualidades ante os discursos sobre as relações de gênero que permeiam as práticas corporais e esportivas, tendo como base teórica as teorias pós-estruturalistas, os Estudos de Gênero e Queer. A temática anabolizante aparece de forma transversal durante o estudo, além de possuir uma seção própria intitulada “Doping no MMA: as biotecnologias e a performatividade dos corpos”. Como a pesquisa analisou comentários e reportagens sobre o tema, é possível perceber em tais postagens diversos comentários sobre a utilização de anabolizantes pelas lutadoras.</p>
Nunes (2014) PPG Geografia	<p style="text-align: center;">“Geografias do corpo : por uma geografia da diferença.”</p> <p>Nunes (2014), em sua Tese, por meio de uma abordagem da “geografia cultural”, desenvolveu seu estudo acerca das geografias corporais e da geografia da diferença. Em determinado momento da Tese, a temática “anabolizantes” surge, principalmente no que tange às questões estéticas e as “práticas colonialistas na busca de um genótipo dominante”, baseado também, em preceitos corporais.</p>
Manske (2014) PPG Educação	<p style="text-align: center;">“Da educação de atletas biotecnológicos: modos de governo sobre os esportes e doping contemporâneos.”</p> <p>A partir da questão central de pesquisa: “quais os saberes e estratégias utilizados pela Agência Mundial Antidoping (WADA-AMA) para regular os usos das biotecnologias contemporâneas em atletas de alto rendimento e que efeitos decorrem destas práticas no que tange à construção de subjetividades esportivas?” o autor desenvolveu uma tese problematizando as estratégias, aparatos e saberes utilizados pela Agência Mundial Antidoping na regulação das biotecnologias contemporâneas utilizadas pelos atletas de alto rendimento. Como marco teórico, o autor utilizou os conceitos da biopolítica contemporânea e da política da própria vida, com embasamento, sobretudo, nas teorizações de Michel Foucault e Nikolas Rose.</p>

Tabela 4 - Banco de Teses da CAPES

BANCO DE TESES DA CAPES	
AUTOR(ANO)	RELEVÂNCIA
Davison (2011) PPG Antropologia. UnB	<p style="text-align: center;">“Adquiram o corpo que sempre sonharam. Corpos e medicamentos entre consumidores de esteróides anabolizantes e suplementos alimentares.”</p> <p>A dissertação versa sobre os processos de ressignificação dos medicamentos, principalmente os anabolizantes, por meio de entrevistas com médicos, professores de educação física e usuários, bem como análise de documentos, bulas, folders e propagandas.</p>
De Oliveira (2012) PPG em Saúde da Criança e do Adolescente. UNICAMP	<p style="text-align: center;">“O uso de esteroides androgênicos anabolizantes entre adolescentes e sua relação com a prática da musculação”</p> <p>A tese objetivou identificar entre os adolescentes do sexo masculino a relação com a prática de musculação com a finalidade de alteração corporal utilizando os anabolizantes. Foi feito um estudo epidemiológico, sendo que foram submetidos a questionário 3150 adolescentes com idade entre 15 e 20 anos, matriculados em escolas do município de São Paulo. Segundo o autor, os adolescentes praticantes de musculação, na busca pelo objetivo estético, declaram assumir o risco de utilizar os anabolizantes, mesmo sem saber o que são e fazendo isso sem uma orientação profissional</p>
*Nenhuma produção sobre a temática “anabolizantes” foi disponibilizadas no Banco de Teses da CAPES após qualificação do Projeto	

Tabela 5 - Entrevista Episódica

ENTREVISTA EPISÓDICA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA (LUME UFRGS)	
Bastos (2011) PPG Ciências do Movimento Humano	<p>“Legados do Ensino do Esporte na Escola: um estudo sobre o que os professores de Educação Física pensam em deixar para seus alunos ao final do Ensino Médio.”</p> <p>Utilizou como método a narrativa e como instrumento a entrevista episódica, na qual foram entrevistados doze professores de escolas do Ensino Médio da cidade de Porto Alegre. Nesta Dissertação, as entrevistas episódicas foram utilizadas a fim de compreender as relações estabelecidas pelos professores em sua trajetória e a noção de esporte transmitida por eles aos alunos nas aulas de Educação Física.</p>
Da Cruz (2012) PPG Sociologia	<p>“Há outro trabalho na “outra economia”? As relações de trabalho dos trabalhadores na economia solidária.”</p> <p>Utilizou como instrumento a entrevista episódica e a entrevista compreensiva e como método a análise de conteúdo, de enunciação e a categorial. Nesta Dissertação autor utilizou as entrevistas episódicas a fim de compreender o modo com que os “atores sociais” atuam em meio à economia solidária e, também, compreender as relações de trabalho existentes nestas práticas.</p>
De Almeida (2009) PPG Música	<p>“Por uma ecologia da formação de professores de música: diversidade e formação na perspectiva de licenciados de universidades federais do Rio Grande do Sul.”</p> <p>Utilizou como método a análise qualitativa das informações e como instrumento a entrevista episódica. Nesta tese, a autora utilizou as entrevistas episódicas a fim de investigar como estão sendo formados os professores de música para trabalhar com a diversidade presente na sociedade, de modo especial, analisar a condição de reprodução dos discursos e práticas as quais estes são submetidos na Universidade.</p>
Da Soller (2012) PPG Geografia	<p>“O lugar do turista na leitura da paisagem geográfica e sua relação com o ensino da geografia.”</p> <p>Utilizou como instrumento a entrevista episódica e como método o Paradigma da Complexidade. Nesta Dissertação, a entrevista episódica foi utilizada (em conjunto com observações e análises documentais) a fim de investigar a relação do turismo com o ensino da Geografia, a fim de compreender a construção do espaço turístico.</p>
Maciel (2012) PPG Educação	<p>“Um computador por aluno fora do contexto escolar: cenas digitais do <i>plan ceibal</i> na fronteira do Brasil com o Uruguai.”</p> <p>Utilizou como um dos instrumentos as entrevistas episódicas e como método a etnografia e a netnografia. Nesta Dissertação, a autora utiliza a entrevista episódica a fim de identificar as novas formas culturais emergentes, analisando o uso dos computadores portáteis distribuídos pelo governo uruguaio aos estudantes matriculados entre o 1º e o 6º ano do ensino primário das escolas deste país. O estudo também possui uma frente etnográfica (e netnográfica) e utilizou as entrevistas episódicas a fim de complementar as informações obtidas nas observações.</p>
De Vargas (2006) PPG Administração	<p>“A dinâmica da inovação em serviços: o caso dos serviços hospitalares no Brasil e na França.”</p> <p>Utilizou entrevistas episódicas e como método as narrativas. Nesta tese, tendo como foco a investigação sobre o ramo dos serviços hospitalares, o objetivo principal consiste em propor que as inovações nos serviços hospitalares correspondem à evolução das convenções que definem o produto esperado desse serviço, tomando como base o estudo de casos de inovações em hospitais brasileiros e franceses.</p>

<p>Lanfredi (2010) PPG Administração</p>	<p>“A influência dos grupos de referência no comportamento de reclamação do consumidor à empresa.” Utilizou entrevistas episódicas e como método a análise qualitativa de conteúdo. Descreve as ações realizadas pelos consumidores a fim de comunicar a insatisfação com empresas e serviços, sendo que o principal objetivo do estudo está em identificar e analisar a influência destes grupos de referência no comportamento de reclamação do consumidor à empresa. Para tanto, foram realizadas entrevistas episódicas com dezessete consumidores com recente histórico de reclamação e os resultados indicam um papel relevante dos grupos de referência para as escolhas do consumidor sobre como proceder frente à reclamação.</p>
--	--

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista episódica:

Nesta entrevista eu irei pedir várias vezes que conte situações em que você teve certas experiências com anabolizantes, principalmente como você obteve os primeiros conhecimentos sobre eles e como foi desenvolvendo e incrementando este conhecimento.

1. O que significa anabolizante para você? O que você associa com a palavra anabolizante? Fale sobre a possibilidade de ser um marombeiro “reconhecido” pelo grupo sem usar anabolizantes?
2. Você pode me falar sobre a importância que está em aprender a utilizar o anabolizante?
3. Você pode me contar como foi sua primeira experiência com os anabolizantes? Você sabia o que estava fazendo? Poderia, por favor, falar sobre isso?
4. Como você obteve estes primeiros conhecimentos sobre os anabolizantes? Poderia me relatar um fato em que você aprendeu sobre o uso dos anabolizantes?
5. Se você for pensar no seu dia de ontem, ou na semana passada, você observa se, em algum momento destes, o fato de ter utilizado anabolizantes contribuiu de forma boa ou ruim? De que forma os outros te tratam sabendo do fato que você domina o uso dos anabolizantes? Eles (que não dominam o uso dos anabolizantes) chegam a agir de alguma forma diferente contigo?
6. Alguma coisa mudou em sua vida depois que você aprendeu as técnicas de utilização dos anabolizantes? Qual a função deles para você hoje? Poderia me contar uma situação que mudou após seu domínio sobre estas técnicas?
7. Alguém de seu convívio também domina essa experiência sobre os anabolizantes? Alguém em sua casa, família ou amigos? Como eles vêem este seu conhecimento sobre (ou uso dos) os anabolizantes?
8. O que você associa hoje à palavra anabolizante?
9. Você lembra de alguma experiência que aconteceu com você antes do uso dos anabolizantes ou do conhecimento de como se usam os anabolizantes que, se tivesse ocorrido hoje, aconteceria de forma diferente?
10. Você considera que há uma diferença entre os que utilizam anabolizantes e os que não utilizam? Esta diferença fica só no físico ou também nas está presentes relações? Poderia me contar uma situação em que você percebe diferenças nas relações entre quem usa e quem não usa anabolizantes?
11. Como você faz para evitar os efeitos colaterais e o risco do uso dos anabolizantes? Como você aprendeu a fazer isso?

12. Como você se imagina sem a utilização do anabolizante na construção do seu corpo? Como você estaria?
13. Pensando em toda sua experiência com anabolizantes, você poderia me contar algum momento em que você pensou “nossa como eu fui capaz de usar/tomar isso?”?
14. Qual a procedência dos anabolizantes? De onde eles vem? Quem os fabrica? Quem os vende? Há anabolizantes de “confiáveis” e outros não? Poderia me relatar algum caso que você utilizou algo e não surtiu efeito ou então que você usou e deu muito efeito?
15. Você poderia me relatar o quanto e como você estudou até usar o primeiro anabolizante? Esta utilização foi de forma consciente?
16. Pensando no curso de Educação Física. Em algum momento você pensou “nossa, isso vai me ajudar a ficar mais forte, ou isso vai me ajudar com os anabolizantes”? Pode me relatar como e quando aconteceu?
17. No curso de graduação em Educação Física, como os demais alunos veem o aluno marombeiro? E os professores? Tem alguma situação interessante sobre isso que você gostaria de compartilhar?
18. Tomando como base a afirmação que “A Educação Física é um curso da área da saúde”. Como você se vê se formando em um curso da área da saúde, conhecendo tanto sobre os anabolizantes, sendo que há toda uma propaganda contra o uso deles?
19. Em algum momento você se viu sendo julgado(a) pela utilização dos anabolizantes? Pode me relatar uma situação?
20. Em algum momento você se vê como um artista que pode fazer o desenho do próprio corpo? Pode me relatar um momento em que sente isso? O anabolizante tem alguma influência sobre isso?
21. Que desenvolvimento você espera das tecnologias dos anabolizantes para os próximos anos? O que você acha que ainda há para melhorar nos anabolizantes?

APÊNDICE C

TERMO CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo voluntariamente em participar do estudo intitulado “*O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de graduação em Educação Física*”.

Declaro estar ciente de que o estudo será desenvolvido por Eduardo Pinto Machado, aluno do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e tem como objetivo compreender como ocorre a aquisição, a construção e a compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre os marombeiros, de modo especial aqueles que estudam Educação Física.

Eu, por meio deste, autorizo Eduardo Pinto Machado a realizar os seguintes procedimentos:

- Entrevistar-me a partir de roteiro de entrevistas que aborda episódios sobre a minha trajetória de vida e meu aprendizado sobre o uso de anabolizantes;
- Solicitar uma nova entrevista, caso necessário, para esclarecimentos de questões relativas à primeira entrevista;
- Gravar o áudio da(s) entrevista(s) para posterior transcrição, armazenamento e utilização como depoimento oficial em seu Projeto de Mestrado.

Tal autorização será dada mediante as seguintes condições:

- Em qualquer momento da entrevista, eu poderei me retirar da pesquisa sem prejuízo algum;
- Cada entrevista terá a duração máxima de 60 minutos;
- Todos os dados relativos à minha pessoa serão confidenciais;
- No momento da publicação, não será realizada associação entre os dados publicados e a minha pessoa;
- Em toda publicação referente ao estudo, um codinome será utilizado para que não identifiquem a pessoa que está falando;
- Eu entendo que não haverá compensação monetária pela minha participação nesse estudo;
- Eu entendo que posso realizar contato com Eduardo Pinto Machado, para quaisquer problemas referentes à minha participação no estudo, ou caso eu sentir que haja violação dos meus direitos, através do telefone (0XX51) 99154401.

_____, _____ de _____ de _____.

Nome completo do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do participante: _____

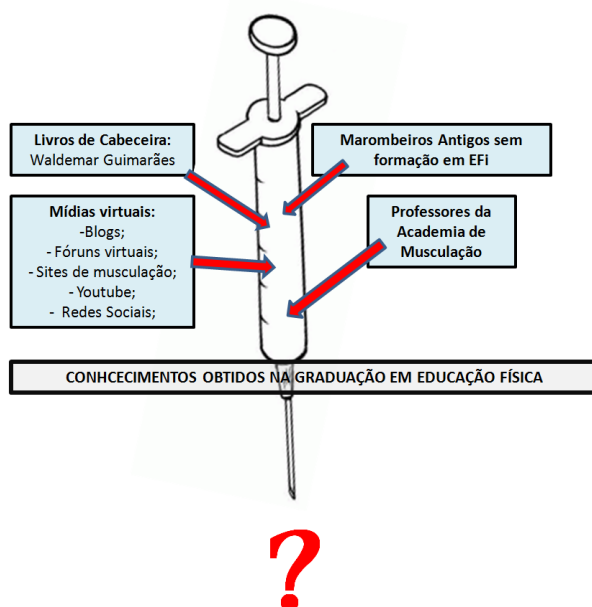
Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

Telefone: (51) 3308 3738.

Av. Paulo Gama, 110/ 7º andar.

Porto Alegre – RS.

APÊNDICE D



ANEXO A

Disponível em http://www.crefrs.org.br/image/placa_advertencia.jpg



PLACA DE ADVERTÊNCIA*

O uso de substâncias químicas de modelagem corporal prejudica o sistema cardiovascular, causa lesões nos rins, no fígado e degrada a atividade cerebral, aumentando o risco de câncer.

CREFRS
Conselho Regional de Educação Física da 2ª Região

* em conformidade com as Leis Estaduais nº 12.542, de 29 de junho de 2006, e nº 13.981, de 25 de abril de 2012.

ANEXO B

Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/04/operacao-contracomercio-ilegal-de-anabolizantes-prende-15-pessoas.html>

09/04/2015 19h38 - Atualizado em 09/04/2015 20h14

Operação contra comércio ilegal de anabolizantes prende 15 pessoas

Operação da Polícia Federal agiu em vários estados do Brasil. Investigação começou há oito meses em Rio Preto (SP).

A Polícia Federal prendeu 15 pessoas em várias partes do país em uma operação que desmontou um **esquema de venda de anabolizante**. A investigação começou há oito meses, depois que uma encomenda foi apreendida numa agência dos Correios, em Rio Preto (SP). Cerca de 150 policiais cumpriram 18 mandados de prisão e 26 de busca e apreensão nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro.

Uma pessoa foi presa em **Itajobi** (SP), no noroeste paulista; outras três pessoas que tiveram a prisão decretada estão foragidas. Três laboratórios clandestinos foram estourados pelo país. Os suspeitos vão responder pelos crimes de tráfico de drogas, falsificação de produtos destinados para fins medicinais e por integrar organização criminosa. As penas variam de três a 38 anos de prisão.

Segundo o coordenador da operação, a quadrilha atuava há mais de cinco anos no país. "A quadrilha se dividia em três grupos, um cuidava do laboratório clandestino, outro do marketing e divulgação da marca e outro do controle de vendas e controle financeiro", afirma Bruno Rigotti, delegado da Polícia Federal.

saiba mais

PF de Rio Preto desmonta esquema de comércio ilegal de anabolizantes



De acordo com investigações, organização distribuía o material pelos Correios e transportadoras (Foto: Divulgação / Polícia Federal)

A investigação foi encerrada nesta quinta-feira (9) em uma operação em quatro estados. Pelo menos 100 pessoas foram identificadas em uma rede de importação de drogas, transformadas em remédios e anabolizantes vendidos no país inteiro.

Segundo a Polícia Federal, a matéria era importada da China. Produtos proibidos que, para entrar no Brasil, eram escondidos em outras mercadorias que chegavam por correspondência. Depois de misturados e transformados em remédios e anabolizantes, as drogas eram vendidas pela internet. “A divulgação do produto era feita pela rede social e pelo uso de e-mail, mas principalmente rede social e fórum de conversa. A organização criminosa pagava diversos atletas para divulgar os produtos”, diz o delegado.

“Eles sempre criaram meios para dificultar as fiscalizações. Partir daí e do laboratório

clandestino no Rio de Janeiro, o produto era rotulado como se fosse um produto mexicano”, afirma Rigotti. A investigação não apontou envolvimento de funcionários dos Correios no esquema.

Durante os oito meses de investigação foram apreendidos aproximadamente 300 quilos de substâncias anabolizantes e outros medicamentos de uso controlado. Há indícios de que a organização criminosa atuava há mais de cinco anos. Estima-se que o lucro mensal da quadrilha era de R\$ 200 mil. Os policiais já identificaram um patrimônio de mais de R\$ 6 milhões em bens móveis, imóveis e contas bancárias ligados à organização criminosa.



Foram apreendidos 300 quilos de substâncias proibidas (Foto: Divulgação / Polícia Federal)

ANEXO C

Disponível em <http://www.radioguaiba.com.br/noticia/farmacia-que-vendia-anabolizantes-e-medicamentos-sem-apresentacao-de-receita-e-interditada-na-capital/>

10 abril 2015 - 12:16

f Compartilhar

Tweet 3 1 0

Imprimir

Farmácia que vendia anabolizantes e medicamentos sem apresentação de receita é interditada na Capital

Ação ocorreu na manhã desta sexta-feira, na Rua dos Andradas, no centro da Capital



Ação do Denarc ocorreu na manhã desta sexta-feira (Foto: Divulgação / Denarc)

Agentes da 2ª Delegacia de Investigações do Narcotráfico, do Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico Polícia Civil, fecharam uma farmácia localizada na rua dos Andradas, na área central de Porto Alegre, na manhã desta sexta-feira. De acordo com o delegado Thiago Lacerda, o estabelecimento fazia a venda de produtos proibidos e sem controle de estoque.

Agentes da 2ª Delegacia de Investigações do Narcotráfico, do Departamento Estadual de Investigações do Narcotráfico Polícia Civil, fecharam uma farmácia localizada na rua dos Andradas, na área central de Porto Alegre, na manhã desta sexta-feira. De acordo com o delegado Thiago Lacerda, o estabelecimento fazia a venda de produtos proibidos e sem controle de estoque.

"Já estávamos monitorando o estabelecimento, junto com os órgãos ligados à área e verificamos que a denúncia procedia. Por conta disso, deflagramos hoje a operação. Apreendemos essa mercadoria que era vendida de forma irregular, sem receita e sem controle de estoque." disse.

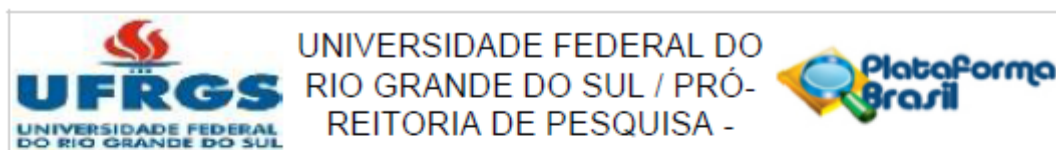
Além disso, anabolizantes também eram comercializados pelo estabelecimento. O espaço já foi autuado várias vezes pelo Conselho Regional de Farmácia por venda de remédios irregulares, sem receita e controle de estoque. A proprietária e uma farmacêutica foram encaminhadas para o Denarc para prestar esclarecimentos.



Fonte: Eduardo Paganella / Rádio Guaíba

ANEXO D

Parecer de Aprovação do Comitê de Ética da UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O aprendizado sobre o uso de anabolizantes entre estudantes de graduação em Educação Física.

Pesquisador: Alex Branco Fraga

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38615014.1.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 943.912

Data da Relatoria: 14/01/2015

Apresentação do Projeto:

O estudo em pauta parte da identificação de que a utilização não-terapêutica de drogas anabolizantes é um fato documentado, tanto por ser prejudicial à saúde, como por ser uma infração penal. Apesar disso, cresce o uso destas drogas em meio à população brasileira, em especial os jovens praticantes de musculação.

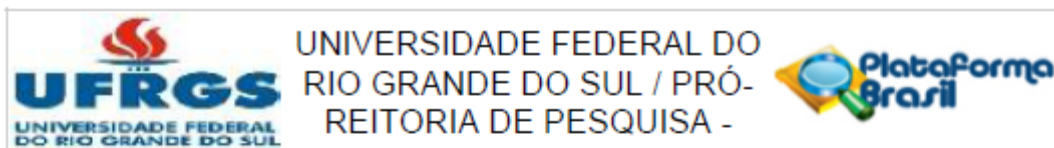
Tendo em vista esses aspectos e a relevância deste tema em relação ao campo da Educação Física, busca-se compreender como se dá o compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre os estudantes de graduação em Educação Física.

Em termos metodológicos será usada a entrevista episódica para a construção do material empírico.

Objetivo da Pesquisa:

"Compreender o processo de aquisição, elaboração e compartilhamento dos conhecimentos acerca do uso de anabolizantes entre os estudantes de graduação em Educação Física".

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-080
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 943.912

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os pesquisadores tratam adequadamente dos riscos relativos à entrevista, afirmando que "os riscos de participar de uma entrevista deste tipo não são maiores do que aquelas encontradas em situações similares, tais como desconforto ou constrangimento com alguma pergunta específica. Caso o entrevistado se sinta de alguma forma incomodado em qualquer etapa da entrevista ou se sinta ofendido social, moral, psicológica ou espiritualmente, poderá solicitar a exclusão da parte específica ou retirar o consentimento referente à participação neste projeto".

Isso está referido tanto no Projeto na Plataforma Brasil, como no Projeto Completo;

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de tema relevante para a Educação Física, que é o uso de anabolizantes, prática corriqueira nas academias brasileiras, espaços de atuação profissional da área. Esse assunto é bastante estudado no que se refere aos seus efeitos sobre o organismo. Porém, nesse caso, a pesquisa se torna bastante importante, por se debruçar sobre o assunto sob o ponto de vista educativo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto completo - apresentado e agora trata das questões de risco. Na nova versão o cronograma contém uma ordenação das atividades adequada e agora refere o número de participantes;

Projeto na Plataforma Brasil - apresentado adequadamente;

Folha de rosto - apresentada e adequada;

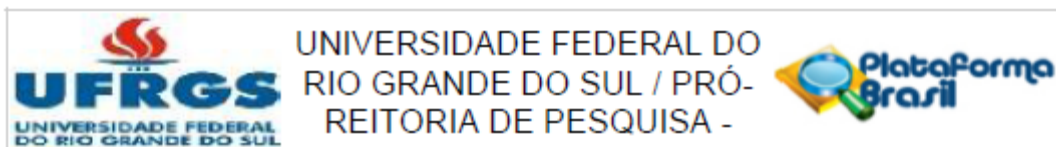
Parecer COMPESQ - apresentado;

Cronograma - apresentado adequadamente, tanto no Projeto na Plataforma Brasil, como no Projeto Completo;

TCLE – apresentado como apêndice ao Projeto Completo: adequado;

Cartas de ciência de instituições – não cabe

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
 Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 943.912

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

APROVADO

PORTO ALEGRE, 03 de Fevereiro de 2015

Assinado por:
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br